



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Isaura Maria Tinoco Barbosa

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Estudo de Caso: Consciência patrimonial de um grupo de
crianças do concelho de Viana do Castelo

Trabalho efetuado sob a orientação do
Doutor Gonçalo Marques

novembro de 2014

“Uma criança, uma professora, uma caneta e um livro podem mudar o mundo”

Malala Yousafzai

Agradecimentos

A entrega do relatório final de prática de ensino supervisionada foi uma longa caminhada de um sonho e a esperança de uma nova página.

Esta caminhada não foi apenas realizada por mim mas pelas pessoas que sempre me acompanharam nesta jornada académica.

Assim deixo sobretudo um especial agradecimento aos meus familiares, pelo encorajamento e pelas ajudas sucessivas nas mais diversas ocasiões. Aos meus pais, pela oportunidade que me propuseram em seguir este sonho, nos grandes esforços financeiros, pelas horas dispensadas a ajudar-me.

Apesar de não verem o fim desta caminhada, e com grande saudade, aos meus avós que tiveram sempre presentes e pelas frases únicas de força nos momentos mais perdidos.

Ao professor cooperante Manuel Lima e à sua turma, por me despertar o gosto de lecionar o 1º ciclo do ensino básico que desconhecia durante a iniciação à prática profissional III de licenciatura e não desistir desta área apesar das dificuldades que atravessamos. Continuamente este agradecimento estende-se ao longo desta última iniciação à prática profissional II no mesmo estabelecimento de ensino, onde fui novamente bem recebida pelo professor cooperante Manuel Lima, através da sua grande amizade, aos auxiliares da ação educativa, encarregados de educação e alunos, que me acompanharam e ajudaram a construir humildemente a base para ser uma boa profissional no futuro.

Aos meus amigos, que sempre me acompanharam e ajudaram nos momentos mais difíceis ao longo destes cinco anos de vida académica e na força nos problemas de saúde que se atravessaram neste período de tempo.

Para a educadora Matilde que abriu as portas da sua sala, oferecendo carinhosamente ensinamentos valiosos sobre as mais diversas estratégias e métodos educativos para potenciar de forma única o bom desenvolvimento da criança.

E por final, ao estimável professor orientador da dissertação de mestrado, Doutor Gonçalo Maia Marques pela disponibilidade e ajuda prestada, pelo incentivo, preocupação e sobretudo amizade desde o primeiro minuto para a realização desta dissertação.

RESUMO

O presente Relatório decorreu no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), durante o terceiro semestre do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, numa freguesia de Viana do Castelo.

A investigação decorreu numa escola de 1º ciclo do ensino básico numa turma de 2º ano, com vinte e cinco crianças.

Este estudo realizou-se com o objetivo de compreender as conceções das crianças sobre património local e a importância para a sua preservação. Por esta razão intitulou-se o presente estudo, com o título: ***Estudo de Caso- Consciência patrimonial de um grupo de crianças do concelho de Viana do Castelo.***

A metodologia é desenvolvida através de estudo de caso de incidência qualitativa. Os instrumentos e técnicas que deram corpo a esta investigação para posteriormente serem analisados foram essencialmente: a observação participante, questionário por inquérito, entrevistas, fotografia e trabalho dos alunos e a cartografia.

Todo o estudo está estruturado por capítulos, de forma a possibilitar uma melhor leitura das etapas percorridas até a análise de dados recolhidos.

Palavras-chave: Estudo de caso; Educação Histórica e Geográfica; Património Local.

ABSTRACT

This Report took place during the curricular unit of Supervised Teaching Practice II (ESP II), during the third semester of Masters in Preschool Education and 1st Cycle Teaching of Basic Education, in Viana do Castelo.

The research took place at a primary school, in a second grade class, with twenty-five children.

This study was performed in order to understand the conceptions of children on local patrimony and the importance of its preservation. For this reason, this study is titled: ***Case Study: Patrimonial Conscience of a group of children in the municipality of Viana do Castelo.***

The methodology is developed through a qualitative incidence case study. The tools and techniques that gave shape to this research for subsequent analysis were essentially: participant observation, questionnaire survey, interviews, photography and student work and cartography.

The entire study is structured by chapters, in order to enable a better reading of the steps taken to analyze the data collected.

Keywords: Case Study; Historical and Geographical Education; Local patrimony.

Índice

Agradecimentos	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
Índice	v
Lista de abreviaturas	viii
Lista de quadros	viii
Lista de Figuras	viii
Lista de Gráficos	ix
Lista de Mapas Itinerários Santamartenses	ix
Lista de Mapas Cartográficos	x
Lista de casa em pasta de moldar	xi
CAPÍTULO I- NOTA INTRODUTÓRIA.....	1
CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II (PES II).....	3
Caracterização da instituição- Organização e funcionamento	4
Caracterização do grupo	7
Componente social.....	10
CAPÍTULO III- TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	12
Orientação para o problema e problemas e questões/objetivos	13
Orientação para o problema	13
Pertinência do estudo	14
Problema e questões de investigação.....	16
Metodologia	17
Metodologia Qualitativa	17
Estudo de Caso	17
Investigação qualitativa em Educação e Ciências Sociais	19
Revisão de Literatura	21
Território e representações geográficas	21
História Local e Património Local.....	23
Estádios Evolutivos das Crianças: a abordagem piagetiana.....	27
Interpretação de Desenhos/Arte Infantil na consciência patrimonial.....	28
Desenvolvimento do desenho em relação aos estágios do desenvolvimento cognitivo de Piaget- Uma visão sinóptica	30

Instrumentos e técnicas de investigação	31
Observação Participante	31
Questionário por inquérito	32
Entrevistas	33
Fotografia e trabalho de campo.....	34
Trabalho dos alunos	35
Cartografia.....	35
Plano de Ação.....	37
Apresentação e análise de dados.....	38
Inquéritos	38
Descrição da atividade	38
Análise dos dados da atividade	39
Entrevistas.....	44
Descrição da atividade	44
Análise dos dados da atividade	44
“A Cartografia”	50
Descrição da atividade	50
Análise dos dados da atividade	51
Desenhos dos alunos (trajeto escola-casa)”	53
Descrição da atividade	53
“A Maquete”	54
Descrição da atividade	54
Análise dos dados das atividades.....	55
“Apresentação do cartaz: “O nosso património” e Mapa Toponímico da freguesia	119
Análise dos dados da atividade	120
Práticas pedagógicas não planificadas.....	123
Visualização de uma curta-metragem/Fotografias sobre a igreja de Santa Marta de Portuzelo	123
Descrição da atividade	123
Questões	124
Análise dos dados das atividades.....	125
Entrevista ao pároco de Santa Marta de Portuzelo	139
Descrição da atividade	139

Análise dos dados da atividade	139
Conclusão	149
Referências Bibliográficas	158
Anexos	162
Anexo 1: Exemplar do questionário realizado aos encarregados de Educação.....	162
Anexo 2: Exemplar do pedido de autorização aos encarregados de educação para a recolha de dados junto dos seus educandos	163
CAPÍTULO IV- REFLEXÃO FINAL	164

Lista de abreviaturas

LBPC – Lei de Bases do Património Cultural

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

PES- Prática de Ensino Supervisionada

NES- Necessidades Educativas Especiais

AE- Apoio Educativo

Lista de quadros

Quadro 1- Recursos existentes no Centro Escolar	4
Quadro 2- Excerto retirado do Programa do 1º Ciclo	15
Quadro 3- Excerto do Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais (2001) ..	15
Quadro 4- Excerto do Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais	16
Quadro 5- Fonte: Di Leo, J. H. (1983). <i>A interpretação do desenho infantil</i> . Trad. de Marlene Neves Strey, Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA.....	31
Quadro 6- Plano de ação de investigação	38
Quadro 7- Características dos mapas itinerários Santamartenses	118
Quadro 8- Questões de PINTO, 2012	124
Quadro 9- Que questões colocarias para tentares saber mais sobre este local?	132
Quadro 10- Questões gerais versus questões específicas	133

Lista de Figuras

Figura 1- <i>Espaço exterior do Centro Escolar</i>	5
Figura 2 - <i>Espaço interior do Centro Escolar</i>	6
Figura 3- Sala de aula	7
Figura 4- Fonte: Biblioteca Nacional: Província de Entre Douro e Minho [Material cartográfico] / sculp. Laurent.	52
Figura 5- Província de Entre Douro e Minho [Material cartográfico] / sculp. Laurent. (pormenor)	53
Figura 6 -Mapa Toponímico da freguesia.....	119

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Disciplinas preferidas dos alunos	8
Gráfico 2- Número de Irmãos por Aluno.....	10
Gráfico 3- Habilitações Literárias dos Pais	11
Gráfico 4- Situação Profissional dos Pais.....	11
Gráfico 5- É natural de Santa Marta de Portuzelo?	39
Gráfico 6- Considera a freguesia interessante do ponto de vista da sua riqueza cultural?	40
Gráfico 7- Acha que estes elementos da cultura e do património da freguesia devem set trabalhados pela escola? Como?	42
Gráfico 8- Elementos.....	45
Gráfico 9- Que importância teria para os que fizeram? E para ti, tem algum valor especial? Porquê?	127
Gráfico 10- Qual o património que preservarias?.....	135
Gráfico 11- Justificações.....	137

Lista de Mapas Itinerários Santamartenses

Registo itinerário Santamartense 1- Elaborado por GT	56
Registo itinerário Santamartense 2- Elaborado por VC	59
Registo itinerário Santamartense 3- Elaborado por MV	62
Registo itinerário Santamartense 4- Elaborado por LF	65
Registo itinerário Santamartense 5- Elaborado por RC	69
Registo itinerário Santamartense 6- Elaborado por IS.....	72
Registo itinerário Santamartense 7- Elaborado por EM	74
Registo itinerário Santamartense 8- Elaborado por SA	76
Registo itinerário Santamartense 9- Elaborado por MF	79
Registo itinerário Santamartense 10- Elaborado por RM.....	82
Registo itinerário Santamartense 11- Elaborado por MV1	86
Registo itinerário Santamartense 12- Elaborado por GV.....	89
Registo itinerário Santamartense 13- Elaborado por TA	91
Registo itinerário Santamartense 14- Elaborado por DA.....	93
Registo itinerário Santamartense 15- Elaborado por SG	95
Registo itinerário Santamartense 16- Elaborado por PP	97
Registo itinerário Santamartense 17- Elaborado por GM.....	99
Registo itinerário Santamartense 18- Elaborado por CC	101
Registo itinerário Santamartense 19- Elaborado por DL	103
Registo itinerário Santamartense 20- Elaborado por AA.....	105
Registo itinerário Santamartense 21- Elaborado por LN	107
Registo itinerário Santamartense 22- Elaborado por RD.....	109

Registo itinerário Santamartense 23- Elaborado por MA.....	111
Registo itinerário Santamartense 24- Elaborado por IA.....	114
Registo itinerário Santamartense 25- Elaborado por MR.....	116

Lista de Mapas Cartográficos

Mapa Cartográfico 1- Elaborado por GT.....	57
Mapa Cartográfico 2- Elaborado por VC.....	60
Mapa Cartográfico 3- Elaborado por MV.....	63
Mapa Cartográfico 4- Elaborado por LF.....	68
Mapa Cartográfico 5- Elaborado por RC.....	70
Mapa Cartográfico 6- Elaborado por IS.....	73
Mapa Cartográfico 7- Elaborado por SA.....	77
Mapa Cartográfico 8- Elaborado por MF.....	80
Mapa Cartográfico 9- Elaborado por RM.....	83
Mapa Cartográfico 10- Elaborado por MV1.....	87
Mapa Cartográfico 11- Elaborado por GV.....	90
Mapa Cartográfico 12- Elaborado por TA.....	92
Mapa Cartográfico 13- Elaborado por DA.....	94
Mapa Cartográfico 14- Elaborado por SG.....	96
Mapa Cartográfico 15- Elaborado por PP.....	98
Mapa Cartográfico 16- Elaborado por GM.....	100
Mapa Cartográfico 17- Elaborado por CC.....	102
Mapa Cartográfico 18- Elaborado por DL.....	104
Mapa Cartográfico 19- Elaborado por AA.....	106
Mapa Cartográfico 20- Elaborado por LN.....	108
Mapa Cartográfico 21- Elaborado por RD.....	110
Mapa Cartográfico 22- Elaborado por MA.....	112
Mapa Cartográfico 23- Elaborado por IA.....	115
Mapa Cartográfico 24- Elaborado por MR.....	117

Lista de casa em pasta de moldar

Casa em pasta de moldar 1- GT	67
Casa em pasta de moldar 2- LF	67
Casa em pasta de moldar 3- RM	84
Casa em pasta de moldar 4- GV	90
Casa em pasta de moldar 5- TA.....	92

CAPÍTULO I- NOTA INTRODUTÓRIA

O presente relatório final de prática de Ensino Supervisionada resultou fundamentalmente de uma curiosidade em torno da importância telúrica da vivência dos alunos na freguesia em que este estudo foi desenvolvido, durante as observações do estágio de licenciatura e posteriormente nas observações da PES II. Essa dedicação foi especialmente verificada no projeto curricular: Aprendizagem do Folclore, adotado pelo Centro Escolar com a cooperação da Escola de Folclore da freguesia.

Após uma breve investigação sobre o património cultural, foi desperta a curiosidade específica para o património monumental, dado o número elevado de monumentos locais, sendo alguns considerados património nacional.

Como sabemos, primeiramente devemos partir da realidade próxima das crianças e somente prosseguir para a descoberta de novas perspetivas. Partindo deste pressuposto é importante que o aluno conheça a sua história local, as suas raízes e crie o seu “eu” harmoniosamente.

Tal facto despertou a atenção em descobrir se os alunos reconheciam o património local, tal como o Folclore Minhoto, surgindo assim o título inicial: *“Estudo de caso: Consciencialização das crianças em torno do Património Local”*.

O público-alvo deste estudo é uma turma de 1º ciclo, composta por vinte e cinco crianças, sendo treze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Destes, apenas quatro alunos não são residentes da localidade em estudo.

Teve por base um estudo de caso, focalizada na metodologia qualitativa projetada, essencialmente, na observação participante, sob a constante reflexão das práticas adotadas.

Com efeito, pretende-se responder às seguintes questões: *Os alunos têm consciência sobre o que é património?; Conhecem o património local e o trajeto existente casa-escola?; Os encarregados de educação conhecem o património que os rodeia na sua área de residência e transmitem esse saber aos seus educandos?; Existe a preocupação de preservar esse património?.*

O respetivo relatório apresenta uma estrutura simples e de fácil compreensão. Assim sendo, está dividido sensivelmente por quatro grandes capítulos: Nota introdutória; Enquadramento da prática de ensino supervisionada (PES II); Trabalho de Investigação e Reflexão global sobre o percurso realizado na prática de ensino supervisionada (PES II).

No capítulo de enquadramento da prática de ensino supervisionada tem como objetivo dar a conhecer o local ao nível das infraestruturas sociais e humanas onde a prática foi desenvolvida, bem como as motivações e dificuldades do público-alvo. Posteriormente, é apresentado o trabalho de investigação, em que encontramos as questões/ objetivos que nos dão a base para toda a investigação, a revisão de literatura, a metodologia utilizada ao longo do trabalho, a análise de dados, bem como as suas conclusões. Também fazem parte anexos fundamentais e toda a referência bibliográfica utilizada durante todo o trabalho.

Ainda noutra capítulo, encontraremos uma reflexão sobre o percurso desde o jardim-de-infância até ao 1º ciclo de ensino básico, falando um pouco sobre as experiências adquiridas e uma avaliação pessoal, ao nível do desempenho pessoal e profissional.

CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II (PES II)

Este capítulo destina-se a fazer uma apresentação da instituição na qual se desenvolveu a prática pedagógica, bem como uma caracterização humana e social sobre o público-alvo e o seu meio envolvente.

Caracterização da instituição- Organização e funcionamento

A presente Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) desenvolveu-se num Centro Escolar, do concelho de Viana do Castelo, numa freguesia semiurbana, com características rurais.

Apresenta uma população com cerca de 3.806 habitantes, segundo o Instituto Nacional de Estatística (2001), sendo que as principais atividades económicas são: a agricultura, indústria têxtil e o comércio.

Relativamente ao estabelecimento possui dois pisos, distribuídos pelos seguintes espaços pedagógicos e funcionais:

Rés-do-chão	1º piso
1 sala do Jardim-de-infância	7 salas de aula para o 1º ciclo
1 sala de aula do 1º Ciclo	Sala de trabalho para professores que funciona também como sala de apoio
Sala de professores	Casas de banhos para alunos, para pessoal docente e não docente, e alunos com deficiência;
Casas de banho para as crianças do jardim-de-infância, para pessoal docente e não docente, alunos do 1º ciclo e alunos com deficiência	Gabinete para material didático
Polivalente	
Gabinete médico	
Uma Biblioteca incluída na Rede das Bibliotecas Escolares	
Sala da coordenação da escola	
Cantina para 200 alunos e gabinetes para produtos de limpeza e armazenamento do suplemento alimentar (leite e fruta).	

Quadro 1- Recursos existentes no Centro Escolar



Figura 1- *Espaço exterior do Centro Escolar*

A nível tecnológico é importante referir que todas as salas estão equipadas com computadores portáteis, sendo que quatro salas estão equipadas com quadros interativos, sendo um material didático bastante vantajoso e funcional.

A sala do 2º ano está equipada com um quadro branco, de um lado da parede um longo quadro de cortiça que permite afixar os trabalhos realizados pelos alunos, armários devidamente divididos para cacifos dos alunos e para o diversificado material, um lavatório com banca, uma mesa separada que permite o apoio individualizado e um retroprojetor portátil.

O polivalente é normalmente utilizado pelos alunos para o projeto curricular – Aprendizagem do Folclore e para a prática de Educação Física-Motora. Está equipado com material diversificado para a prática da educação física-motora, sendo estes adequados à idade das crianças; uma aparelhagem e um retroprojetor utilizado para a componente: apoio à família e diversas atividades. Quando as condições atmosféricas não permitem que as crianças estejam no exterior, o polivalente também é usado como espaço lúdico nos espaços de intervalos entre as aulas.

Relativamente ao espaço exterior ao edifício escolar existe um campo de basquetebol, bastante alargado e na área junto ao Jardim-de-infância há um parque infantil destinado prioritariamente às crianças do Jardim. Assim sendo é um espaço grande, seguro, harmonioso, que permite às crianças desenvolverem principalmente a capacidade de inter-relação e comunicação entre os seus colegas de escola e assim potenciar a sua autoestima e segurança em si mesma.



Figura 2 -Espaço interior do Centro Escolar



Figura 3- Sala de aula

Caracterização do grupo

A turma onde foi desenvolvida a prática de ensino supervisionada é composta por vinte e cinco alunos, sendo doze raparigas e treze rapazes. Destes, dois rapazes são repetentes pela segunda vez neste mesmo ano, sendo que um deles está inserido nas *necessidades educativas especiais* (NEE). Devido a alguns alunos terem algumas dificuldades na aprendizagem, a escola fornece *apoio educativo* (AE) ainda a três alunos.

A turma é bastante unida entre si e educada. Bastante participativa em todas as atividades propostas, sociável e comunicativa com todos os órgãos, energéticos e um pouco barulhentos. A maior virtude é colocarem-se na perspectiva do outro, ou seja, têm espírito de *entrepajuda*, não só com os colegas como também com as professoras estagiárias, professor cooperante e os órgãos da ação educativa. Os alunos que demonstram alguma timidez nas atividades em contexto de sala de aula e recreio, os restantes colegas fazem questão de os integrar no grupo, o que ao longo do tempo, foi visível comprovar, através do aumento gradual da sua autoconfiança, bem como a autoestima.

A maioria dos alunos gosta de ler, as meninas sobretudo sobre princesas, fadas e castelos. Relativamente aos meninos gostam mais de animais e carros, isso denota-se durante o recreio e quando a carrinha da biblioteca visita a escola para os alunos requisitarem e renovarem os seus livros. Outra componente que atrai os alunos são sem dúvida, as tecnologias, em que está em grande patamar, os jogos de computador/tablets.

Nas atividades de enriquecimento curricular (AEC), a maioria dos alunos também participa, sendo que os alunos que não estão matriculados nas AEC, também estão ligados a outras atividades extracurriculares como: desporto, música e dança.

Quando aguçada a curiosidade nas atividades propostas, a atenção e a concentração é despertada, o que proporciona um ambiente agradável e por vezes uma competição saudável entre colegas levando ao reforço das diversas aprendizagens. Durante todo o período de supervisão houve um diálogo mútuo entre professoras estagiárias e professor cooperante sobre quais os alunos teriam mais dificuldades, traçando de seguida um plano para esse mesmo aluno, para que aos poucos essas dificuldades fossem escasseando.

As maiores dificuldades encontradas é na área do português em que uma das maiores lacunas é não compreenderem o que o enunciado transmite, o que faz com que se ressentisse visivelmente nas restantes áreas. Relativamente à área de estudo do meio desde a primeira aula observada explicaram que gostavam de estudo do meio porque “*é sempre uma surpresa. Descobrimos muitas coisas e fazemos experiências*”.

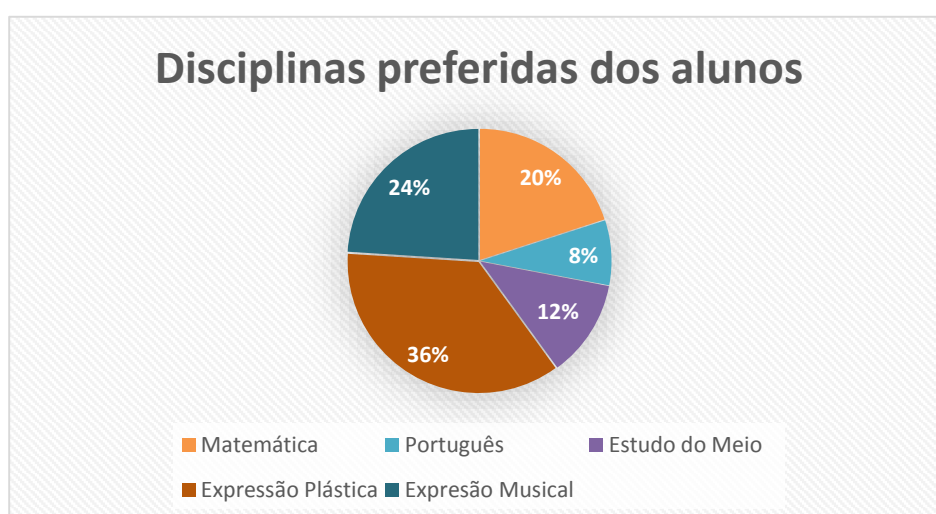


Gráfico 1- Disciplinas preferidas dos alunos

Relativamente aos alunos que apresentam maiores dificuldades, todos eles apresentam um défice mínimo de atenção e concentração durante as aulas e atividades propostas, o que leva conseqüentemente a um aproveitamento bastante aquém do que seria desejável.

Assim o aluno com NEE, apresenta dificuldades em todas as disciplinas menos estudo do meio e expressões. Têm um baixo índice de concentração durante um longo período de tempo, em que é necessário na realização de tarefas um acompanhamento sistemático para a conclusão das mesmas.

Um outro aluno apresenta bastantes dificuldades e está em apoio educativo. Não atinge as competências mínimas, sendo que tem bastante dificuldade na leitura de um texto, sendo afetada a compreensão na leitura/escrita e conseqüentemente afeta o sucesso nas restantes disciplinas, quando lhe são apresentadas fichas de trabalho/avaliação. Relativamente à caligrafia ainda não apresenta qualquer noção espacial, sendo que escreve fora das linhas e a dimensão das suas letras são bastante enormes. Este aluno está em lista de espera para integrar as NEE.

Um segundo aluno também em apoio educativo é muito tímido, sendo que não participa oralmente durante a componente letiva. Têm um défice de atenção mínimo, estando medicado contra a hiperatividade.

O terceiro aluno tem bastantes dificuldades na fala, sendo por vezes difícil a compreensão de algumas palavras. Não está só a ter AE, mas também terapia de fala, para desenvolver a articulação das palavras e fonologia. Com esta dificuldade, apresenta dificuldades na leitura/ escrita, e produz vários erros ortográficos.

Componente social

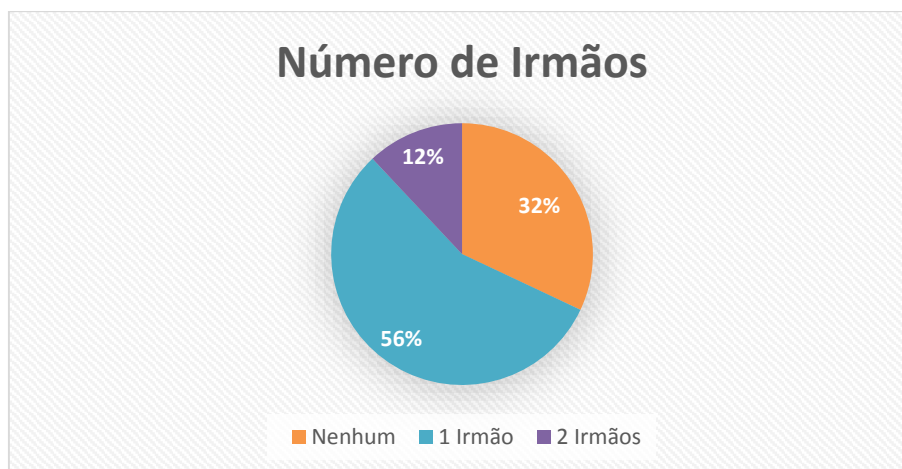


Gráfico 2- Número de Irmãos por Aluno

Os pais dos alunos são bastante participativos na educação dos seus filhos e preocupados com o desenvolvimento escolar.

Nas reuniões, todos os encarregados fazem questão de estar presentes, sendo que na maioria das vezes estão os dois pais e não só o encarregado de educação. São bem visíveis as preocupações com idas à escola fora das reuniões de turma previamente agendadas, ou contacto escrito, através da caderneta escolar dos alunos. Sendo que nesta turma a comunicação escola-casa, esteja fortemente interligada, o que proporciona o desenvolvimento integral do aluno.

Ao nível das habilitações literárias dos pais, pode-se confirmar uma acentuação no 6º ano, 9º ano e 12º ano, sendo significativo que 50% dos pais tenham formação a nível de licenciatura e um com grau de Mestre.

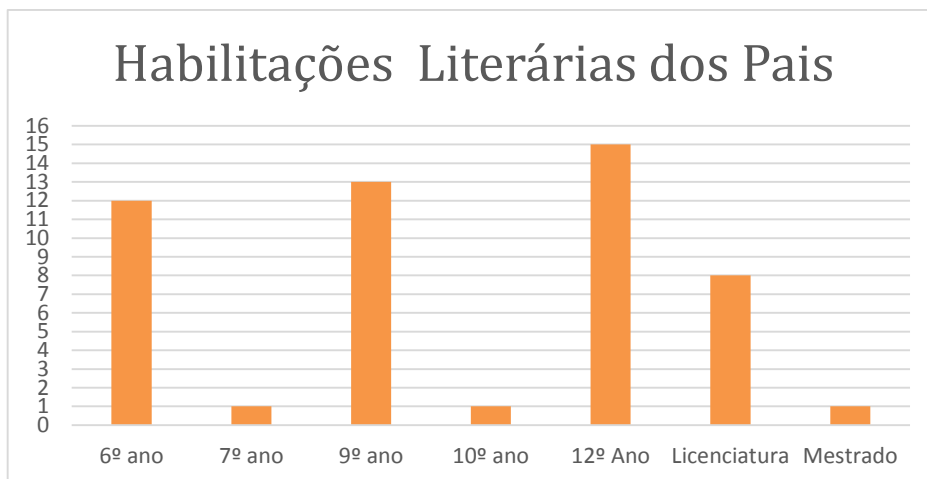


Gráfico 3- Habilitações Literárias dos Pais

Curiosamente, na situação de desempregados estão respetivamente os pais onde essa acentuação se predomina.



Gráfico 4- Situação Profissional dos Pais

Na presente atualidade do nosso país verifica-se que o índice de percentagem de desemprego é bastante elevada. É necessário compreender que na presente turma constatamos três casos de desemprego, num total de cinquenta pais. Sendo que o ideal fosse todas as famílias terem emprego, pois como sabemos afeta a estrutura familiar e por conseguinte os alunos.

Segue-se o III capítulo em que abordaremos todo o trabalho de investigação.

CAPÍTULO III- TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo pretende-se focalizar a orientação do problema, questões/ objetivos, revisão da literatura, metodologia, apresentação e análise de dados, bem como a conclusão que dá respostas às questões inicialmente colocadas.

Orientação para o problema e problemas e questões/objetivos

Neste ponto enunciamos as razões para a escolha do tema, bem como as questões/objetivos da investigação que se centraram ao longo deste estudo.

Orientação para o problema

Na iniciação à prática pedagógica, (PES II) durante o último curso de licenciatura, a minha prática estabeleceu-se no mesmo Centro Escolar que viríamos a lecionar durante o terceiro semestre de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Desde o primeiro contacto com a escola compreendemos a importância da transmissão dos valores histórico-culturais da localidade nomeadamente através do rancho folclórico. Assim, existe uma parceria entre a escola de rancho folclórico e o Centro Escolar, em que uma vez por semana um professor do rancho dirige-se ao Centro Escolar e ensina uma coreografia às crianças desde a sua entrada na escola até ao último ano de permanência na escola. Quando chegam ao último ano apresentam essa mesma coreografia para toda a comunidade escolar e encarregados de educação, bem como respetiva família.

Denotou-se nas diversas conversas entre professores, alunos e comunidade educativa que as tradições e as diversas romarias na freguesia eram vividas de forma intensa entre toda a comunidade, das mais díspares faixas etárias.

A partir desta etapa e com conversas com o professor orientador, refletiu-se que as crianças, além de reconhecerem este tipo de património anteriormente citado, também conheciam o património monumental local.

Nas escolas denota-se a importância de dar a conhecer o património nacional e a sua história, sendo um pouco desvalorizado o património local. Como nos refere o sistema a lei de bases do sistema educativo (1986) deve-se *Contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português, no quadro da tradição universalista*

européia e da crescente interdependência e necessária solidariedade entre todos os povos do mundo.

As crianças devem ter acesso ao significado de património e às várias vertentes onde este conceito é abrangido, desde o património pessoal ao património local. Os docentes têm a obrigação de levar este tema para a sala de aula, pois não só levam um tema importantíssimo como também levam até às crianças sentimentos de pertença de uma comunidade. Bem como dar a conhecer que uma localidade tem uma vida e história que os seres humanos devem preservar como sendo sua.

Por isso o amor à terra pode constituir uma boa razão para a História Local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência (Silva, 1998)

Se ao longo do tempo a escola, os docentes, encarregados de educação e todos os que fazem parte da educação da criança, transmitirem esses valores, através do despontar da sua curiosidade permanentemente, a criança adquire interesse, tomando uma consciencialização sobre a importância da preservação do património local.

Assim sendo, é fundamental incutir aos alunos desde a mais tenra idade o interesse pelo património local, para a consciencialização e para a preservação desse património, para que outras gerações possam admirar a beleza como outros o fizeram.

Como é realçado na lei de bases do património cultural (2001) os cidadãos tem direitos e deveres sobre o património: *Todos têm direito à fruição dos valores e bens que integram o património cultural, como modo de desenvolvimento da personalidade através da realização cultural. Nunca esquecendo que Não poderá realizar-se qualquer intervenção ou obra, no interior ou no exterior de monumentos, conjuntos ou sítios classificados, nem mudança de uso susceptível de o afectar, no todo ou em parte, sem autorização expressa e o acompanhamento do órgão competente da administração central, regional autónoma ou municipal, conforme os casos.*

Pertinência do estudo

Este estudo além da pertinência para a nossa sociedade, é integrado no programa estabelecido pelo Ministério de Educação de Estudo do Meio, o antigo currículo nacional do ensino básico- competências essenciais que apesar de ter sido revogado em 2011,

estabelece linhas importantes sobre este mesmo tema nas salas de aula e as metas curriculares

Os quadros que se seguem expõem aspetos contidos no programa do 1º ciclo, metas na aprendizagem e currículo nacional:

Bloco 4- À Descoberta das Inter-relações entre espaços
<p style="text-align: center;">2º Ano</p> <p>1) Os seus itinerários</p> <ul style="list-style-type: none">• Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas...).• Localizar os pontos de partida e de chegada.• Traçar o itinerário na planta do bairro ou da localidade.

Quadro 2- Excerto retirado do Programa do 1º Ciclo

Como é possível verificar, o programa do 1º ciclo do estudo do meio, não apresenta diretamente itens a desenvolver ao nível do património local. Contudo, os itens descritos são a alavanca das atividades a ser desenvolvidas, sendo assim a base necessária para dar resposta às questões inicialmente colocadas.

A localização no tempo e no espaço
<ul style="list-style-type: none">• Reconhecimento e identificação de elementos espaço-temporais que se referem a acontecimentos, factos, marcas da história pessoal e familiar, da história local e nacional.• Reconhecimento e utilização dos elementos que permitem situar-se no lugar onde se vive, nomeadamente através da leitura de mapas, utilizando a legenda, para comparar a localização, configuração, dimensão e limites de diferentes espaços na superfície terrestre (Portugal, Europa, Mundo).• Reconhecimento e utilização no quotidiano de unidades de referência temporal.• Utilização de plantas e elaboração de maquetas (escola, casa, bairro, localidade), com identificação dos espaços e das respectivas funções.

Quadro 3- Excerto do Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais (2001)

O conhecimento do ambiente natural e social
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento de aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades) e identificação das cidades do seu distrito em diferentes documentos cartográficos (fotografias, plantas, mapas e fotografias áreas)

Quadro 4- Excerto do Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais

Apesar deste documento das competências essenciais ter sido revogado, apresenta vários pontos que se revelam muito pertinentes para o estudo em questão.

Problema e questões de investigação

Na base de um problema de investigação surgem naturalmente questões.

Assim sendo, de forma a estruturar e orientar todo o estudo foram definidas questões orientadoras, à qual se pretende dar resposta no final do estudo:

- I. Os alunos têm consciência sobre o que é património?*
- II. Conhecem o património local e o trajeto existente casa-escola?*
- III. Os encarregados de educação conhecem o património que os rodeia na sua área de residência e transmitem esse saber aos seus educandos?*
- IV. Existe a preocupação de preservar esse património?*

Com o desenvolver do estudo foi necessário refletir algumas das orientações iniciais, tanto por questões de tempo, como disponibilidade dos meios.

Segue-se o capítulo “Metodologia”, onde serão abordados os instrumentos utilizados para a recolha de dados, do presente estudo.

Metodologia

Neste ponto pretende-se dar a conhecer a metodologia utilizada durante toda a investigação, bem como os instrumentos de recolha de dados.

Metodologia Qualitativa

Ao longo deste trabalho, a metodologia apresentada teve como base apresentar resposta às questões/objetivos inicialmente propostos. Assim sendo, todas as atividades desenvolvidas junto dos alunos ao longo das implementações prático-pedagógicas, tiveram como apoio essas mesmas questões.

A metodologia definida tem como base um estudo de caso com base numa metodologia de investigação qualitativa em Educação e Ciências Sociais.

Estudo de Caso

Ao longo do tempo a discussão entre a importância sobre o estudo de caso como um dos métodos das ciências sociais, foi atravessando alterações. Segundo Yin, 2005, p. xi (*cit in* Gomes 2008) o estudo de caso é considerado no século XX, como algo necessitado e pouco fiel aos olhares dos pesquisadores. Segundo ainda este autor considera que nos dias de hoje estas mesmas concepções estão bem patententes.

Contrariamente a esta opinião, Vilabol (s.d) refere que na área da educação tem vindo a existir uma crescente aceitação. Reforçando esta ideia através da sua definição:

É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. (cit in Rodrigo, 2008, p. 3)

Nesta mesma concepção Yin (2009)

defining the research questions is probably the most important step to be taken in a research study, so you should be patient and allow sufficient time for this task. The key is to understand that your research questions have both substance – for example, What is my study about? – and form- for example, I asking a “who”, “what”, “where”, “why” or “how” question? Others have focused on some of the substantively important issues; the point of the preceding discussion is that the form of the question can provide an important clue regarding the appropriate research method to be used.

Assim sendo, este mesmo autor salienta que o estudo de caso implica fundamentalmente uma investigação aprofundada sob o contexto real, em que o próprio investigador detém um desejo de compreender essa mesma realidade.

Para Merriam (1998 *cit in* Cunha, Deus & Maciel, s.d) o estudo de caso qualitativo apresenta quatro características: *particularidade, descrição, heurística e indução*.

A *particularidade* invoca para o estudo de uma situação particular, a *descrição* refere a importância de a investigação ser minuciosa e completa, a *heurística* alude para dois caminhos: novos conhecimentos ou a confirmação do que já é conhecido, e por último a *indução* significa que, os estudos de caso se baseiam na lógica indutiva.

Tudo isto depende da visão e dos procedimentos que o investigador toma para responder as suas questões (Cunha *et al*, s.d). Por tudo isto, é necessário que o investigador esteja consciente sobre as fases do estudo. André (2005, *cit in* Cunha *et al*, s.d) refere que são essencialmente três fases que operam todo o estudo de caso: *fase exploratória*, em que se caracteriza essencialmente por definir o público-alvo, o caso, as questões iniciais, instrumentos de recolha de dados; a *fase de coleta de dados* e a *fase de análise sistemática dos dados*.

Definido o público-alvo o investigador deve ter em atenção a proteção dos sujeitos a ser investigados, assim sendo deve: ter o consentimento, informando o participante sobre o tipo de estudo; proteger sob qualquer dado; proteger privacidade e confidencialidade; proteger grupos vulneráveis como por exemplo crianças. (Yin, 2009)

Ao nível da recolha de dados este autor apresenta-nos seis instrumentos: *documentation, archival records, interviews, direct observations, participant-observation, physical artifacts*.

Referentemente ao nível das entrevistas este salienta que a entrevista adquire um modo mais espontâneo e natural, ou seja, não tem um carácter rígido, que a entrevista estruturada assume. É necessário esclarecer que com isto não quer dizer que não tenha uma linha definida.

Ao nível da observação participante, este refere a sua importância devido a que o investigador pode verificar a realidade de uma perspectiva diferente, isto é, por “dentro”, para que o investigador possa manipular diferentes acontecimentos que vão surgindo ao longo do presente estudo. (Yin, 2009)

Com tudo isto, é possível afirmar *que o estudo de caso não é um método específico de pesquisa, nem uma escolha metodológica, mas uma forma particular de estudo e uma escolha do objeto a ser estudado*. (Stake, 1994, cit in André, 2005, cit in Cunha et al, s.d)

Investigação qualitativa em Educação e Ciências Sociais

A investigação é sinónimo de procura e pesquisa, a que subdivide em duas grandes dimensões: investigação quantitativa e qualitativa. A dimensão quantitativa *usa coleta de dados para testar hipóteses com base na medição numérica e na análise estatística para estabelecer padrões de comportamento* (Sampieri et. al, 2006). Esta ideia é reforçada por Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (1990) que classificam a investigação quantitativa como um processo *experimental, hipotético-dedutivo e verificativo* em que os dados são objetivos e exatos, estando configurados a um sistema numérico, que se traduz a um *contexto da prova*.

Por outro lado, temos a investigação qualitativa, em que está patente todo este trabalho investigativo. Assim, quando nos referimos a investigação qualitativa, estamos a abordar um tipo de investigação que se envolve num *contexto de descoberta* pretendendo dar resposta às diversas questões inicialmente propostas, que devem ser catalogadas para uma melhor análise do tema (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1990).

É importante salientar que em todo o processo de análise se deve ter em consideração a apresentação original do problema, com o objetivo de encontrar as respostas que se procuram (Sampieri et al, 2006). Assim, através de *narrativas verbais e de observações, num contexto natural* pretende-se descobrir informações para responder às questões anteriormente referidas (Bento, 2012)

Biklen & Bogdan (1994) definem como cinco características fundamentais da investigação qualitativa as seguintes:

- 1. A fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;*
- 2. É descritiva;*
- 3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;*
- 4. Tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;*
- 5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.*

Na mesma linha de pensamento de Sampieri (2006) refere que na investigação qualitativa é importante retirarmos do contexto toda a informação possível para posteriormente através dos métodos adequados trabalhar a informação positivamente. É assim necessário salientar que todos os pormenores podem ajudar a estruturar e a solidificar os nossos pensamentos. Assim sendo, todos os nossos sentidos são importantes para a construção deste conhecimento que devem estar em constante alerta.

Revisão de Literatura

Neste ponto pretende-se contextualizar o tema através da revisão da literatura, de forma a fundamentar e a sustentar o nosso estudo com base em livros, artigos e trabalhos de autores especializados neste tema.

Território e representações geográficas

O Estudo do Meio é uma ciência que abarca um conjunto de subdomínios importantes para a envolvência do ser humano na sociedade, neste caso em concreto a criança. Desses subdomínios salientam-se a Geografia e História que integram todo o contexto, sendo importante esclarecer o conceito de Geografia de Portugal, seguindo-se do posicionamento geográfico de Portugal.

Segundo Cortesão (1960), a Geografia é *uma ciência que trata das formas e relevo da crosta terrestre e a sua influência na distribuição de todos os fenómenos, tanto físicos como humanos, que se verificam no nosso globo.*

Assim num relance sobre o mapa político da Europa, é possível verificar que Portugal se localiza na ponta do continente Europeu, virado para a imensidão do oceano atlântico (Medeiros, 1987). Portugal Continental apresenta-se sob a forma de um quadrilátero, preenchendo a maior parte do litoral ocidental da Península Ibérica. A sua extensão atinge, de norte-sul, 561 km e de 160 km oeste-este, correspondendo a uma sétima parte da Península Ibérica (Daveau, Lautensach & Ribeiro 1987). A nível de relevo, apenas 11,6% do território ultrapassa os 700 m de altitude, e 28,9% encontra-se abaixo dos 200 m. O país está dividido em três unidades diferentes sendo elas: maciço antigo, orlas mesocenozóicas e bacia terciária do Tejo e Sado. Relativamente, ao clima, este é caracterizado como estável e seco devido as *massas montanhosas e os anticiclones subtropicais e os ciclones das latitudes médias- que provocam tempo chuvoso* (Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, s.d, p.639). Assim sendo, poderemos afirmar que as chuvas predominam mais no inverno e vão escasseando na aproximação do verão, aumentando

também a temperatura. Nas zonas montanhosas a variação climática é díspar (Daveau et al, 1987).

Em termos de hidrografia, em consequência das condições climáticas os rios e o oceano atlântico, alteram o seu caudal na presença de chuvas (Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, s.d).

Situando geograficamente o local onde foi realizado o estudo, Santa Marta de Portuzelo dista, cerca de 5 km do centro da cidade de Viana do Castelo, sendo a sua extensão de 6,72 Km e o relevo de 240m de altitude (Alberto, Lopes, Machado, Rodrigues & Viana,1990).

Santa Marta de Portuzelo divide-se essencialmente por sete lugares, sendo eles: Portuzelo, St^a Martinha, Igreja (St^a Marta), Petigueiras, Romé, Talharezes e Samonde.

No que se refere à geologia, a freguesia é constituída por várias formações geológicas desde: xistos revestindo uma extensa área da localidade e muito utilizado na construção de casas no passado e granitos sintectónicos que deram formação aos montes de S. Martinho e S. Silvestre, devido à resistência das erosões. A meteorização do granito provocou a criação de terrenos argilosos, no lugar de Fonte Grossa. A nível climático a freguesia recebe influências marítimas devido à proximidade do estuário do Lima. A nebulosidade é uma das características presentes durante o ano, sendo que os meses de Verão apresentam o maior número de horas a sol descoberto, contrariamente aos meses de dezembro e janeiro. A amplitude térmica exhibe nos meses de junho, julho e agosto os valores mais elevados. (A precipitação ronda os 1500mm, distribuídos ao longo do ano). Por consequência destas características é possível a verificação constante de nevoeiro no terminal do estuário do rio Lima.

No que respeita à hidrografia, Santa Marta de Portuzelo tem algumas linhas de água de extensões variadas, tendo como principais a ribeira de Portuzelo e o seu afluente a ribeira de Santa Martinha, que nascem na serra de Perre e desaguam no rio Lima. Estas linhas de água provocam a existência de argilas e xisto-granítico, causando a impermeabilidade dos solos e permitindo, ao mesmo tempo, o aproveitamento agrícola para a cultura de milho, por exemplo. Grande parte da população desta localidade vive *nos*

espaços mais planos e baixos, sendo este espaço ocupado, também, pela produção agrícola, deixando o restante para a ocupação florestal (Alberto et al.,1990).

Para representar toda a abordagem anteriormente descrita utiliza-se a cartografia, definida por Cortesão (1960) como *arte e ciência de traçar cartas geográficas em que essas formas e relevos têm sido gradualmente registados, através de cuja história se podem seguir e melhor compreender as linhas gerais da evolução dos conhecimentos humanos. À semelhança da definição de geografia usada por Suess (s.d, cit in Clozier, s.d) esta transporta-se para a cartografia, como uma fotografia instantânea em relação às constantes modificações que ela apresenta.*

Segundo Passini (2007, cit in Silva, 2007-2008) é possível verificar no ensino que a cartografia e a geografia andam de mãos dadas, pela constante utilização nos manuais escolares, bem como na diversa literatura geográfica. *O ensino da Geografia e o de Cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é conteúdo e a outra é forma. Não há possibilidade de se estudar o espaço sem representá-lo, assim como não podemos representar um espaço vazio de informações (Passini, 2007, cit in Silva, 2007-2008, p.4).*

A cartografia desde há muitos séculos é utilizada. Sendo importante que o aluno à entrada da escola vá compreendendo através de que materiais pode representar os espaços geográficos: mapas, plantas, maquetes, entre outros (Francischett, s.d).

Segundo Francischett (s.d) refere que a maquete geográfica torna-se um material bastante versátil ao nível da perceção visual, em que os alunos conseguem visualizar todos os elementos constituintes do contexto em que está inserido, ou seja, é um material facilitador da compreensão e interpretação de toda a informação de um local.

História Local e Património Local

Hoje em dia ainda se discute o papel da escola na integração do aluno no meio social (Alves, s.d), pelo que a história local se torna um tema fulcral englobando nas áreas do saber, tentando inserir o aluno de forma natural para o seu desenvolvimento nos deveres sociais e intervenção cívica.

Através das inovações estabelecidas nas aulas; no transporte de *perspectivas didáticas construtivistas*, o aluno começa a refletir sobre o que o rodeia e a retirar saberes necessários para compreender o meio e assim integrasse na comunidade local.

Silva (s.d, p. 383) define a história local como *um campo da história marcado por um paradoxo curioso: desvalorizado ou subvalorizado por alguns sectores mas simultaneamente bem visto e em grande pujança por outros*. Este reforça que a história local é construída fundamentalmente por pessoas que amam a sua terra e querem dar um maior contributo na descoberta das suas riquezas como: história, língua, tradições para que também a possam difundir por outras culturas e criar a valorização necessária para preservar e proteger esta. Nessa linha de pensamento o autor afirma que além do que se pode pensar a história local tem vindo a crescer, bem como, instituições que criam departamentos específicos de história e investigadores que apostam cada vez mais nessa área. Este aumento deve-se a uma maior autonomia fornecida as autarquias municipais que despertam por um maior interesse em conhecer o seu meio local. É importante referir que se deve ter consciência que a história local é diferente da história nacional, como tal apresenta metodologias, objetivos e ambições diferentes.

Ao falarmos da história local, englobamos como subtema o património local, assim sendo a palavra «património» é usada de forma pouco esclarecida, sendo desvalorizada por vezes e por outro lado sendo contemplada de uma forma exuberante por outros. Num passado ainda presente nos nossos dias a palavra «património» tinha significado como ligação direta aos bens materiais de pertença privado como instituições, casas senhoriais (Almeida, 1993).

Segundo Lowenthal (1999, *cit in Barca & Pinto, s.d., p.80*) *conhecemos o nosso passado porque lembramos coisas, lemos e ouvimos histórias e vivemos entre vestígios de tempos anteriores; o passado rodeia-nos e cada acção retém o conteúdo residual de outros tempos*. A partir dos conhecimentos prévios dos alunos constroem-se cadeias de informação cada vez mais concisas e robustas, ou seja, deve-se analisar e desmitificar para garantir o desenvolvimento cada vez mais verdadeiro dessas aprendizagens, compreendendo que fonte não é o mesmo que evidência. Assim, a identidade social local constrói-se através das vivências quotidianas que a comunidade escolar e familiar dos alunos lhes proporcionam.

Na escola, principalmente, deve ser *(re)orientada através da apropriação que cada um faz da aprendizagem sistemática da história* (Barca, 2007, cit in Barca & Pinto, s.d, p.80-81). Assim, os professores nos dias de hoje têm o dever de apresentar o património histórico aos seus alunos como evidência histórica e não apenas como uma imagem. Deve-se levar para a sala de aula objetos do passado contrastando-os com os do presente, para que possam cada vez mais construir uma reflexão concisa do que é realmente património histórico. (Barca & Pinto, s.d). Almeida (1993) reforma esta ideia afirmando que o Património é visto, no presente, como muito mais que um mero monumento.

Relativamente à evidência histórica Ashby (2006) refere que *a história faz diferentes perguntas sobre o passado e é a natureza individual e específica dessas questões que determina o que serve como evidência na validação de qualquer afirmação de conhecimento em resposta a elas.*

A sua história e todas as características próprias cria uma envolvimento e um mistério que trespassa o seu meio envolvente. O local onde foi construído deve ser preservado, e o meio envolvente deve andar de mãos dadas com a nossa sociedade. Assim, este não retira o brilho do monumento, mas cria um pedaço de história sobre todas as mudanças em que estamos envolvidos. As cidades históricas e os edifícios devem ser preservados e restaurados, assim que necessários.

Como referencia Almeida (1993, p.411)

Toda a comunidade humana, qualquer que ela seja, sempre teve e, antropológicamente, terá de ter as suas referências de memória, isto é, os seus «monumentos», mesmo que estes sejam orais. Este seu património cultural é a garantia da sua identidade. «Monumento» é uma palavra que deriva do verbo latino monere, «advertir», «lembrar».

O património não ser apenas recordado como uma nostalgia, deve fazer parte do nosso presente e dos nossos dias.

Assim Almeida (1993) respondeu a três questões envolta desta temática:

- 1) *Classificar para quê?*
- 2) *O que se deverá classificar?*
- 3) *Quais os tipos e níveis de classificação patrimonial?*

Na primeira questão é referido que devemos classificar para proteger, sendo estabelecido uma maior ligação entre o património e a sociedade. Esta reflete e reconhece o seu valor histórico e assegura um maior cuidado e apreço.

No que concerne à segunda questão, a sociedade caracteriza o património, como algo que seja antigo, o novo pode ter a sua importância, mas é assim categorizado devido a ser raro. Se, por um lado, classificar garante o seu valor e segurança, por outro para ser considerado património reconhecido a nível judicial, existem parâmetros rígidos para ser considerado como tal.

Quanto à terceira questão, os tipos de classificação patrimonial estão datados desde o século XIX, e integram três campos de ação: «monumento nacional», «imóveis de interesse público» e «valor concelhio».

Desta forma, a comunidade escolar, familiar e todos os sujeitos intervenientes na educação dos alunos, têm obrigação de transportar esse olhar não só dentro de uma sala de aula, mas também levarem-no para o meio, sendo explorado de forma mais específica pelo professor interveniente. Devem expor-se os locais, objetos, mostrando e fazendo os diversos paralelismos entre a realidade passada com a atualidade e a importância deste ser conservado, pelo que Barca & Pinto (s.d, p. 83) salientam:

...a educação histórica como um processo que não pode ser encarado simplesmente dentro da redoma de sala de aula: os desafios e as potencialidades do ensino e da aprendizagem não estão restritos professor-aluno na sala de aula, mas envolvem o meio em que vivem, os conhecimentos e pontos de vista veiculados pelas suas famílias que frequentam e pelos meios de comunicação de massa a que acedem.

Este conhecimento deve, então, ser apresentado através de atividades variadas para cativar os alunos e assim fomentar a curiosidade natural, pelo questionamento, e pelo património da sua própria localidade. Nesta linha de pensamento os autores supracitados atestam que atividades específicas de história desafiam os conhecimentos prévios dos alunos e proporcionam a compreensão do passado, despertando a consciencialização para preservar o património existente.

Tudo isto, vai levar a uma maior consciencialização e interesse, para preservar o património que o rodeia e a protegê-lo, pois faz parte também do seu “eu”. (Alves, s.d)

O contexto real com o património histórico da localidade do aluno cria uma aproximação mais intensificada sobre a consciência histórica e fomenta ferramentas chave para estimular a reflexão crítica entre o saber histórico e a cidadania.

Assim sendo, leva a que o aluno tenha capacidade de *conhecer-protoger-valorizar-divulgar e difundir*.

Estádios Evolutivos das Crianças: a abordagem piagetiana

Para inserirmos essas mesmas atividades, como foi referenciado, para estimular a consciencialização das crianças, é necessário ter conhecimentos sobre os estados evolutivos das crianças.

Assim sendo, as crianças apresentam-se no estágio das operações concretas aos sete anos de idade, segundo Piaget (s.d., *cit in* Feldman, Olds & Papalia, 2001).

Este mesmo autor considera que neste estágio de desenvolvimento a criança deixa de se centrar em si mesma e recorre as operações mentais para a resolução de problemas, levando assim para a compreensão do ponto de vista do outro. A criança neste ponto de desenvolvimento compreende mais facilmente as distinções entre a **fantasia e a realidade** (capacidade de distinguir o real do imaginativo), **classificação** (inclusão das classes), **raciocínio indutivo e dedutivo** (o raciocínio indutivo a partir de pequenas observações para chegar a conclusões, enquanto que o dedutivo principia-se de uma confirmação global de uma situação), **causa e efeito** (uma causa, isto é, uma situação leva a determinadas consequências), **seriação e inferência transitiva** (ordenar segundo um critério), **pensamento espacial** (perceção entre o espaço e o tempo, num determinado momento através de relações espaciais), **conservação** e o **número e a matemática**.

É importante referir que nem todos os autores assentam na mesma ideia que Piaget. Segundo Barca & Gago (2001) referem que é mais importante categorizarmos a criança a partir da sua realidade social, ou seja, o mundo em que vive, do que estagnarmos

e apenas classificar por estádios de desenvolvimento, pois uma criança de doze anos pode ter a mesma opinião sobre algo que uma criança de sete anos.

Nesta mesma linha de pensamento *o desenvolvimento do raciocínio histórico processa-se com oscilações e não de uma forma invariante. Tanto crianças como adolescentes poderão pensar de uma forma simplista, em determinadas situações, e de uma forma mais elaborada noutra.* Lee (1994, cit in, Barca & Gago, 2001, p. 241)

Estudos indicam que a leitura de fontes pelos alunos tem um reportório de opiniões cada vez mais diversificadas, e essas mesmas fundamentam-se através do seu passado e das suas vivências. Esta mesma perspetiva leva a que o aluno se interesse mais pela sua história levando a *um esforço de compreensão histórica.* (Barca & Gago, 2011)

Nesta mesma linha de pensamento Schmidt & Garcia (2008) salientam o facto de os conteúdos abordados deverem suscitar uma ligação com o dia-a-dia não só do aluno, mas também do professor, para que ambos tenham uma boa interligação nas atividades a serem trabalhadas. Assim, é preciso olhar de forma criteriosa sobre *as diversidades e desigualdades que compõem a realidade social*, criando atividades que vão de encontro aos interesses da criança, deixando-a predisposta a conhecer realidades mais alargadas.

Interpretação de Desenhos/Arte Infantil na consciência patrimonial

Qual a razão de as crianças desenharem de determinada maneira? (Goodnow, 1987, p.9)

A interpretação dos desenhos infantis continua a ser questionada por muitos autores, bem como docentes e intervenientes ativos na educação das crianças. Estes por mais misteriosos que sejam aos olhares dos adultos, poderemos retirar informações importantes sobre o seu estado cognitivo, emotivo e ajudá-la a ultrapassar algumas barreiras.

A interpretação de desenhos é um dos recursos necessários para a avaliação das capacidades cognitivas, afetivas e sociais quer por professores, como psicólogos. Segundo Goodnow (1987) os desenhos no nosso olhar são *bonitos*, mas por vezes apenas ficamos com essa compreensão e não desmistificamos o que está por detrás do desenho e o que a

criança quer verdadeiramente transmitir. Através dos desenhos e da sua forma de comunicação conseguimos organizar esse *mundo complexo* para o compreender.

A interpretação infantil suscitou interesse em 1930, em que houve um crescimento acentuado de questionamentos sobre estes e em que foram encontrados estudos mais elaborados o que possibilitaram a mudança de um novo olhar para a importância que se deve dar a este tema. Ainda nesse mesmo ano, esta traduziu-se na preocupação com a educação. Em 1950, a Psicologia utilizou como diagnóstico para medir o nível de intelectualidade e estado emocional dos seus pacientes.

Tudo se considera desenho, o fato de *copiar* uma imagem simples, como uma figura geométrica é considerada desenho, sendo difícil analisar tantas entrelinhas e criando várias suposições de análise.

Assim a mesma autora levanta questões como: *para que testamos? e como podemos ou deveríamos fazer?*. Estas questões são respondidas segundo Di Leo (1983) através da análise estatística regularmente usada para comparar assim a: confiabilidade e validade dos desenhos. Ou seja, coloca-se certa interpretação como hipótese e essa é quantificada sobre o número de vezes que se regista, tendo por base o mesmo significado. Este indicador, por vezes pode ser limitado e controverso, devido que como já sabemos, não existem duas crianças iguais, sendo que se deve ter em conta todos os passos para a interpretação do desenho. Assim deve-se ter algum cuidado nessas teorias devido ao perigo de ao longo do tempo se tornar falsa. Deve-se ainda ter em conta vários aspetos na interpretação de desenhos sendo estas: se foi pedido por alguém tendo um tema fixo e assim limitar um pouco a criança ou se simplesmente foi um desenho livre.

Uma das hipóteses colocada por Di Leo (1983) para assegurar a devida interpretação é o questionamento direcionado à criança, sobre seu próprio desenho. Este pode trazer informações novas e pertinentes, que vão alcançar a veracidade e assim ultrapassar a barreira da linguagem. Assim sendo, a criança, pode ser analista, do seu próprio desenho. É necessário é a forma de questionamento dirigido à criança. Questões como: *O que é isto?*, pode reencaminhar para uma resposta sem relação ao significado verdadeiro, devido a estarmos a especificar diretamente algo, enquanto se colocarmos a questão *fala-me alguma coisa sobre o que é isto*, estamos a descobrir as diversas

possibilidades patentes. O ato de mostrar um desenho a um adulto pode ser um indicador de uma *atitude, pensamento ou sentimento*.

As crianças em ensino formal contribuem significativamente para a interpretação do seu próprio desenho, facultando *associações e contexto*.

Seguindo esta mesma linha Freitas & Solé (2003) afirmam que a criança cria assim uma narrativa sobre o seu próprio desenho. Em que se constata através deste o desenvolvimento da imaginação, criatividade, bem como as aprendizagens até aí adquiridas, seguindo o padrão *do concreto para o abstracto, do conhecido para o desconhecido*, dando a conhecer ao outro como ela se vê a si própria, bem como o mundo que a rodeia.

É fundamental que o avaliador durante a interpretação esteja ciente quanto à idade da criança, bem como o seu nível de desenvolvimento. É fundamental esta pesquisa para uma compreensão fundamental e verdadeira.

No quadro seguinte podemos visualizar a comparação entre o nível cognitivo da criança e o estado evolutivo do desenho da criança.

Desenvolvimento do desenho em relação aos estágios do desenvolvimento cognitivo de Piaget- Uma visão sinóptica

Idade Aproximada	Desenho	Cognição
4-7	Realismo intelectual Desenha um modelo interno e não como é visto realmente. Desenha o que sabe que deveria estar ali. Mostra pessoas através das paredes e através do casco dos barcos. Transparências. Expressionismo. Subjetivismo.	Estágio pré-operacional (fase intuitiva) Egocentrismo. Visão subjectiva do mundo. Vivida imaginação. Fantasia. Curiosidade criativa. Focalizado em apenas uma característica do tempo. Funciona intuitivamente e não logicamente.
7-12	Realismo visual A subjetividade diminui. Desenha o que é realmente visível. Não há mais a técnica do raio x (transparência). As figuras humanas são mais realistas,	Estágio das operações concretas Pensa logicamente sobre as coisas. Não mais dominado por percepções imediatas. Conceito de reversibilidade: coisas que eram o mesmo

	proporcionais. As cores são mais convencionais distingue o direito do esquerdo na figura desenhada	permanecem o mesmo, até quando a sua aparência possa ter mudado.
12+	Com o desenvolvimento da faculdade de crítica, a maioria perde o interesse em desenhar. Os talentosos tendem a perseverar.	Estágio das operações formais Encara a sua produção criticamente. Apto para considerar hipóteses. Pode pensar sobre ideias e não apenas sobre aspectos concretos de uma situação.

Quadro 5- Fonte: Di Leo, J. H. (1983). *A interpretação do desenho infantil*. Trad. de Marlene Neves Strey, Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA.

Instrumentos e técnicas de investigação

Observação Participante

Nesta investigação a observação foi de carácter participante desde o início até à conclusão do mesmo.

Segundo D´antola (1976) a observação acompanha-nos desde a era primitiva e desempenha um papel importante até aos dias de hoje nas mais diversas funções.

Assim observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo final ou organizador e dirigido para recolher informações sobre ele (De Ketele (1980,p.27) cit in De Ketele & Roegiers (1993).

As vantagens deste método permitem-nos sobretudo: desenvolver a capacidade de conhecer os comportamentos do aluno no seu meio natural, bem como as suas inter-relações interpessoais (D´antola, 1976). Isto é, podermos observar como o aluno reage às diversas situações quotidianas no seu meio natural, neste caso na sala de aula, servindo de um complemento essencial para as outras técnicas utilizadas.

Na entrada de uma pessoa considerada *desconhecida* no contexto de um aluno, Bogdan & Biklen (1994) afirmam que é importante o investigador adquirir uma forma

singular perante o contexto, de forma a não alterar os comportamentos dos alunos. Assim, se este, ao longo do tempo conseguir-se interiorizar de forma natural no dia a dia dos alunos, permite-lhe a recolha de dados cada vez mais fiáveis e verdadeiros. Nesta mesma linha de pensamento De Ketele & Roegiers (1993) maximizam a importância do contexto nos fornecer demasiada informação, em que o investigador ao longo do tempo deve *seleccioná-la* para retirar apenas o essencial para posteriormente *codificá-la*. Assim sendo, a partir das observações conseguimos conhecer os alunos e assim constatar se as questões iniciais para o problema proposto para esta investigação adequavam-se ao contexto e aos alunos de forma a construir uma sequência e uma mudança no pensamento destas e nas pessoas que se envolvem na sua educação. Estas questões foram ao longo do tempo moldadas, bem como o problema proposto devido a esses mesmos comportamentos observados.

Questionário por inquérito

Um questionário torna-se uma ferramenta essencial para retirar informação de forma rápida junto de uma população.

Nesta visão de pensamento De Ketele & Roegiers (1993) definem inquérito *um estudo de um tema preciso junto de uma população, cuja amostra se determina a fim de precisar certos parâmetros*. Nesta mesma linha de pensamento Tuckman (1994) reforça que os questionários servem para medir os conhecimentos de uma pessoa, bem como compreender a forma como ela pensa sobre determinado assunto.

Nesta investigação a amostra pretendida englobava os encarregados de educação do nosso público-alvo. O questionário foi entregue junto destes através dos alunos, em que foi salientado a pertinência do questionário para esta mesma investigação, bem como o esclarecimento que toda a informação recebida era trabalhada de forma anónima, de forma a proteger e salvaguardar os interesses dos mesmos.

Foram realizadas apenas três questões, devido a serem vinte e cinco inquéritos fornecidos e ao tempo disponível para analisar toda a informação recolhida.

Estas, segundo Tuckman (1994) têm dois tipos de carácter: diretas e indiretas. A questão direta é a considerada *óbvia*, ou seja, fechada, enquanto que a questão indireta é aberta, estas podem nos dar diversas vantagens como: *mais informação; muitas vezes dão informação mais «rica» e detalhada e por vezes dão informação inesperada.*

Este inquérito foi um dos pontos de partida para a investigação deste trabalho e um ato de reflexão indireto para os encarregados de educação sobre o tema proposto. Uma das finalidades foi estabelecer uma ponte de ligação entre as ideias prévias dos alunos com os encarregados de educação, em busca de uma comparação mais vasta e alargada das diversas perspetivas.

Entrevistas

“A observação situa-se no presente, enquanto a entrevista permite, por um lado, regressar ao passado” De Ketele & Roegiers (1993)

A entrevista foi a primeira etapa de recolha de informação junto dos alunos. Esta efetuou-se individualmente, num espaço familiar das crianças, o que provocou sem dúvida, um à vontade para responderem livremente à questão principal.

A entrevista procede-se numa conversa entre duas pessoas, em que na investigação qualitativa tenha como principal objetivo a recolha de dados (Bogdan & Biklen, 1994).

Inicialmente, o investigador deve focalizar-se em criar um ambiente confortável com o entrevistando de forma a que este esteja tranquilo de forma a criar uma certa informalidade para um melhor entendimento entre os dois intervenientes. Assim sendo, a professora estagiária optou por realizar a entrevista numa sala conhecida dos alunos. Quando chegaram à mesma, encontraram uma câmara fotográfica, o que os deixou surpreendidos e curiosos. Este ato levou-os intuitivamente a colocarem imensas perguntas sobre a sua presença nessa sala, o que a professora estagiária esclareceu de forma breve.

Neste tipo de investigação, a entrevista assume-se como aberta, ou seja, ao longo do trabalho focalizou-se no tipo de entrevista semiestruturadas, estas englobam uma questão principal e ao longo da entrevista o investigador coloca mais perguntas, se

necessário com o objetivo de retirar mais informações, moldando subtilmente a conversa (Sampieri et. al, 2006)

Ao longo da entrevista o investigador pediu aos alunos para que explicassem melhor alguns dos trajetos definidos, pedindo ao longo desta, pontos-chave, em que estes com exemplificaram com alguns gestos.

Fotografia e trabalho de campo

A fotografia é cada vez mais um dos materiais fundamentais nas metodologias de investigação. Nesta linha de pensamento Bodgan & Biklen (1994) referem que *uma máquina fotográfica pode ser utilizada de uma forma simples, para fazer o inventário dos objectos no local de investigação. (...) o que está escrito no quadro (...) podem ser registados para futuro estudo e análise.*

É uma forma de congelamento sobre uma situação que nos pode fornecer dados importantíssimos de um determinado comportamento, numa determinada situação passada. Ao revermos as fotografias a nossa memória relembra pequenos gestos que podem ser determinantes na recolha de dados. Como reforça o fotógrafo Henri Cartier-Bresson

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há mecanismo no mundo capaz de fazê-las voltar outra vez. Não podemos revelar ou copiar uma memória. (Fonte de Acesso Livre na Internet)

É importante reforçar que a máquina fotográfica foi sendo inserida desde o primeiro dia, de forma lenta e continuada para que os alunos se fossem habituando gradualmente à presença deste mesmo, para que nas atividades de investigação não alterasse o comportamento dos alunos. Para reforçar este pensamento os mesmos autores anteriormente referidos salientam que os alunos acabam por ficar “indiferentes” à presença da máquina fotográfica, devido ao longo do tempo fazer parte da rotina e do meio.

Trabalho dos alunos

Na presente investigação existiram atividades que tiveram fundamentalmente como objetivo: compreender numa primeira fase se o património local dos alunos estava presente nas suas vidas, realizando assim em desenho de um mapa com o trajeto escola-casa e por final compreender se os alunos ao longo das atividades adquiriram uma consciencialização sobre o vasto património da sua freguesia, realizando um *brainstorming* em grupo sobre todo o património histórico da localidade.

Este método serviu para retirar diversas informações para dar resposta as questões inicialmente propostas. Nos mapas consegue-se compreender a noção espaço temporal de todos elementos, bem como o que o aluno quer dar a destacar, especificando com legendas os vários marcos. Este ato tornou o projeto mais rico devido a poder-se retirar verdadeiras transcrições dos alunos.

Todo este trabalho permitiu não só fornecer dados e encontrar respostas, mas de uma maneira indireta ir envolvendo os alunos para o interesse do património local.

Assim sendo, de forma sequencializada foi possível compreender as noções prévias sobre o conceito de património, bem como se estes tinham uma relação próxima no seu quotidiano. Ou seja, compreender no fundo se sabem que a sua localidade tem um vasto património e que este deve ser respeitado e preservado.

Cartografia

A utilização da cartografia foi essencial para uma contextualização de localização para os alunos.

Foram distribuídos dois mapas de diferentes épocas para uma comparação entre duas realidades, deixando os alunos à descoberta das diferenças.

O mapa de 1760 da autoria do cartógrafo “Laurent”, foi visualizado de forma digital, através do endereço eletrónico da biblioteca nacional de Portugal, enquanto que o mapa de 1995 foi trazido para a sala de aula em formato de grandes dimensões.

Este método foi eficaz para os alunos compreenderem a localização o formato do próprio país numa dada época e outra e a linguagem utilizada.

Outra ferramenta utilizada foi através da aplicação *Google maps*, em que os alunos puderam explorar melhor os diversos materiais cartográficos, observando numa primeira fase o mundo e reduzindo ao ponto de verificarem com imagens reais as suas ruas e casas, bem como algum património explorado ao longo das aulas.

Para reforçar esta ideia Oliveira (2007, p.24 *cit in* Assis, Costa & Lima, 2012, p.111) referem que

[...] localizar lugares e aspectos naturais e culturais na superfície terrestre, tanto em termos absolutos como relativos; mostrar e comparar localizações; mostrar tamanhos e formas de aspectos da Terra; encontrar distância e direções entre lugares; mostrar elevações e escarpas; visualizar padrões e áreas de distribuição; permitir inferências dos dados representados; mostrar fluxos, movimentos e difusões de pessoas, mercadorias, e informações; apresentar distribuição dos eventos naturais e humanos que ocorrem na Terra.

A enorme riqueza despertou a imensidão de questões e curiosidades dos alunos, levando a que estes transmitissem esse entusiasmo aos seus encarregados de educação e restantes participantes ativos na sua educação, o que levou sem dúvida a que também estes ficassem mais despertados sobre o propósito desta investigação e a atenção como eram realizadas as restantes atividades.

Durante estas mesmas atividades abordamos diretamente outra ciência, a toponímia. Segundo a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (s.d, p. 1685) define como *o estudo dos nomes de lugares habitados e de sítios, de países, ruas e caminhos.*

Todos os lugares são *batizados*, segundo características, mas também depende da pessoa (s) que vai escolher esse nome (Seemann, 2005). Desta forma denominamos *um lugar geográfico depende de dois fatores: a) o sentimento que um lugar é uma entidade que possui uma individualidade que a distingue de outros lugares; e b) a sensação de que um lugar é útil e vale a pena ser denominado. Em resumo, o que é efêmero, “comum” demais ou igual a outros lugares*

não valeria a pena ser registrado. (Encyclopaedia Britannica, 1964, p.63D, cit in Seemann, 2005, p. 210)

“todos os lugares habitados e um grande número de sítios característicos na superfície da Terra têm nomes – frequentemente há muito tempo. A toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas foi a primeira tarefa dos descobridores [...]. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns aos outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço”. (Claval, 2001, p. 189 cit in Seemann, 2005, p. 209)

Assim reforçando a ideia do mesmo autor afirma que um simples lugar quando encontrado dá início a construção de uma história.

Plano de Ação

Ao longo deste estudo foi necessário construir um plano de ação com todas as etapas a realizar em cada mês de forma a organizar e estruturar todas as atividades. A tabela que se segue apresenta essa mesma estrutura:

Ano	Mês	Plano
2013	outubro	<ul style="list-style-type: none">• Escolha do tema de investigação• Formulação das questões/objetivos
	novembro	<ul style="list-style-type: none">• Pedido de autorização aos encarregados de educação• Início da pesquisa bibliográfica• Entrega dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação• Implementação das atividades
2014	janeiro	<ul style="list-style-type: none">• Implementação das atividades

fevereiro março abril maio junho julho agosto setembro outubro novembro	<ul style="list-style-type: none"> • Implementação das atividades • Elaboração do relatório
--	---

Quadro 6- Plano de ação de investigação

Apresentação e análise de dados

Neste ponto pretende-se dar a conhecer as atividades realizadas ao longo do trabalho de investigação, bem como as análises dos resultados obtidos dessas mesmas atividades.

É necessário reforçar que todas as atividades pedagógicas aqui descritas e analisadas foram delineadas segundo as características do público-alvo (idade, número de alunos residentes na localidade de Santa Marta de Portuzelo), trajetória real diária, efetuada pelos alunos: escola-casa e elementos da localidade de Santa Marta de Portuzelo: património nacional/ local. Sendo, assim um estudo de caso focalizado em apenas uma freguesia pertencente a Portugal continental.

Inquéritos

Descrição da atividade

Os encarregados de educação têm uma participação ativa em todos os momentos e fases do crescimento da criança. Assim sendo, incluímos também os encarregados de educação nesta investigação que teve como grande objetivo recolher as suas opiniões sobre este tema central.

Para garantir toda a confidencialidade sobre os mesmos dados, foram informados no cabeçalho de apresentação que o mesmo tinha carácter anónimo.

Apenas foram realizadas três perguntas, devido a não ser cansativo para os encarregados de educação, bem como devido a duração deste estudo de caso, sendo perguntas de carácter aberto/ fechado e de opinião.

O questionário foi entregue a cada aluno no mês de novembro para ser devidamente entregue ao seu encarregado de educação. Sendo que com esta ação, os encarregados de educação despertaram uma maior curiosidade sobre as atividades.

Numa fase posterior relançou-se um olhar superficial sobre as respostas, onde se retiraram ideias para proceder à construção das atividades pedagógicas.

Análise dos dados da atividade

As questões colocadas no questionário entregue aos encarregados de educação através dos alunos teve como objetivo geral compreender as perceções e perspetivas dos encarregados de educação acerca da relação existente entre o património local e os seus filhos.

Para que o questionário fosse respondido com enorme imparcialidade, foi transmitido aos encarregados de educação através do cabeçalho deste mesmo questionário que era totalmente anónimo.

É importante referir que foram assim entregues vinte e cinco questionários, sendo que vinte e quatro foram respondidos. Ou seja, apenas um encarregado de educação, preferiu não fazer parte deste estudo.

A primeira questão a ser colocada foi a seguinte:

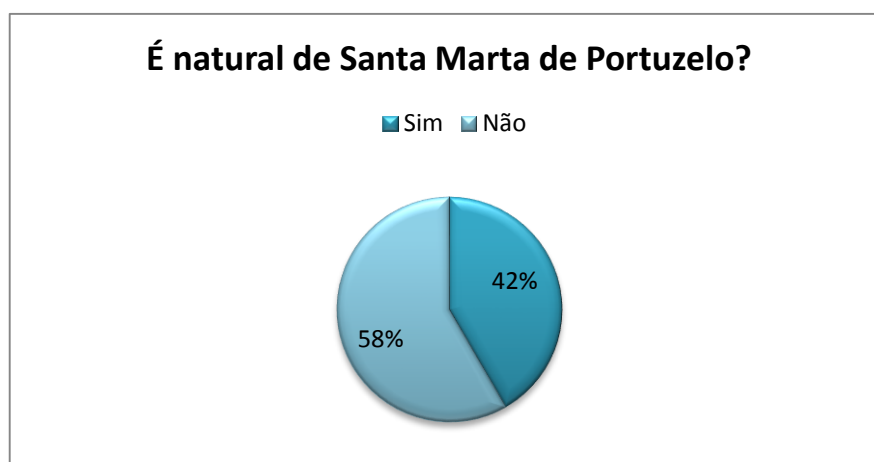


Gráfico 5- É natural de Santa Marta de Portuzelo?

No seguinte gráfico, podemos verificar que a maioria dos encarregados de educação não são naturais de Santa Marta de Portuzelo. Em percentagem numérica real catorze dos inquiridos não são naturais desta localidade, sendo apenas dez os que são naturais de Santa Marta de Portuzelo.

Os números não são muito discrepantes, sendo o que era esperado haver mais encarregados de educação naturais desta freguesia.

A segunda questão tem caráter direto e de opinião, tendo como objetivo retirar a sua própria conceção sobre o tema deste estudo e essencialmente sobre do ponto de vista da riqueza natural da freguesia em questão.

Assim sendo a segunda questão foi a seguinte:



Gráfico 6- Considera a freguesia interessante do ponto de vista da sua riqueza cultural?

Como poderemos verificar pelo gráfico anteriormente apresentado, apenas uma parcela refere que “não” a considera interessante do ponto de vista da riqueza natural e outra não forneceu qualquer resposta. Em níveis numéricos essa pequena percentagem é o correspondente apenas a uma pessoa.

É importante referir que para uma melhor justificação e diferenciação dos dados, através da primeira pergunta os inquéritos foram agrupados em dois grupos.

Sendo que como já foi referido anteriormente foram vinte e quatro os inquiridos em que catorze não são naturais da localidade pertencente a este estudo e os restantes, ou seja, dez encarregados são naturais.

Assim sendo, foi definida uma numeração a cada inquirido. A partir do número um a catorze fazem parte os encarregados não naturais e de quinze a vinte e quatro os restantes.

Através desta numeração são apresentadas as diversas opiniões/ justificações para a qualificação do quadro anteriormente apresentado:

- **Encarregado de educação 5:** *Sim, considero esta freguesia muito interessante do ponto de vista da sua **riqueza cultural**.*
- **Encarregado de educação 7:** *Sim eu considero Santa Marta de Portuzelo uma freguesia com uma grande **riqueza cultural**, tais como o **folclore**, o uso d' ouro nas romarias, grupo de guias, ciclismo entre outras.*
- **Encarregado de educação 8:** *Muito rica em **tradições, património**.*
- **Encarregado de educação 9:** *Sim têm muitas **tradições**, nomeadamente o **folclore**, têm também alguns locais e monumentos que poderiam ser explorados.*
- **Encarregado de educação 10:** *Sim, desde cantares (**grupo folclórico** de danças) até receitas gastronómicas. Costumes.*
- **Encarregado de educação 21:** *Sim, considero a freguesia interessante é rica no **Folclore** de Santa Marta de Portuzelo há também alguns artistas e artesãos e há alguns pontos de interesses arquitectónicos.*
- **Encarregado de educação 23:** *“Sim! Somo privilegiados pela mesma cultura e também por um **espírito bairrista** que nos leva a preservar e cultivar as mesmas tradições”*

Como poderemos verificar pelas opiniões fornecidas os inquiridos não naturais da presente localidade, falam de forma mais específica, referindo quais os elementos mais visíveis de riqueza cultural. Enquanto os restantes inquiridos proferem de forma mais geral. Sendo bastante curioso, devido ao pensamento que advém catalogado, em que à primeira vista é expectável que quem conheça melhor a freguesia sejam os encarregados naturais da própria freguesia e não o oposto.

Apesar de alguns encarregados de educação não serem naturais desta freguesia, reconhecem o valor da localidade do ponto de vista cultural, abordando essencialmente ao nível do folclore, romarias, monumentos e gastronomia.

Num olhar mais específico resalta-nos para as palavras sublinhadas, estas mesmas, fazem uma caracterização muito própria e específica da sua localidade. Algumas palavras entre os encarregados de educação são até mesmo repetidas, dando essa força à verdadeira caracterização dos Santamartenses. Principalmente o Folclore é assim uma prova, do que anteriormente referi e sublinhei no início do presente estudo de caso. É assim verificável que a riqueza cultural e as tradições são fortemente conservadas e preservadas ao longo do tempo.

A seguinte e última pergunta é referente à opinião dos encarregados de educação sobre a importância que deve ser facultada pela escola ao presente tema.

Assim sendo, a última questão é a seguinte:

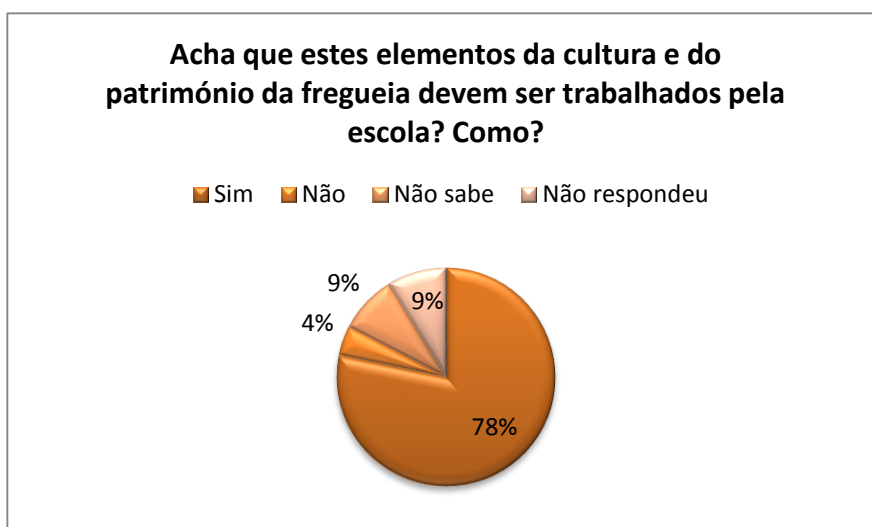


Gráfico 7- Acha que estes elementos da cultura e do património da freguesia devem ser trabalhados pela escola? Como?

No gráfico acima verifica-se que dezoito dos inquiridos consideram bastante importante este tema ser abordado na escola, sendo que um dos inquiridos não considera, dois não sabem e ainda duas pessoas não responderam a esta questão.

Seguidamente podemos verificar as diversas justificações para esta questão:

- **Encarregado de educação 6:** *“Sim. Mostrando e dar a conhecer ao aluno a riqueza cultural da freguesia. Rancho folclórico, as festas, os trajes, a gastronomia, as tradições. Visita de estudos, pesquisa de informação, fotografias, estudar o modo de vida de alguns habitantes*

da freguesia; a agricultura. Entrevistas aos agricultores. Falar de alguns habitantes. Matança do porco, vindimas, a desfolhada. Dar a conhecer as igrejas, as capelas, as alminhas, as ruas, os lugares da freguesia”.

- **Encarregado de educação 8:** *“Sim, fazendo **visitas a locais emblemáticos**. Participando em atividades desenvolvidas pelos vários organismos da freguesia. **Envolver os Santamartenses em actividades organizadas pela escola.**”*
- **Encarregado de educação 16:** *“Sim. Por exemplo visitas de estudo”.*
- **Encarregado de educação 17:** *“Sim, por exemplo fazerem **peças de teatro** referentes á cultura da freguesia”.*
- **Encarregado de educação 18:** *“Sim acho. À semelhança do que já foi feito em anos anteriores, trabalhar o **“tema anual de escola”** indo de encontro aquilo que a freguesia possui (ex: **bordados, gastronomia, espaços convívio, grupo folclórico**) ”.*
- **Encarregado de educação 22:** *“Sim também. Se possível, não só valorizar o folclore, porque Sta Marta terá certamente muito mais para dar. Desde pequenos, penso que é quando se deve ensinar às crianças o valor da cultura, **do património, e ensiná-los a respeita-los. Talvez com visitas se possível**”.*
- **Encarregado de educação 11:** *“Sim, acho. Podem ser preservadas através da partilha de histórias; da **integração em trabalhos da escola**, dos costumes; da **participação nas festas da freguesia** e da partilha dessa experiência”.*

Como poderemos verificar muitos dos inquiridos referem a visita de estudos aos locais para desenvolver este tema (Encarregado de educação: 5, 8, 16, 19, 22).

O encarregado de educação 6 refere o património da freguesia de forma muito específica, referindo desde o folclore, tão conhecido da freguesia até estudar o modo de vida dos habitantes. Também refere e salienta o facto do património histórico, a que este tema foi mais desenvolvido. São, sem dúvida, ideias simples e originais que se podem adequar facilmente às atividades na escola, sendo estas de enorme valor patrimonial.

Entrevistas

Descrição da atividade

As entrevistas realizadas desenvolveram-se no mês de dezembro, mais especificamente no dia 12 de dezembro de 2013.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada aluno, numa sala que serve de apoio a alunos com NEE, sendo escolhida devido a ser um local calmo e sossegado, não possibilitando futuras distrações, que comprometessem as respostas.

A entrevista teve como pergunta-chave: *“Qual o teu percurso escola-casa?”*

Esta entrevista teve como principal objetivo compreender se os alunos tinham alguma consciencialização sobre património. A pergunta era bastante indireta, mas fundamental, pois poderiam enunciar algum património histórico que contactassem diariamente ao longo do percurso escola-casa. Com isto perceberíamos as conceções dos alunos sobre a sua terra e a forma como a viviam e sentiam.

Análise dos dados da atividade

Os alunos, um a um, ao entrarem na sala ficaram surpreendidos e excitados.

Quando se depararam com a câmara fotográfica/ vídeo, fizeram imensas perguntas, ao que a professora estagiária explicou que servia para gravar e depois posteriormente ver/ouvir o que lhe tinham dito, devido a ser muitos alunos.

Ao colocar a pergunta-chave, tivemos duas reações distintas: alguns alunos respondiam diretamente, de forma rápida e sucinta, enquanto os restantes ficavam em silêncio e com alguma hesitação em responder, sendo necessário esmiuçar um pouco mais.

Assim, ao longo da conversa, dirigi-a consoante o aluno presente, colocando por vezes mais algumas questões quando oportunas, de forma a aprofundar e retirar mais informações.

Como anteriormente foi salientado, a pergunta colocada era bastante indireta, mas essencial. Assim sendo, para facilitar a compreensão dos dados, categorizamos, segundo três elementos: **Património; Pontos referenciais da freguesia e Direcções.**

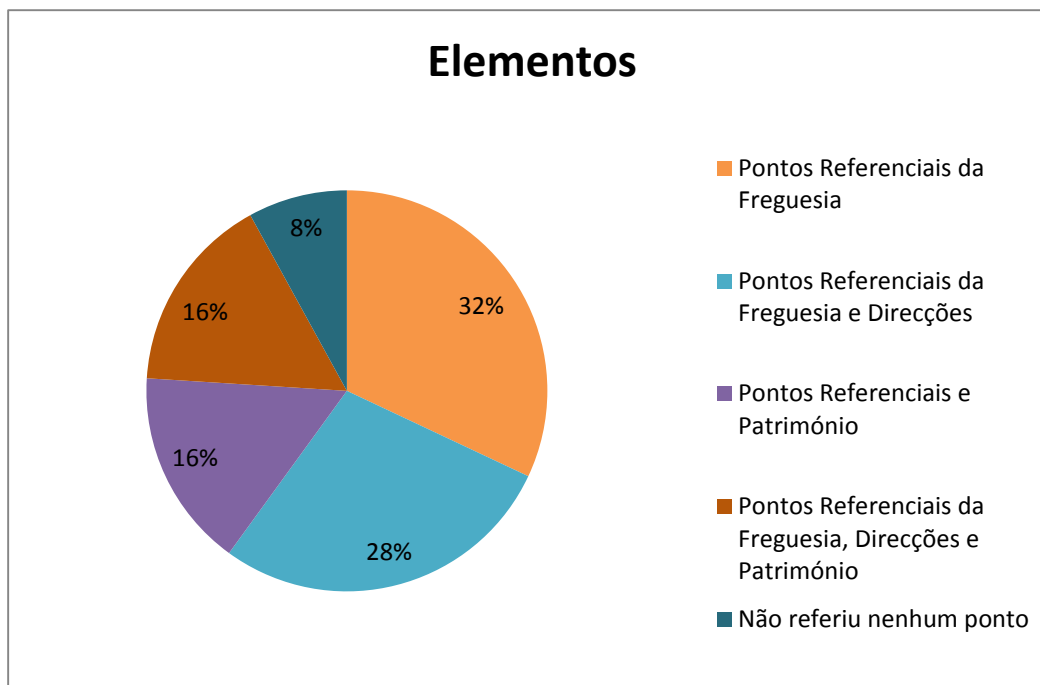


Gráfico 8- Elementos

Como poderemos ver pelo respetivo gráfico nenhum aluno referiu apenas património na sua entrevista e 8% dos alunos não referiu nenhum.

Curiosamente o ponto que verificamos com a maior percentagem é sem dúvida nos pontos referenciais da freguesia, com 32%.

Como podemos verificar nas seguintes transcrições:

- **Aluno CC-** *Passo pela rua dos ramos, passo por todas as casas que estão ali, não é? Pela aquela escola muito grande, pelo centro de saúde, pelo dentista, que nós passamos sempre por assim. Depois passamos, por onde tem aquele, por uma casa que tem, não é bem insufláveis, aquilo que dá para pinchar. Depois passamos por muitas casas. Vimos uma coisa, um carro todo destruído. Passamos pelo caju, passamos por muita coisa.*
- **Aluno EM-** *Passo pelo caju, pelo Pingo... primeiro passo pelo Pingo Doce, depois passo pelo caju e pela junta de freguesia.*
- **Aluno IS-** *Pela escola, por onde se vem, que é por este lado e vou sempre, aquela rotunda lá, passo por um café, sinal de stop, uma paragem de camionetas e chego a casa.*

- **Aluno MV-** *Passo por o centro de saúde, o camelo, a farmácia, o parque.*

Nas transcrições acima descritas, os alunos apenas nos informam de pontos referenciais da freguesia. Em que desses mesmos pontos não está presente nenhum património. Além de não terem referenciado o património, também não se verifica a presença de direções, o que faz com que a informação transmitida seja pouco coesa e perceptível para compreender onde se localizam todos os pontos.

Embora pelos diálogos tenhamos informação por onde passam, não podemos categorizá-la como certa, pois como é o caso do aluno EM. Ele não tem muita perceção de quais os pontos referenciais que passa primeiramente, trocando-os de seguida. Esta insegurança também nos dá os diálogos do aluno CC e MV. Diferentemente do que acontece com o aluno IS, que parece compreender quais os pontos referenciais que vêm em primeiro lugar e finaliza a conversa com o ponto de chegada: “e chego a casa”.

De seguida, com uma percentagem de 28% temos os Pontos referenciais da freguesia e as direções:

- **Aluno GM-** *Passo por um café e por outro café e depois passo pela casa da Cláudia e desço uma descida. Depois sobe um bocado, depois vai um bocadinho em frente, vira-se e depois vira-se para o outro lado e já é a minha casa.*
- **Aluno LN-** *Eu vou, eu vou sempre pela Samonde, vou pela primeira casa, vou sempre, passo pelo, passo pelo, passo pela casa da tia do Diogo, também passo por o camelo, vou e viro logo onde diz centro escolar profissional e depois viro logo e depois passo pela outra escola, acho que é de adultos, vou sempre, faço a curva, vou pela outra curva e já estou na escola.*
- **Aluno SG-** *Passo por, assim, aqui esta o portão da escola, depois assim, sempre em frente, depois à aqui umas casinhas e o café aqui, vou por aqui, depois vou por aqui, passo pelo camelo, depois vou por ali, onde tem a parede e um café ao lado. Depois vou sempre em frente, depois vou assim e viro, tem ali uma casa, vou sempre em frente e depois tem o portão.*
- **Aluno PP-** *Quando chegar ali aos semáforos, viro pra direita, depois da união doce vou sempre em frente, depois tem quatro cruzamentos, vou pela calçada. Depois vou, é a casa do Simão, depois vou sempre em frente, viro, depois é a via rápida, passo, vou sempre em frente, viro...*
- **PE-** *Viras à direita ou à esquerda?*

- **Aluno PP-** *Direita. Depois vou, viro outra vez à esquerda e depois à direita e é a minha casa.*

Pela primeira vez visualizamos que o aluno transporta para o seu diálogo, além dos pontos referenciais da freguesia, pontos pessoais, ou seja, no seu diálogo coloca a residência dos seus colegas de turma e também a residência de familiares dos seus colegas. É o caso dos alunos: GM (*pela casa da Cláudia*), LN (*pela casa da tia do Diogo*), e PP (*é a casa do Simão*).

Contrastando com os diálogos anteriores podemos visualizar que os alunos utilizam muito certas palavras como: *vou e viro; sempre em frente; viro pra direita*. Estas mesmas expressões são consideradas como direções. Tal como uma situação usual, de um desconhecido nos questionar certo ponto de referência, temos por hábito gesticular e dar certas direções: Cima, baixo, direita, esquerda. Com isto pode remeter que o aluno tem uma autoconsciência para compreender que apenas dizer “vira ali” não nos é por vezes suficiente para chegarmos ao destino desejado.

É ainda importante salientar que ao analisarmos minuciosamente cada entrevista, verifica-se que a maioria dos alunos serviu-se do tampo da mesa, para “desenhar” o percurso com os dedos. O apontar, para os “pontos referenciais” foi outro gesto repetido inúmeras vezes para reforçar o que era proferido.

Seguidamente o gráfico mostra-nos dois elementos com a mesma percentagem de 16%. Primeiramente discutiremos o elemento: “Pontos Referenciais da Freguesia e Património”.

- **Aluno MF-** *Passo por o Pingo Doce, por **a igreja**.*
- **PE-** *Qual igreja? Sabes o nome?*
- **Aluno MF-** *Santa Marta.*
- **PE-** *E mais?*
- **Aluno MF-** *Pelo bom preço e depois chego a casa.*
- **PE-** *É logo? Então moras pertinho?*
- **Aluno MF-** *Sim. (acena com a cabeça)*

- **Aluno SA-** *Passo pela **escola fonte grossa**, vou passando pela rua da fábrica.*
- **PE-** *Que fábrica?*
- **Aluno SA-** *Aquela antiga, passo pela **santa silva** e depois vou por ali abaixo.*

- **Aluno VC-** *Quando venho para a escola, vou sempre em frente, depois viro e depois não vou pela aquela parte da igreja.*
- **PE-** *Não vens pela parte da igreja?*
- **Aluno VC-** *Não.*
- **PE-** *E é só isso? ou ainda mais?*
- **Aluno VC-** *Mais nada.*

Como podemos verificar apenas nos é projetado diretamente alguns pontos de referência da freguesia e do património, sendo que não nos é informado onde se localiza na realidade todo o património que nos é dado através das informações pelos alunos.

Assim sendo, é um pouco com o que nos foi representado pelo elemento dos pontos referenciais da freguesia, em que o aluno apenas refere por aquilo que passa, mas não é obrigatoriamente a trajetória real. Isto é, o aluno diz pelo que passa sem que haja uma sequência real de trajetória, ou seja, ele salta de ponto em ponto, não dizendo por ordem de elementos.

Analisando mais especificamente as transcrições verificamos que comparativamente a aluna MF e SA mencionam que passam por os diversos patrimónios: “igreja”, “escola fonte grossa”, “santa silva”. Contrariamente, a aluna VC não passa pela igreja, mas incluiu a mesma na sua entrevista, considerando-o como um ponto referenciador e importante para si mesma e para os outros, pois a partir deste elemento sabemos que a aluna tem consciência da importância desse mesmo monumento, sendo a igreja um ponto conhecido de todas as pessoas e ajuda assim a localizar o mesmo até sua casa.

Seguidamente temos o último elemento: pontos Referenciais, direções e património. Este último elemento é considerado o mais completo que além de compreendemos que os alunos tem consciência do património em seu redor, nos oferecem pontos referenciadores da freguesia e direções para encontrarmos o local exato.

Como poderemos verificar pelas seguintes transcrições:

- **Aluno LF-** *Passo pela igreja de Santa Marta, passo numa casa, tem uma árvore assim e dou a volta, vou em frente, passo noutra casa, passo num café e passo pela casa do povo e depois vou sempre em frente, passo pelo banco e é aí que chego.*
- **Aluno RC-** *Passamos pelo centro de saúde, depois viramos para a direita, depois vamos em frente, viramos para a esquerda, seguimos em frente, em frente, passas, onde se está, aquele médico, passasse, vai e depois tem assim um arco que é para aquele lado e tem um portão verde.*
- **PE-** *Não passas por mais nada?*
- **Aluno RC-** *Passo por a igreja.*
- **PE-** *Que igreja passas?*
- **Aluno RC -***Santa Marta*
- **PE-** *E vês a estátua de santa marta? Não passas também pelo cruzeiro?*
- **Aluno RC-** *Passo, e também passo por o ATL, o infantário*

- **Aluno RM-** *Não, onde tem aquela cruz.*
- **PE-***O cruzeiro?*
- **Aluno RM-** *Sim, passo pelo cruzeiro, só assim. Depois passo pelo pingo doce, viro pelo parque e sigo em frente, tem uma loja de uma casa amarela, vamos para baixo, eu venho para ali e depois chego há, aquela estátua da virgem e a minha casa é para ali, em frente do parque*
- **PE-** *Estátua da virgem Maria?*
- **Aluno RM-** *Da santa Marta*
- **PE-** *Da Santa Marta? Tem ali uma estátua?*
- **Aluno RM-** *Sim. (acena com a cabeça)*
- **PE-** *E não passas por nenhuma igreja?*
- **Aluno RM-** *Sim, a beira do cruzeiro*

Nas três entrevistas verificamos que os três elementos a que classificamos nesta análise estão todos patentes. É importante referir que num primeiro olhar poderemos dizer que talvez consigamos chegar até sua casa e observar pelo caminho todos esses elementos, mas também podemos não conseguir. O importante aqui é que os alunos se esforçaram

para a construção de uma narrativa concisa, tentando ser o mais completo possível e em que esses três elementos tiveram presentes. Tal como foi referido algumas questões foram colocadas na entrevista. Como por exemplo: “passas por algum café, igreja...”, com o propósito de os alunos repensarem na resposta e colocassem talvez algum património. É importante sublinhar que esta pergunta não foi colocada a todos os alunos. Ou seja, esta pergunta apenas era efetuada quando sabíamos que além do património que o aluno referiu, ele se cruza por mais diariamente. Por exemplo à aluna RC foi colocada a pergunta: “Não passas também pelo cruzeiro?”, pois obrigatoriamente se passa pela Igreja, teria de passar pelo cruzeiro que está localizado, perto da igreja.

Tal como se colocou a pergunta a RM: “E não passas por nenhuma igreja?”, pois julgávamos que na descrição da aluna passava pela igreja e cruzeiro no seu percurso escola-casa.

Muitos dos alunos que referiram o cruzeiro, não o chamavam pelo nome exato, mas referiram-se por “cruz”, em que a palavra original era uma palavra totalmente desconhecida no seu vocabulário.

“A Cartografia”

Descrição da atividade

A atividade deu-se no dia 24 de novembro de 2013, a partir da aula de Português, em que houve uma intenção interdisciplinar. Assim, a professora estagiária deu a conhecer o livro *“O armário do pai natal”*. É necessário salientar que as atividades implementadas estavam a ser efetuadas na época natalícia, o que fez com que a personagem, Pai Natal, tivesse um pouco presente durante toda atividade pedagógica.

Assim sendo, aproveitando a quadra natalícia e o que o aluno conhece como sendo a sua realidade, construiu-se uma ponte entre um dos elementos fulcrais desta época para as crianças, o pai Natal, para retirar de forma intencional e refletida conhecimentos prévios de uma nova realidade.

Desta forma, com a leitura do livro, a professora estagiária transportou alguns episódios para lançar a questão: *“Ouviram falar do Pai Natal, e alguma vez ouviram falar*

do São Nicolau?”. Posteriormente deu-se início as atividades de exploração do meio através de instrumentos cartográficos digitais “Google maps” e instrumentos cartográficos em formato de papel a diferentes níveis: internacional, nacional e local.

Os objetivos desta atividade foram: dar a conhecer um instrumento cartográfico: o mapa sob vários formatos: papel e aplicação interativa em formato digital; visualizarem elementos patrimoniais nas suas ruas; compreenderem que existem mudanças ao longo do tempo na sua própria freguesia: Portuzelo- Santa Marta de Portuzelo.

Análise dos dados da atividade

Quando lançada a questão: *“Ouviram falar do Pai Natal, e alguma vez ouviram falar do São Nicolau?”*. Algumas das crianças reconheceram o nome mas não conseguiram fazer a interligação entre um e outro, ficando um pouco confusas e baralhadas.

Procedeu-se à leitura da lenda de São Nicolau e explicando seguidamente que esta mesma lenda deu origem ao nascimento da figura do pai natal.

Posteriormente a professora estagiária lançou outra questão: *“Conhecem a terra do pai natal?”*; *“Sabem onde fica, a vila do pai natal?”*. Alguns alunos responderam que o pai natal não existia e que eram os seus pais a colocar presentes, contando alguns episódios com o pai natal. Outros responderam que morava no Pólo Norte com as renas e outros ainda disseram que moravam nos centros comerciais que tinham visitado. Nesta presente questão os alunos criaram um pequeno debate sobre a verdadeira localização do pai natal.

Quando a professora estagiária respondeu que a verdadeira localização era em Rovaniemi, na Finlândia, ficaram com expressões incrédulas e bastante desnorteadas, pois era a primeira vez que estavam a ouvir este nome. A maioria dos alunos disparou a seguinte pergunta: *“Onde fica isso?”*. Em vez de responder de forma direta à questão, respondi com outra questão: *“Que instrumento poderemos utilizar para ver onde fica a vila do pai natal?”*. Algumas respostas foram: *“Livro, internet, mapa...”*.

Nesta etapa a professora estagiária alcançou o primeiro objetivo: os alunos referirem a palavra “mapa”. Esta palavra desempenha a alavanca para as atividades posteriores a desenvolver, e sendo como já foi referido um dos primeiros instrumentos de recolha de dados, daí a sua importância.

De seguida, a professora estagiária apresentou a aplicação “Google maps” aos alunos, através do retroprojektor em grande plano o percurso da escola até Rovaniemi, explorando algumas curiosidades como: quantos dias levavam a chegar da escola a vila do pai natal, a pé e de carro e sobre outros transportes que poderiam ser utilizados para fazer esta viagem.

Com a aplicação os alunos puderam visualizar de forma real, a vila do pai Natal, bem como as suas casas, bastando colocar apenas a sua morada. Esta aplicação provocou um enorme entusiasmo, logo quando viram a vila do pai natal, mas uma maior crescente quando viram as suas próprias ruas e casas. Tal foi esse entusiasmo que escreveram os passos um a um nos seus cadernos, para verem nos seus computadores, juntamente com os encarregados de educação em suas casas.

É importante referir que apenas visualizou-se algumas casas dos alunos, devido ao número de alunos e ao tempo despendido.

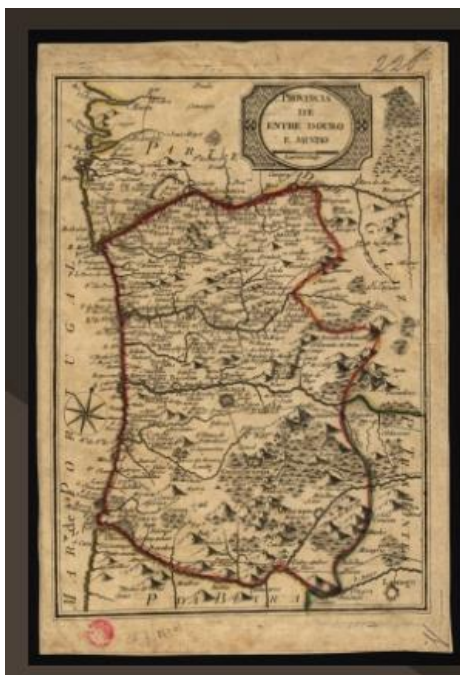


Figura 4- Fonte: Biblioteca Nacional: Província de Entre Douro e Minho [Material cartográfico] / sculp. Laurent.

A professora estagiária projetou de seguida um mapa datado de 1760. E afixou um mapa atual e perguntou as diferenças entre um e outro.

O que suscitou de imediato a atenção foi sobretudo: o tipo de escrita, manuscrito e a cor, diferente do mapa atual; os contornos e as formas entre um mapa e outro eram

bastante diferentes; e o mapa atual muito mais pormenorizado e com mais informação: nomes de rios...

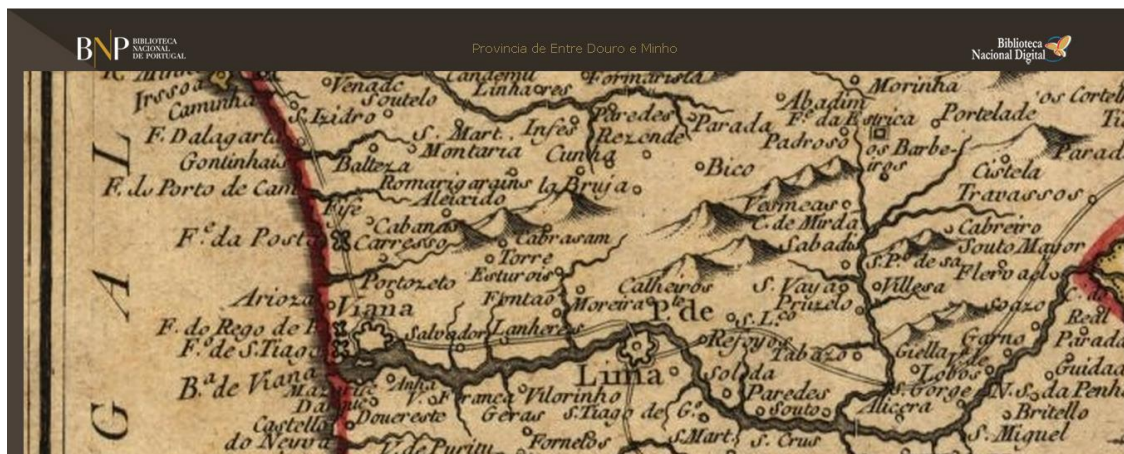


Figura 5- Província de Entre Douro e Minho [Material cartográfico] / sculp. Laurent. (pormenor)

Quando a professora estagiária aumentou o mapa de 1760 para onde indicava “Portozelo”, a primeira reação dos alunos foi de espanto e referiram logo que “estava mal escrito” que “Portozelo” escreve-se com “u” e não com “o”. Para reafirmarem a sua posição que estavam corretos apontaram para a data e o local no canto superior direito do quadro: “25 de novembro de 2014, Santa Marta de **Portuzelo**”. Referindo também que “Santa Marta” não constava no antigo mapa.

Desenhos dos alunos (trajeto escola-casa)”

Descrição da atividade

No dia 25 de novembro de 2013, o seguimento das atividades de relatório efetuaram-se na parte da tarde. A professora estagiária relembrou a aula passada, lançando posteriormente a seguinte questão: “Se o pai natal tivesse chegado à nossa escola e quisesse ir a casa de cada menino da nossa sala, mas não soubesse o caminho, pois tinha perdido o seu mapa, como poderíamos ajudá-lo, a encontrar cada casa?”.

De imediato os alunos afirmaram que poderiam fazer um mapa. Assim sendo, a professora estagiária distribuiu pelos alunos folhas A3, e pediu que desenhassem o seu percurso casa-escola, bem como todos os lugares que consideram importantes: capelas, igrejas... Cada aluno de forma individualizada construiu o seu mapa.

Nesta atividade a professora estagiária relembra as entrevistas realizadas anteriormente.

Esta atividade, embora próxima da questão feita nas entrevistas tem como objetivo descobrir se os alunos, depois da entrevista colocaram essa questão aos seus encarregados de educação e/ou familiares ou até mesmo tiveram curiosidade em descobrir se o trajeto que faziam diariamente havia algum elemento importante que se tinham esquecido de mencionar na entrevista, localizando-o no mapa e fazer essa mesma comparação.

“A Maquete”

Descrição da atividade

A atividade iniciou-se no dia 28 de janeiro de 2014 e posteriormente em mais duas aulas, já fora do contexto da prática pedagógica, devido ao tempo insuficiente.

É importante salientar que esta aula foi planificada inicialmente de uma forma, sendo depois modificada devido a impedimentos adversos.

A aula teve como objetivo a construção de uma maquete onde os alunos construiriam as suas casas, bem como todo o património histórico local, anteriormente referido, para que no final fosse exposto a toda a comunidade escolar.

No início da atividade a professora estagiária apresentou uma maquete de dimensões 1.20metros por 1.00metro. Esta já tinha colocado as ruas, sendo feitas de cartolina, devido a ser um trabalho bastante moroso e minucioso.

Foi sugerido assim aos alunos que construísem primeiramente as suas casas através da pasta de modelar, sendo fornecido uma base para o tamanho da casa, para não haver uma discrepância no tamanho destas.

Quando foi fornecida a massa, os alunos não sabiam modelar, nem nenhuma técnica de ajuda que os possibilitassem a iniciar a construção. Sendo que a aula demorou mais do que o desejado devido a esta barreira que foi transposta lentamente, com o ensinamento de algumas técnicas como por exemplo: fazer rolinhos com as mãos, espalmar a massa, entre outras, para que calmamente transpusessem as suas ideias para a massa.

Esta primeira aula foi sobretudo para a construção de casas e a iniciação da construção do património histórico local.

A professora estagiária nesta fase projetou as imagens do powerpoint que já tinha utilizado anteriormente, para mais uma vez relembrar como era esse património.

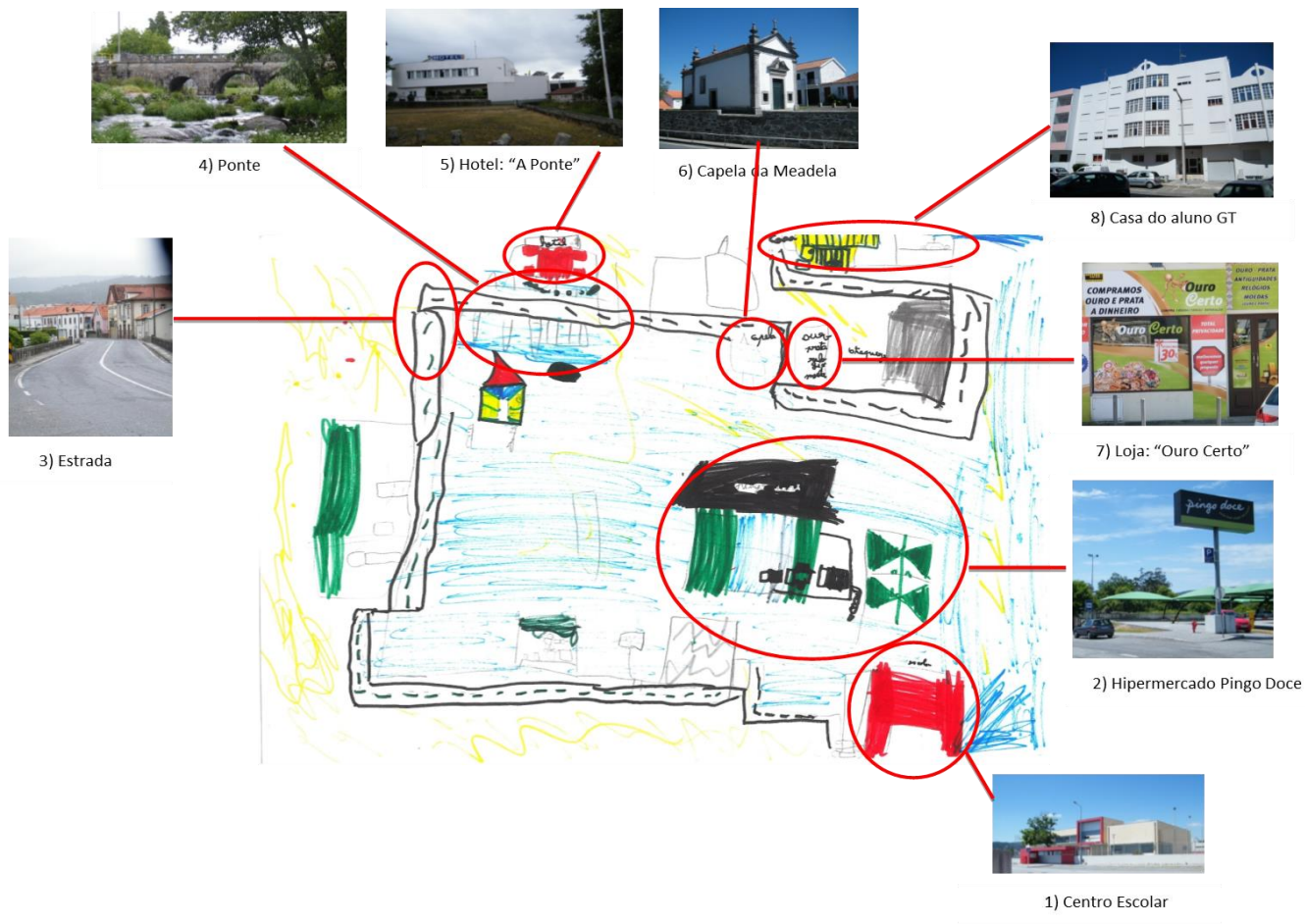
A seguinte aula foi utilizada fundamentalmente para a pintura das casas e dos monumentos históricos.

Análise dos dados das atividades

Na presente análise dos mapas itinerários Santamartenses é importante referir que vão ser, analisados juntamente com as seguintes atividades pedagógicas: mapas cartográficos e construção da maquete, mais concretamente apurar as características utilizadas na modelagem das suas casas.

A justificação para esta junção deveu-se à importância de completar as diferentes informações, sendo possível uma comparação de dados entre os alunos. Desta forma, foi necessário ordenar os mapas itinerários, segundo um atributo. Inicialmente observamos o conjunto de desenhos, verificando quais os desenhos tinham ou não património cultural. Como verificamos que tal atributo não era suficientemente coeso, tentamos procurar outro. Posteriormente verificou-se nos mapas itinerários que vários alunos tinham o mesmo ponto de referência ou património local. Através disso, foi possível verificar que alguns alunos percorriam parcialmente o mesmo trajeto, denotando diferenças entre uns e outros. Assim sendo, foi possível categorizar por zonas e assim estabelecer um fio condutor, com o objetivo de retirar informação pertinente e fazendo ativamente as comparações necessárias.

Assim, seguidamente podemos observar estas mesmas afirmações:



Registo itinerário Santamartense 1- Elaborado por GT

Ao analisar o desenho do aluno GT, à primeira vista, verifica-se que é um desenho algo confuso e pouco perceptível, ao mesmo tempo que é notória a predominância da cor azul. Ao questionar o aluno sobre tal característica, este referiu que o seu desenho foi elaborado como se fosse visto através do “céu, a andar num avião”, isto é, o seu desenho está sob uma espécie de filtro azul que será representativo do “céu”.

Através de um olhar mais analítico conseguem observar-se os pormenores do desenho. Assim, como ponto de partida, encontramos o Centro Escolar no canto inferior direito do desenho que, contrastado com a realidade da imagem “1) Centro Escolar”, apresenta o destaque que o aluno deu à cor vermelha da escola.

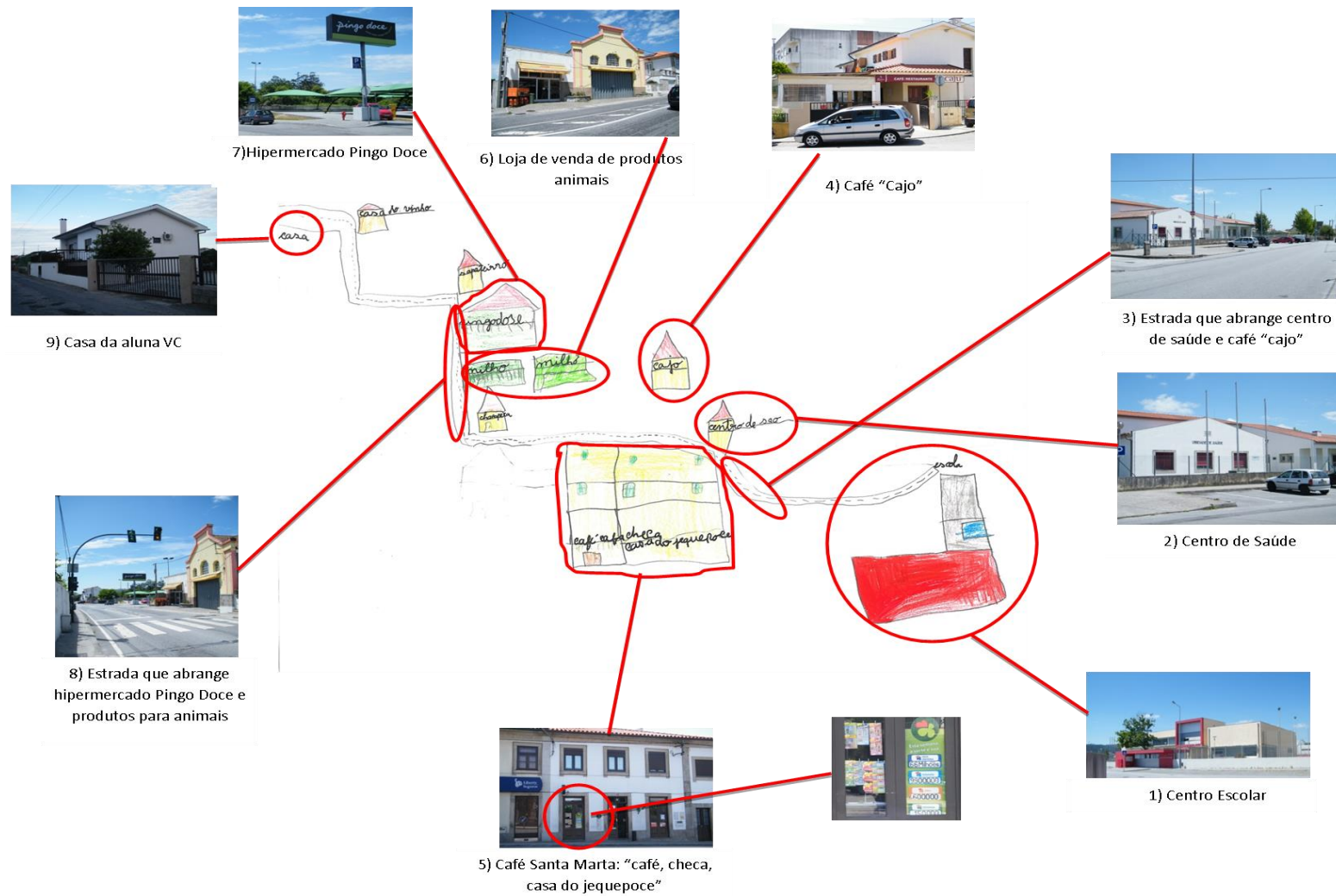
Ao nível do trajeto escola-casa representado conclui-se que o mesmo está bem conseguido, embora o aluno se tenha esquecido de alguns pontos fulcrais do percurso, focando-se principalmente em elementos da freguesia da Meadela. No que se refere à parte urbanística, é de salientar que o aluno retratou bem a via, podendo verificar-se, na imagem “3) Estrada”, uma curva muito acentuada. Ainda nesta imagem, embora pouco perceptível é possível ver as partes laterais da ponte onde o rio Lima aflui, encontrando-se representadas no desenho sob a forma de triângulos – “4) Ponte”. Quer na realidade, quer no desenho, ao lado da ponte existe um hotel que o aluno legendou e pintou de vermelho, no entanto verifica-se pela imagem “4) Hotel: A Ponte” que o mesmo é branco e não vermelho. Como último elemento destaca-se a imagem “6) Capela da Meadela”, devidamente identificada com legenda, apesar de não pertencer à localidade na qual se realiza o estudo. Assim, verifica-se que o aluno tem consciência patrimonial sobre os elementos constituintes do trajeto escola-casa.



Mapa Cartográfico 1- Elaborado por GT

Relativamente ao mapa cartográfico, a cor azul escura representa o trajeto traçado pelo aluno, enquanto que a cor azul clara representa o trajeto real, segundo os elementos

constituintes do desenho. Assim sendo, é a partir da imagem “4) Ponte”, que os dois materiais estão na mesma disposição.



Registo itinerário Santamartense 2- Elaborado por VC

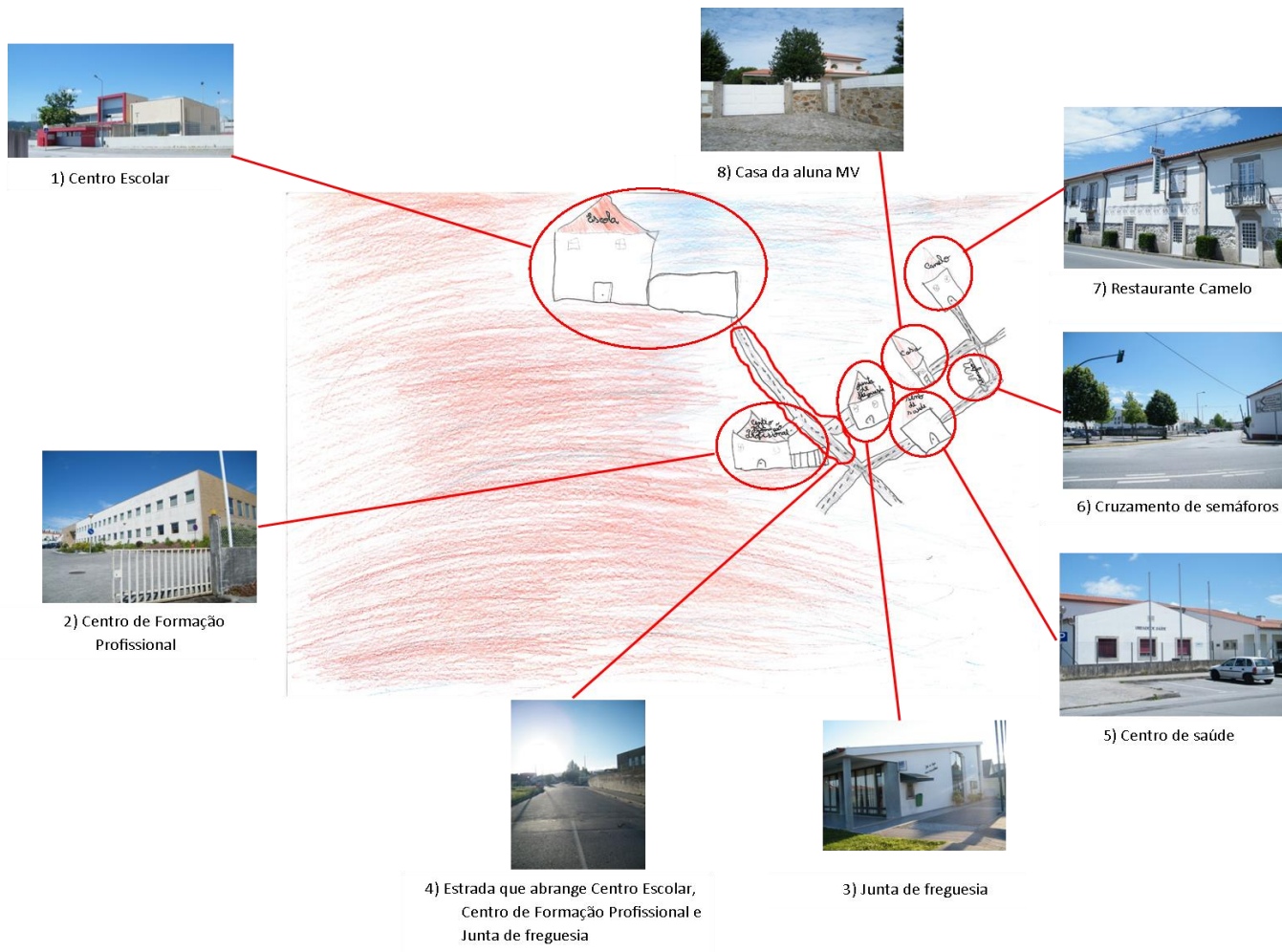
Antes de prosseguir com a análise do desenho da aluna VC importa referir que esta aluna e o aluno GT residem na mesma localidade, sendo a mesma, vizinha da localidade onde é realizado o estudo.

Relativamente à imagem “1) Centro Escolar” das figuras 1 e 2 verifica-se que ambas foram desenhadas no canto inferior direito, sendo a cor vermelha predominante nas duas. Comparativamente ao aluno GT, a aluna VC desenhou uma maior quantidade de elementos da área em estudo, isto é, enquanto o aluno GT se focou, maioritariamente, em elementos da sua área de residência (Meadela), a aluna VC representou elementos pertencentes à freguesia em estudo (Figura 2, imagens de 1 a 8). No que se refere à “3) Estrada que abrange centro de saúde e café cajo”, a aluna desenhou o café do mesmo lado que o centro de saúde (“centro da são”), contudo tal não se verifica, uma vez que o café e o centro de saúde se encontram em lados opostos da estrada. Ao analisar atentamente o desenho identificam-se dois pontos que fazem parte do dia-a-dia da aluna, estando estes legendados como “5) café, checa, casa do jequepoce” e “milho, milho” (imagem 6). O primeiro é, na realidade, um café no qual é possível participar nos diversos jogos da Santa Casa da Misericórdia expostos numa das portas. Através da observação da imagem real (imagem 5) é possível verificar que o café se encontra em frente à estrada, tal como representado no desenho. Outro aspeto a salientar centra-se no pormenor de o café ter sido representado com vários andares e janelas. O segundo local, legendado como “6) Loja de venda de produtos animais” ou “milho, milho”, que inicialmente se pensou serem campos de cultivo de milho, conclui-se ser a loja onde se vende alimentação para animais, bem como animais. Esta conclusão só foi possível através do questionamento da aluna, tendo a mesma referido “aquele sítio tem o milho para as galinhas, para os coelhos e comprar pintainhos”.



Mapa Cartográfico 2- Elaborado por VC

Contrariamente ao aluno GT, o desenho e o mapa cartográfico da aluna VC encontram-se em plena harmonia, isto é, juntamente com os dois materiais encontramos os diversos elementos.



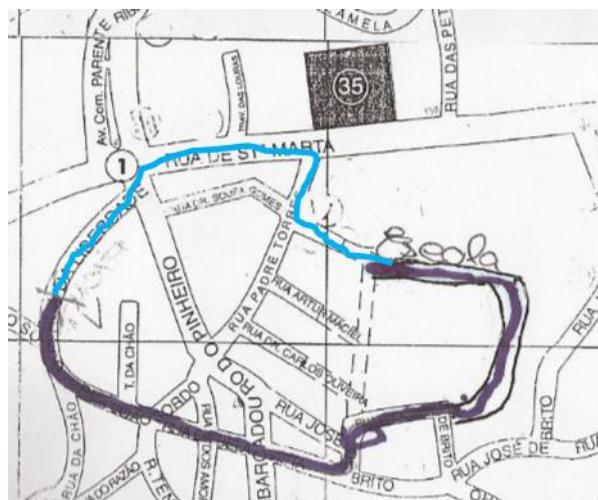
Registo itinerário Santamartense 3- Elaborado por MV

Em comparação com os desenhos analisados anteriormente (Registo itinerário Santamartense 1 e 2), a aluna MV assinala os elementos centrais partindo da rua da escola, o que não acontece nos desenhos anteriores.

Contrariamente aos outros dois desenhos, a escola encontra-se representada a meio da parte superior da folha, dando uma perspetiva diferente ao desenho. Em relação à sua casa, a mesma surge representada num tamanho reduzido e algo “disfarçada”.

Se repararmos no “2) Centro de Formação Profissional”, a aluna teve o cuidado de desenhar/assinalar o portão do recinto do espaço. A existência de tal portão pode ser verificada através da imagem real. Teve ainda, o cuidado de desenhar a “3) Junta de Freguesia”, encontrando-se a mesma do lado oposto ao Centro de Formação Profissional, contudo na mesma rua. No desenho é perceptível um semáforo, que comparando à realidade corresponde a um “6) Cruzamento de Semáforos”.

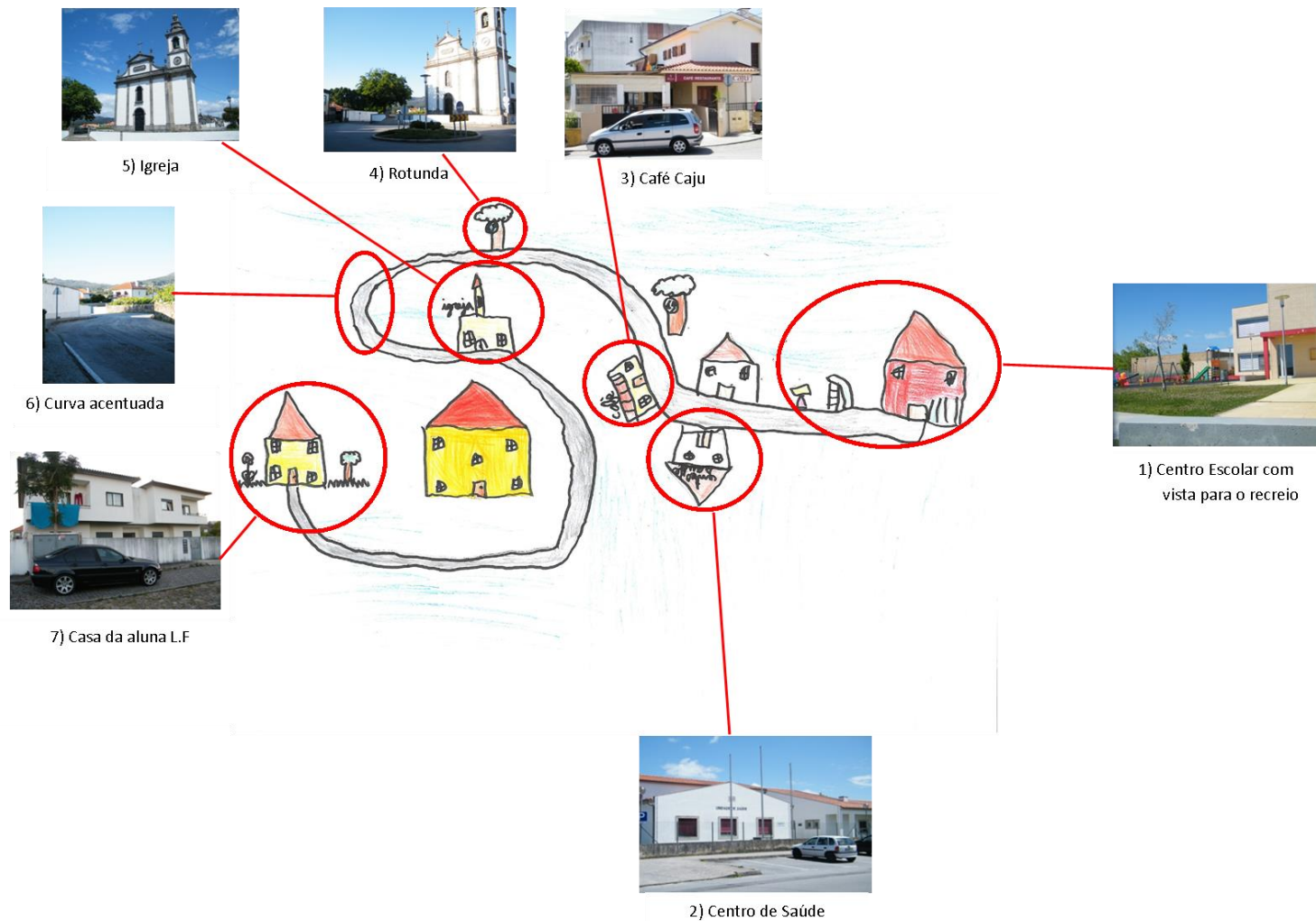
Fazendo uma breve comparação do desenho da aluna MV com o desenho da aluna VC, que representou a mesma rua (Registo itinerário Santamartense 2, Imagem 3), percebe-se que a aluna MV foi mais específica na representação do trajeto escola-casa, assinalando pontos fulcrais e acrescentando o pormenor dos semáforos, que a outra aluna não assinalou.



Mapa Cartográfico 3- Elaborado por MV

Assim sendo, a aluna tem uma boa conceção de urbanismo, pois o desenho representa na perfeição a realidade do percurso escola-casa a efetuar. Apenas com um

pormenor, em que coloca a sua casa na mesma rua que o “7) *Restaurante Camelo*” em que representado pelo “*ponto 35*” no mapa cartográfico.



Registo itinerário Santamartense 4- Elaborado por LF

Ao iniciar a análise deste desenho surge, à partida, uma questão relacionada com a conceção da estrada no trajeto escola-casa, isto é, olhando para os desenhos anteriores percebe-se que este carece de sentido de orientação uma vez que não é perceptível que direções devem ser tomadas para chegar a casa. A estrada tem contornos excessivamente curvos, dando a sensação de continuidade e não da possibilidade de existirem outras estradas/vias associadas.

Todo o desenho se encontra representado num plano central e superior. Em relação à imagem “1) Escola” verifica-se uma grande quantidade de pormenores comparativamente aos desenhos anteriores, são eles: o portão da escola que se encontra em cinzento com as respetivas barras, e o parque infantil que faz as delícias das crianças na hora do recreio.

Tal como no desenho da aluna VC (Registo itinerário Santamartense- 2), a aluna LF desenhou o “2) Centro de Saúde” e o “3) Café Caju” na mesma rua, e no mesmo lado, sendo a realidade contrária, estão na mesma rua mas em lados opostos. A imagem “4) Rotunda” é representada, no desenho, através de uma árvore com um sinal de rotunda. Em conversa com a aluna ela explicou: “desenhei a árvore com um sinal, porque quando eu passo por ali eu dou sempre uma volta e também porque a rotunda tem uma árvore e tem um sinal, é em frente a igreja que desenhei”. Tendo em consideração esta afirmação percebe-se que a aluna tem consciência da localização da rotunda, isto é, que a mesma se encontra em frente à igreja, no entanto, tal não se verifica-se no desenho, dando a entender que a “4) rotunda” e a “5) Igreja” se encontram em ruas diferentes. Refletindo um pouco mais sobre esta questão encontra-se a possibilidade de a aluna ter representado a volta dada à rotunda, todos os dias, com uma curva, fazendo parecer que rotunda e igreja se encontrem em ruas distintas.

Encontramos assim, a “5) Igreja de Santa Marta”, considerada património local, bem como património nacional. Em comparação com a imagem real verifica-se que se esforçou por fazer uma representação exata da realidade, visto ter desenhado a torre, os sinos e pintado da mesma cor. O cimo da torre foi desenhado, exatamente, de forma idêntica à realidade, isto é, em forma de prisma. É de salientar que todos estes pormenores sobre o presente elemento do património levam a crer que a aluna sentiu uma forte curiosidade relativamente a este monumento.

De seguida, seguindo a direção de casa desenhou uma curva mais acentuada, que comparada com a realidade da imagem “6) Curva acentuada” se verifica estar correta. Verifica-se ainda, o grande destaque dado à casa amarela, tendo sido justificado pela aluna da seguinte forma: “quando vou pelo caminho curto, passo por essa casa, mas pelo caminho comprido não e não cabia na folha para desenhar o caminho grande”.

Fazendo uma retrospectiva, as casas presentes nos desenhos analisados anteriormente correspondem à realidade segundo a cor ou alguma característica específica. No entanto, a aluna LF faz representações da realidade bem distintas, desenhando o modelo de casa tradicional, com jardim, em que a única particularidade em relação à realidade são as janelas. Estas são representadas duas no andar de baixo e duas no andar de cima. A casa da aluna apresenta, na realidade, o formato de uma casa tradicional, contudo trata-se de vários apartamentos. No momento de representar a sua casa em pasta de moldar, surge uma curiosidade, em que a elabora como se esta fosse um prédio e não em formato de moradia.



Casa em pasta de moldar 1- LF

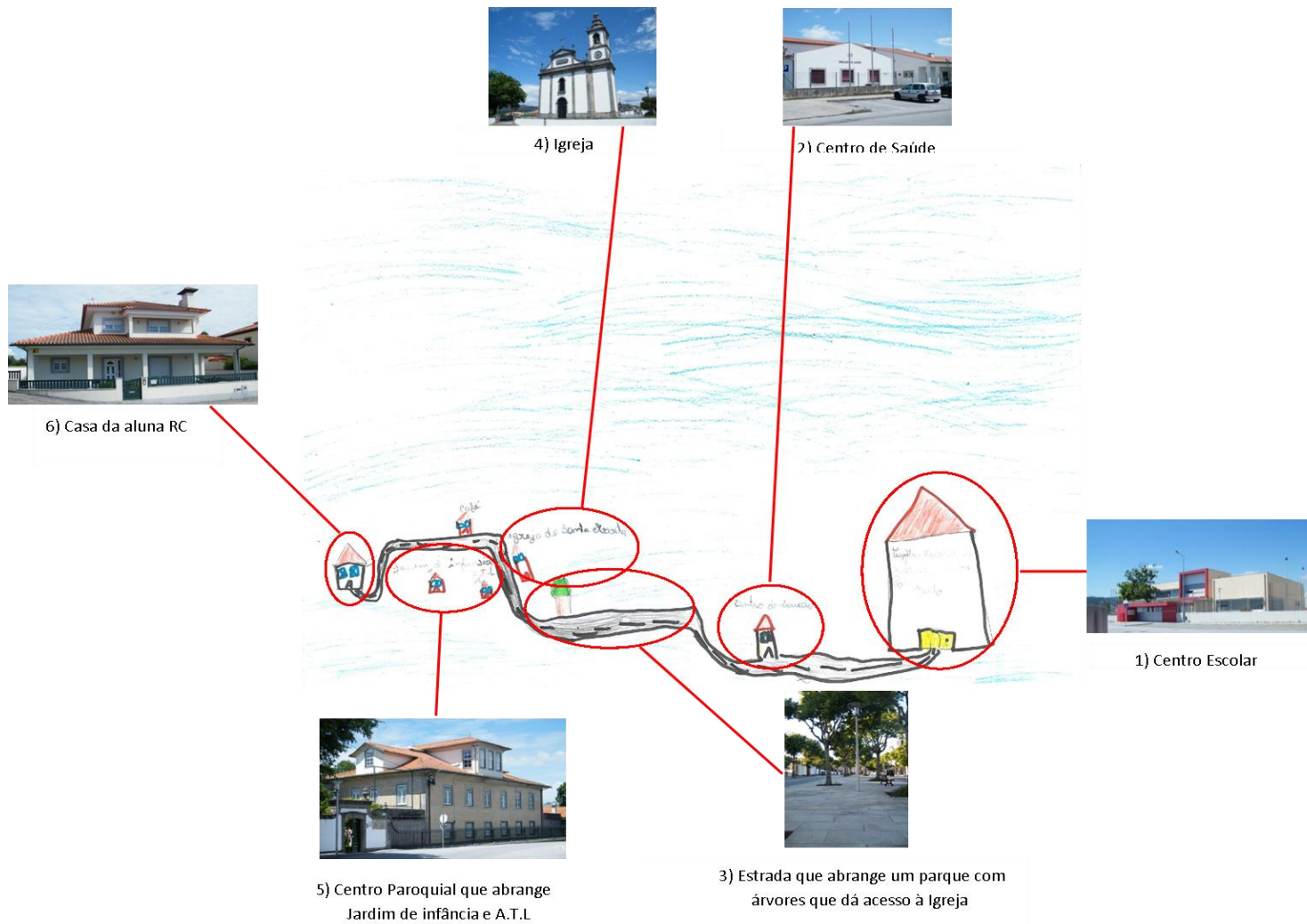


Casa em pasta de moldar 2- GT



Mapa Cartográfico 4- Elaborado por LF

Tal como a aluna VC, o seu mapa cartográfico está em harmonia com o desenho. Como poderemos ver, a aluna passa pelo cruzeiro, representado pelo “*ponto 1*”, mas não colocou no seu desenho. É importante referir este mesmo, devido a ser considerado património local e nacional do país.

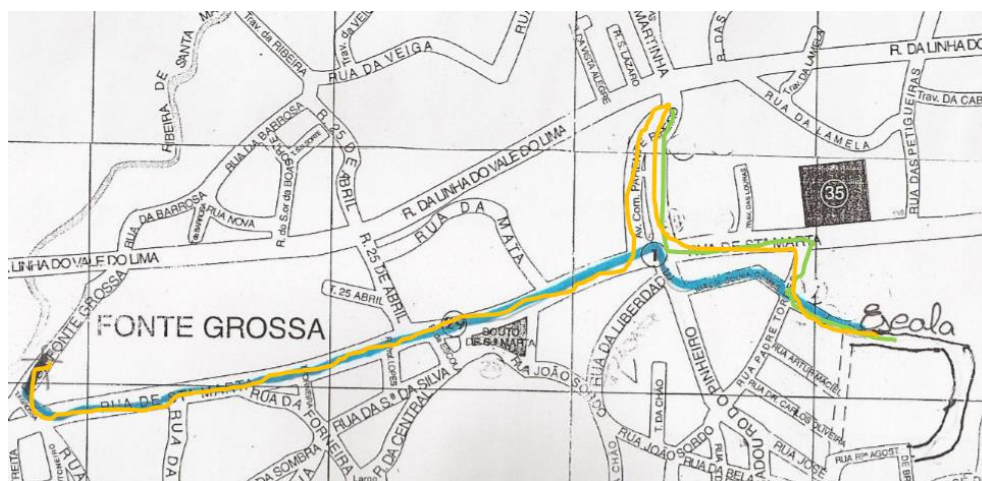


Registo itinerário Santamartense 5- Elaborado por RC

Ao contrário do desenho apresentado e analisado anteriormente, o desenho da aluna RC encontra-se representado na parte inferior da folha. Importa referir que a aluna RC e a aluna LF fazem o mesmo percurso no que diz respeito ao trajeto escola-casa, sendo a única diferença a rua em que residem.

Ao analisar o desenho do percurso escola-casa percebe-se que a aluna até à imagem “3) Estrada que abrange um parque com árvores que dá acesso à igreja” não consegue compreender bem o trajeto efetuado. Com um olhar objetivo vê-se que a estrada é contínua e, apenas, depois do “2) Centro de Saúde” a estrada começa apresentar algumas curvas, tal como pode ser verificado pelas imagens reais. Relativamente à representação dos edifícios, verifica-se um grande destaque para o “1) Centro Escolar de Santa Marta de Portuzelo” visto ser o edifício representado em maior escala. Os restantes edifícios do desenho apresentam características idênticas, tais como um telhado, duas janelas e portas de forma triangular, diferindo ligeiramente de tamanho e de cores em relação ao Centro Escolar.

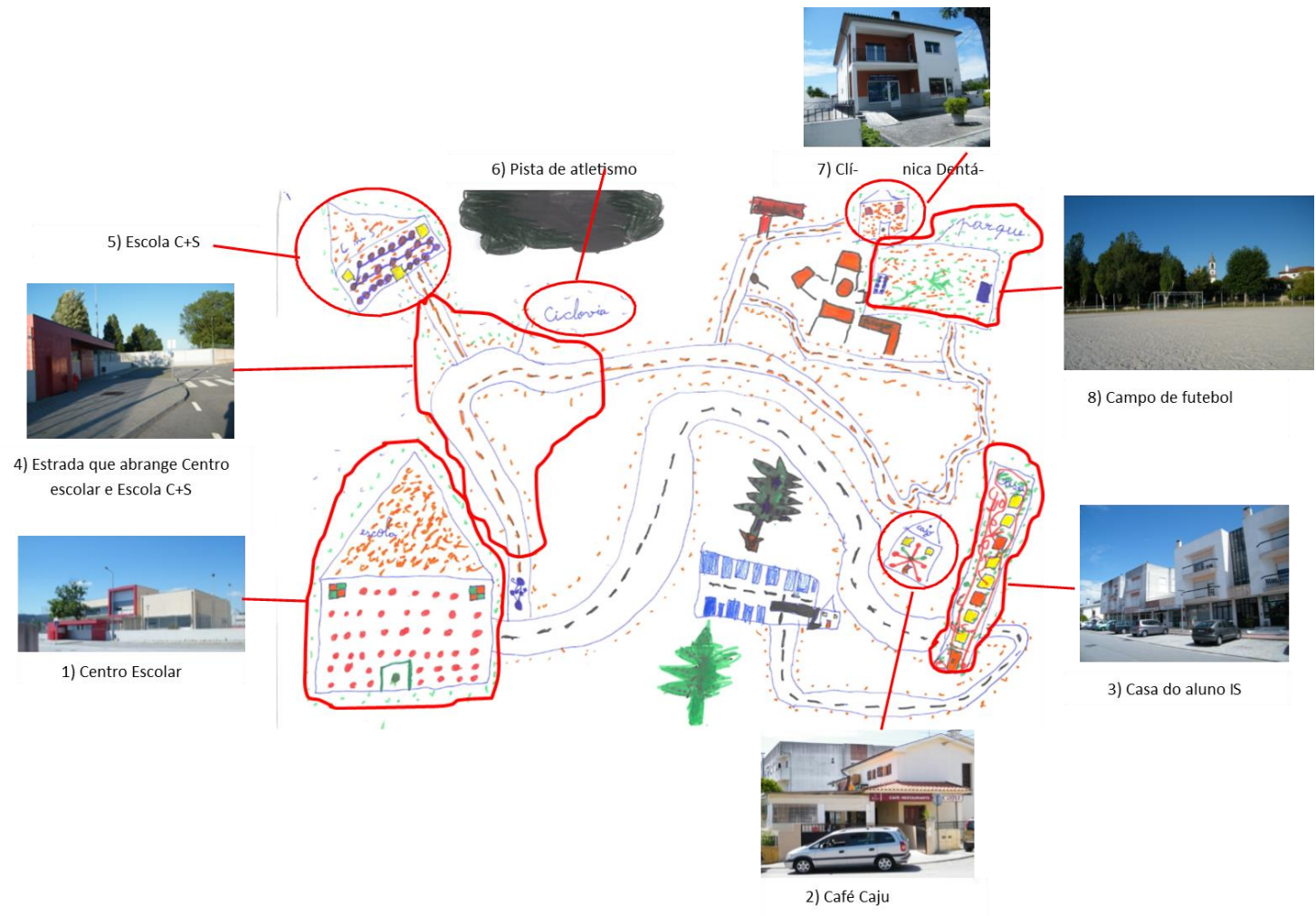
A aluna RC desenhou a “4) Igreja de Santa Marta”, tal como a aluna LF (Registo itinerário Santamartense 4, Imagem 5). Comparando os dois desenhos verifica-se que a aluna LF incluiu pormenores que não são representados no desenho da aluna RC importa, ainda, referir que o “5) Jardim-de-infância” e o “5) A.T.L.” fazem parte do dia-a-dia das duas alunas, uma vez que finalizadas as aulas se dirigem para o “5) Centro Paroquial”.



Mapa Cartográfico 5- Elaborado por RC

Dados os elementos referidos, apenas ficamos com a certeza que a aluna faz o percurso até ao “5) Centro paroquial” (cor verde). Assim sendo, como a aluna não refere

mais elementos, delineamos uma outra hipótese de percurso (cor laranja) até à sua residência. Esta hipótese é a mais plausível, sendo dividida em duas partes: uma pelos elementos referidos do desenho e a uma segunda pelo trajeto delineado no mapa cartográfico aluna. Como poderemos verificar se esse mesmo percurso se efetuar, tal como a aluna LF, a aluna RC não desenhou o *cruzeiro* que se localiza no “ponto 1” do mapa. Seguindo essa mesma trajetória a aluna também se cruza com a *Escola da Fonte Grossa* “ponto 29”. Estes dois elementos fazem parte do património local e nacional da presente localidade em estudo, sendo assim importante serem referidas e destacadas.



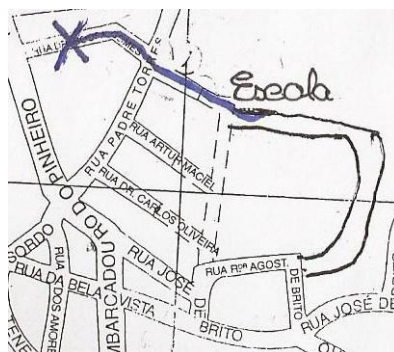
Registo itinerário Santamartense 6- Elaborado por IS

Atendendo a todos os desenhos apresentados e analisados até ao momento, o desenho do aluno IS é o único que apresenta dois trajetos. Assim, pode identificar-se o seu trajeto escola-casa (da imagem 1 à imagem 3) e o trajeto que se irá definir como trajeto de lazer (da imagem 4 à imagem 7). Pode-se, então, dividir o desenho pelos dois trajetos, sendo eles: escola-casa e casa-lazer.

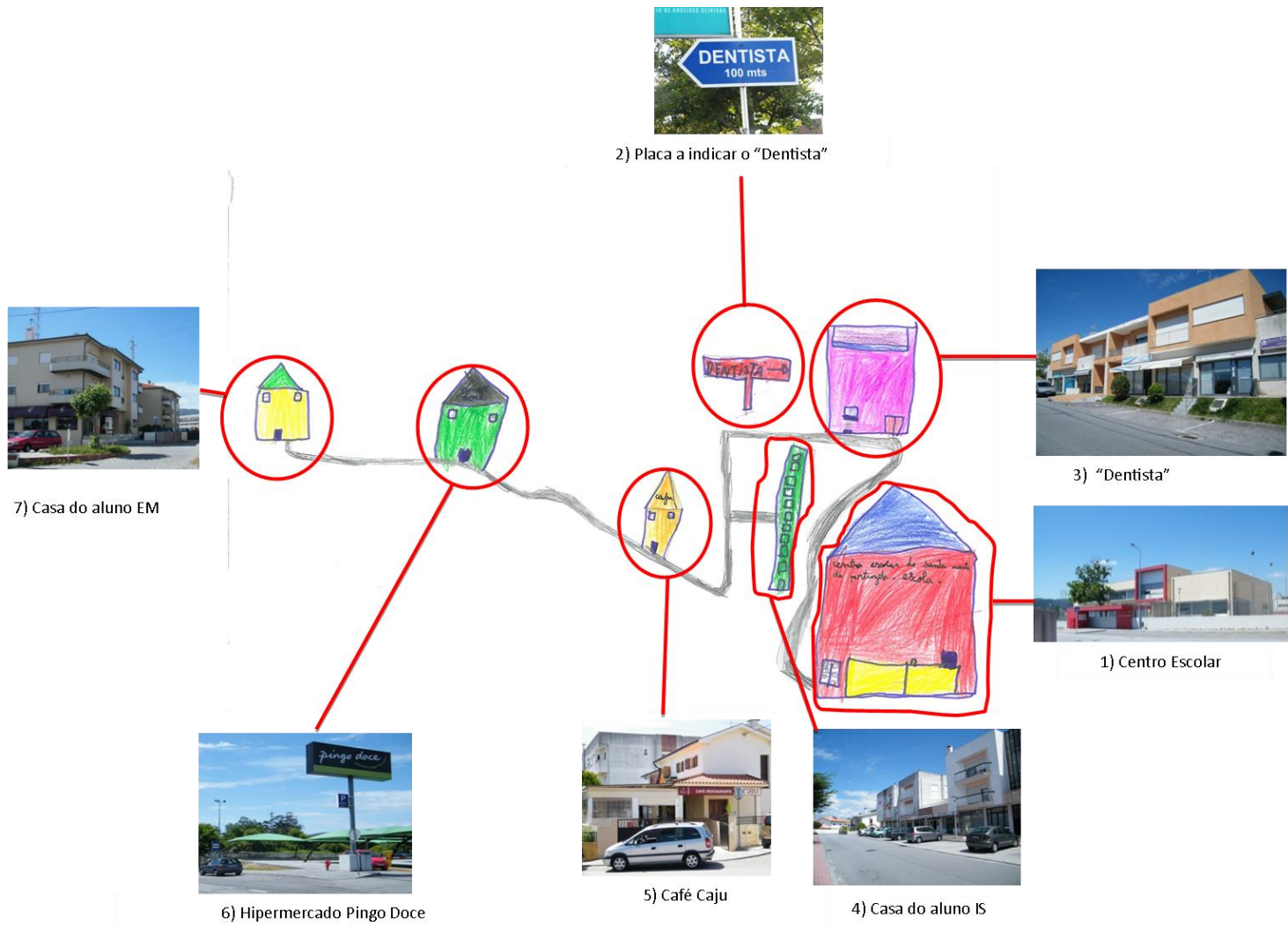
Relativamente ao primeiro trajeto (escola-casa), este encontra-se bem concebido, embora pudesse conter mais elementos tais como o “Centro de Formação Profissional” (Mapa itinerário Santamartense 3, Imagem 2), à semelhança dos desenhos anteriores.

No que respeita ao segundo trajeto (casa-lazer), verifica-se que o aluno não tem uma boa noção espacial uma vez que na realidade o “1) Centro Escolar” se encontra ao lado da “Escola C+S” como se pode verificar na Imagem 4, ao contrário do representado no desenho. Em relação à “Ciclovía”, em pesquisa e em posterior conversa com o aluno, ele explicou onde a mesma se encontrava. O aluno referia-se, na realidade, à “Pista de atletismo” que se localiza dentro da “Escola C+S” e não na outra rua, tal como o aluno representa no seu desenho.

Dois outros elementos representados neste desenho são a “7) Clínica dentária” e o “8) Campo de futebol”. Estas duas representações estão erradas, visto que não se encontram no seguimento da estrada, ficando na realidade noutro local. Estes elementos locais encontram-se localizados na rua representada pelos alunos LF (Registo itinerário Santamartense 4, Imagens 4 e 5) e RC. (Registo itinerário Santamartense 5, Imagens 3 a 5), sendo as imagens 7 e 8 do aluno localizadas no início da rua.



Mapa Cartográfico 6- Elaborado por IS



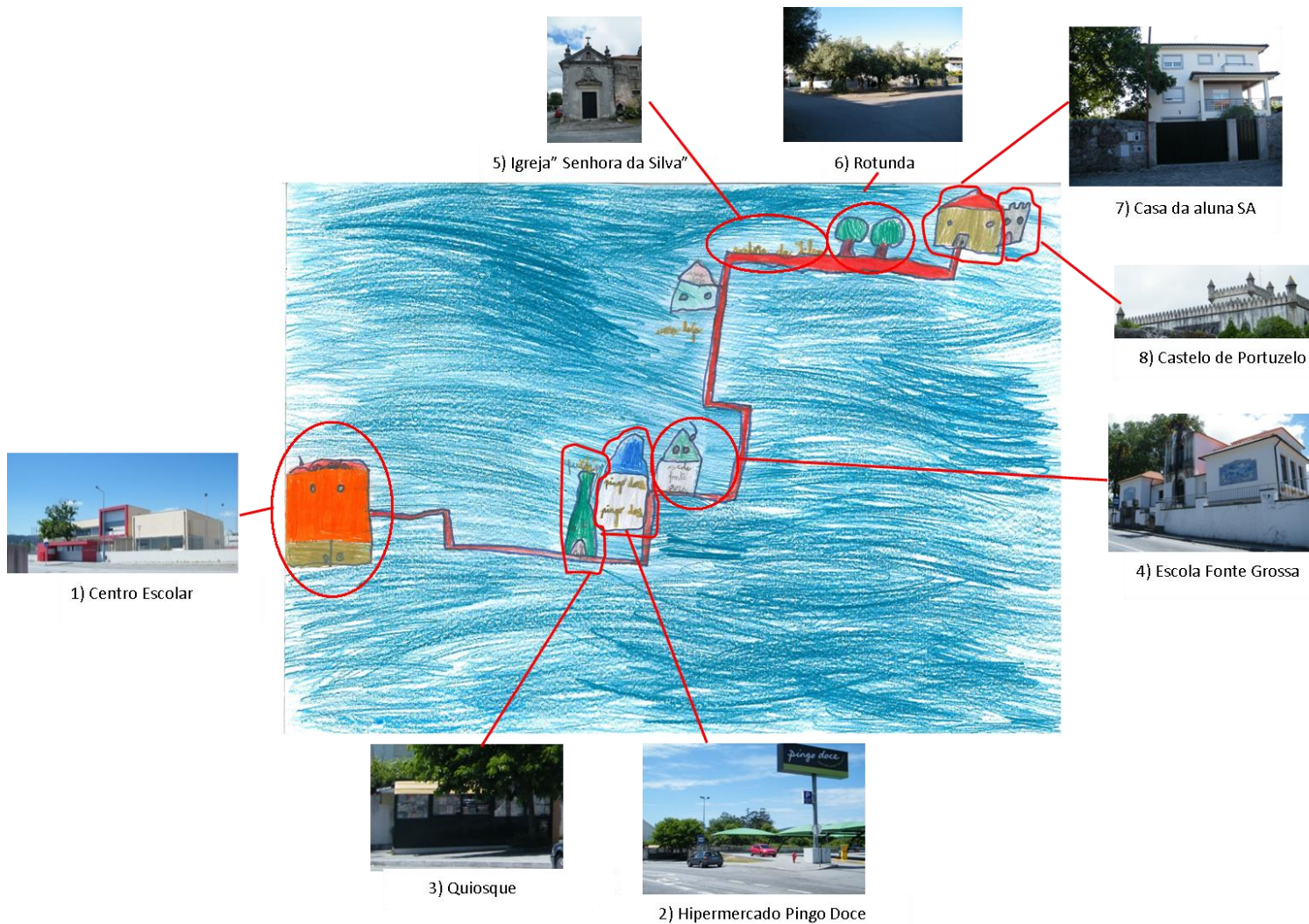
Registo itinerário Santamartense 7- Elaborado por EM

No seu desenho, o aluno EM representou o “1) *Centro Escolar*” no canto inferior da folha, tal como nos anteriores desenhos (Registos Itinerários Santamartense- 1, 2, 5 e 6). Torna-se, assim, uma percentagem significativa, que será abordada de forma mais aprofundada no final da análise de todos os desenhos.

Numa das ruas que interceta a rua que abrange o “1) *Centro Escolar*” verifica-se a existência de uma clínica dentária, não estando assinalada em nenhum dos outros desenhos analisados anteriormente nem nos que serão analisados na posterioridade. No entanto, a placa representada no desenho a indicar onde fica a clínica dentária não se encontra na mesma rua, mas sim perto do “5) *Café Caju*”. Como se verifica na imagem “4) *Casa do aluno IS*” encontra-se o desenho da residência de outro aluno, à qual o aluno EM afirmou “*é a casa do Igor, fica atrás do Caju*”. Relativamente à localização desta casa, o aluno situou-a corretamente, ao contrário do que aconteceu com a localização das imagens 6 e 7. A imagem “6) *Hipermercado Pingo Doce*” localiza-se na rua principal da freguesia, enquanto a “7) *Casa do aluno EM*” se encontra numa das interseções da rua principal.

Em modo de curiosidade, comparando a imagem real ao desenho não há qualquer dúvida que predomina a cor verde, sendo a mesma transposta para a cor do edifício.

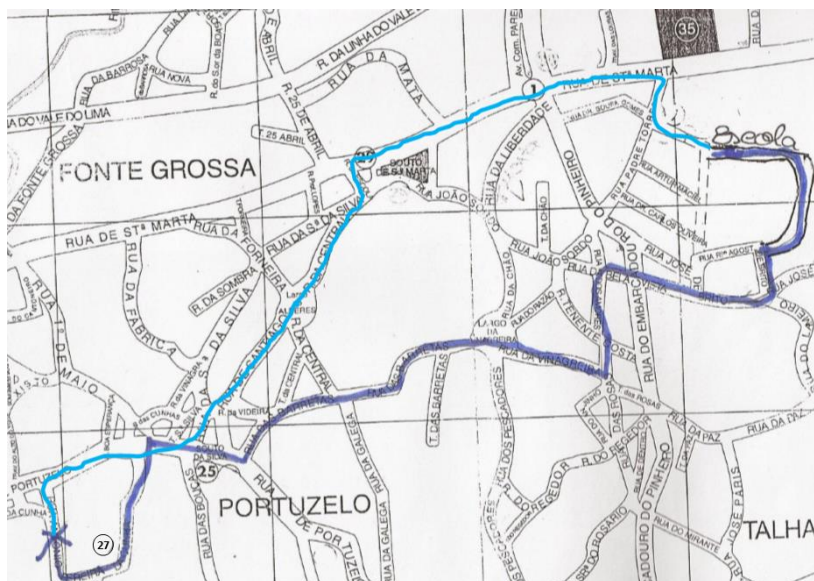
O aluno não tem mapa cartográfico devido que faltou a esta aula, sendo impossível fazer a comparação tal como os restantes alunos.



Registo itinerário Santamartense 8- Elaborado por SA

Como ponto de partida verifica-se que a aluna deixa a cor predominante dos anteriores desenhos (vermelho), pintando o “1) Centro Escolar” de laranja. Tendo em atenção os desenhos analisados anteriormente é a primeira vez que se verifica a nova cor.

Com base no mapa cartográfico da presente localidade, verifica-se que a aluna traçou de forma incorreta o seu trajeto, pois segundo os elementos presentes no seu mapa itinerário, a aluna percorre diariamente o percurso traçado a cor azul claro.



Mapa Cartográfico 7- Elaborado por SA

Assim sendo, verifica-se que a aluna esqueceu-se de representar o “*ponto 1*” do mapa cartográfico, o cruzeiro.

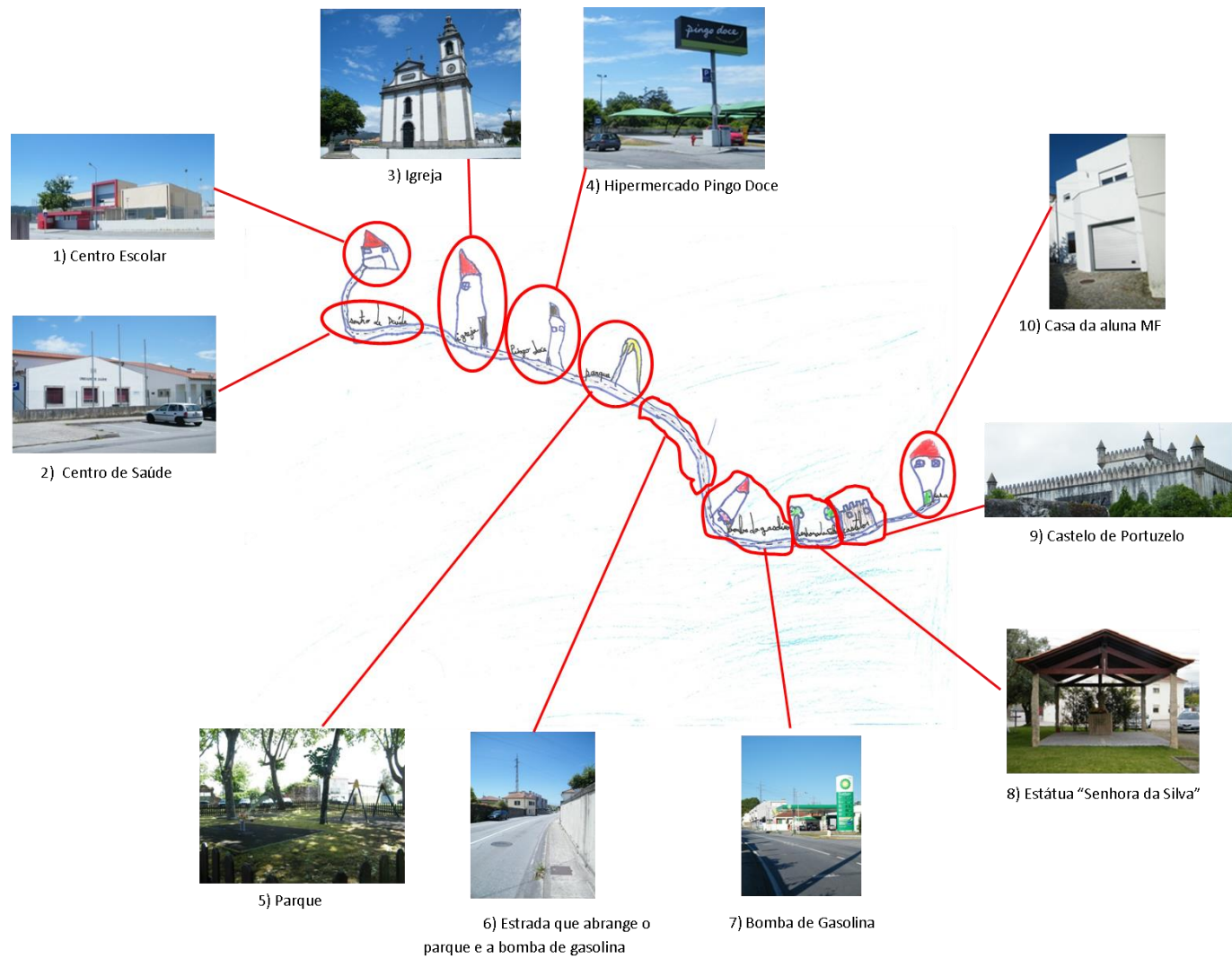
Os alunos que nos seus desenhos representaram o “2) Hipermercado Pingo Doce” esqueceram-se de incluir um pormenor, que esta aluna inclui, o “3) Quiosque”. Observando com muita atenção percebe-se que a aluna desenhou o hipermercado ao lado do quiosque, mas ligeiramente atrás do mesmo, sendo possível detetar esta situação na Imagem 2.

Relativamente à localização, esta está errada, ou seja, tendo como ponto de partida o “1) Centro Escolar”, primeiro deparamo-nos com o hipermercado e, apenas, depois com o quiosque. De forma a realçar este lapso por parte da aluna, optou-se por legendar as imagens nesta ordem. Seguindo este percurso deparamo-nos com um elemento do património histórico, a “4) Escola Fonte Grossa” (“*ponto 29*” no mapa cartográfico), considerada património local e nacional, em que a aluna localizou corretamente este

monumento perto da estrada, como se pode verificar pela imagem real. Pela qualidade da digitalização não é muito perceptível, contudo a cor predominante do desenho é o azul claro. Ao questionar a aluna sobre essa cor esta relatou que *“é a cor dos retângulos azuis”*. Os ditos retângulos azuis a que se refere a aluna são os painéis decorativos da fachada principal da parede da escola, que podem ser visitados a qualquer momento, sendo visíveis do exterior da escola. Este património poderia estar representado nos desenhos dos alunos GT, VC e EM uma vez que se efetuam este percurso diariamente

Tal como a aluna delineou, de seguida vira-se à esquerda para chegar a sua casa, e encontramos outro elemento do património local *“5) Igreja Senhora da Silva”*. No entanto, a aluna em vez de retratar o monumento tal como os outros elementos, preferiu escrever o nome do local identificado. Nessa mesma zona encontra-se, além da igreja, a estátua da senhora da silva.

Neste seguimento encontra-se uma *“6) Rotunda”* com árvores e de seguida a *“7) Casa da aluna SA”*. Relativamente ao *“8) Castelo de Portuzelo”*, que corresponde ao *“ponto 27”* do mapa cartográfico, questionou-se a aluna: *“O castelo fica ao lado da tua casa?”* ao que respondeu prontamente: *“Sim. Fica por trás da minha casa. Na janela de minha casa consigo ver o castelo.”*. No próprio local verificou-se esta mesma realidade. Assim sendo, teve a preocupação de desenhar as ruas e as devidas direções para serem encontrados todos os elementos fulcrais, essencialmente o património referido.



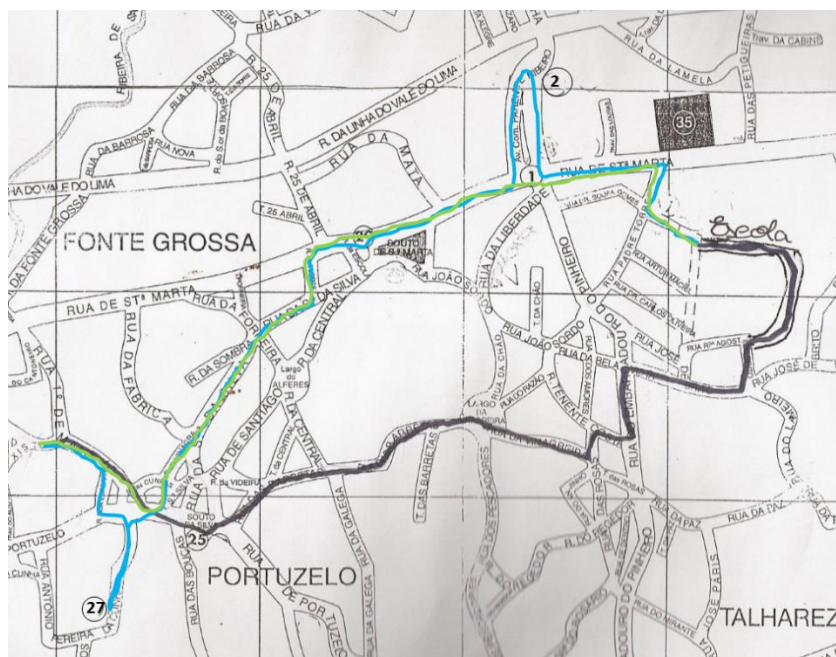
Registo itinerário Santamartense 9- Elaborado por MF

Ao nível do trajeto, a aluna MF, apenas desenha algumas curvas, mas não as direções devidas para chegarmos a sua residência, dando mais uma vez, a sensação de continuidade. Tal como as alunas LF e RC como já referimos anteriormente.

Apesar se colocarmos enumeração nas passagens, todas elas estão corretas.

Ao nível da dimensão dos edifícios que desenha, não são proporcionais à altura real. Vejamos o “1) Centro escolar” com o “9) Castelo de Portuzelo” ou o centro escolar com a sua casa (imagem 10).

Se observarmos com atenção a imagem real da “3) Igreja” com o seu desenho, as respetivas dimensões são grandes comparadas aos outros edifícios, sendo que pode assim considerar a igreja, mais importante que as restantes. A igreja é branca como a definiu, bem como a porta da igreja ser de cor castanha. A igreja é considerada património local, bem como nacional como referimos anteriormente, devido a ornamentação e pintura dos tetos.



Mapa Cartográfico 8- Elaborado por MF

Um facto curioso é que a aluna desenhou a Igreja, “ponto 2,”, mas ao refletimos com alguma atenção verifica-se que fica um pouco “fora” do seu percurso, sendo que a aluna não deu nenhuma justificação de efetuar este mesmo trajeto. Assim sendo, o percurso traçado a preto, foi delineado pela aluna, que nada tem haver com os elementos

indicativos desenhados no seu mapa itinerário. Os outros dois percursos delineados: cor azul e verde são as duas hipóteses apresentadas do verdadeiro percurso. A primeira é o percurso delineado segundo os elementos do desenho. Se a aluna realmente faz este percurso ponderasse então as seguintes possibilidades: consciência que existe a igreja e colocou-a por ser importante ou diariamente faz esse mesmo desvio para ir a igreja ou outro local perto deste. O segundo percurso é o que consideramos ser mais plausível da realidade.

Posteriormente verifica-se que a aluna colocou algo de novo, um parque em que representa um declive acentuado. Na imagem real (imagem 6) poderemos ver o seguinte declive, sendo que abrange não só o respetivo parque como também a bomba de gasolina.

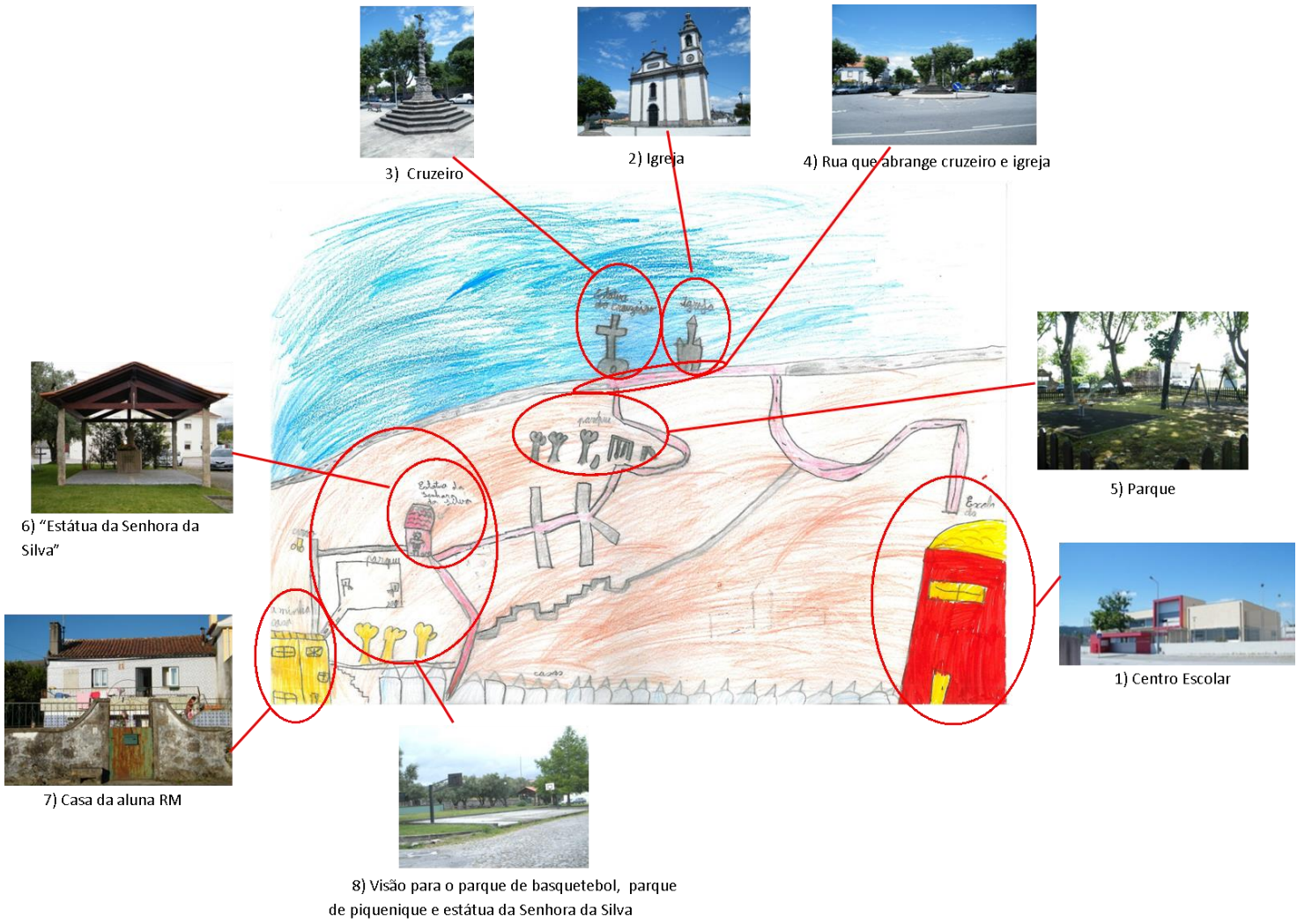
Mais uma vez vemos “senhora da silva” escrito e não desenhado, se reparamos com o desenho anteriormente analisado de SA, mais precisamente a imagem 5, observamos uma grande semelhança. Esta explicação pode dever-se que além de as duas alunas morarem respetivamente perto uma da outra e pelo fato de se sentarem uma ao pé da outra na sala de aula.

Aquando questionada a aluna MF, esta referiu que não queria representar a igreja da Senhora da Silva, mas sim a estátua, que como poderemos verificar pela imagem real (imagem 8), esta rodeada de árvores. Sendo que as árvores representadas pela aluna SA sejam da rotunda perto quer da igreja da Senhora da Silva quer da estátua.

Sendo também considerado “fora” de percurso o “9) Castelo de Portuzelo” (ponto 27 no mapa cartográfico), justifica-se com as mesmas razões anteriores sobre a Igreja paroquial. É importante referir que o trajeto delineado a cor azul, na zona do castelo, vai até à entrada do mesmo e depois retoma o percurso anterior até a casa da aluna. Não ponderamos continuar na mesma rua, e fazer o percurso que deveria mais plausível, pois a mesma é de difícil acesso, sendo bastante estreita e de más condições, quer na passagem de carros, como de pessoas, devido à altura de ervas daninhas.

É assim um dos desenhos mais ricos ao nível de património nacional e local.

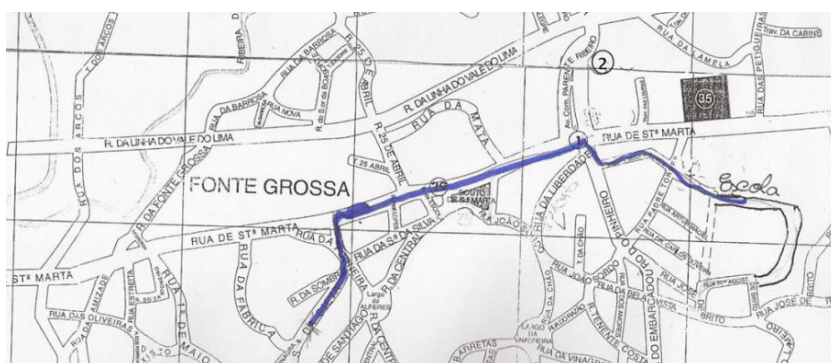
Assim os dois desenhos da SA, e MF, completam-se. Sendo que a SA, completa o desenho da MF, com a *Escola da Fonte Grossa*.



Registo itinerário Santamartense 10- Elaborado por RM

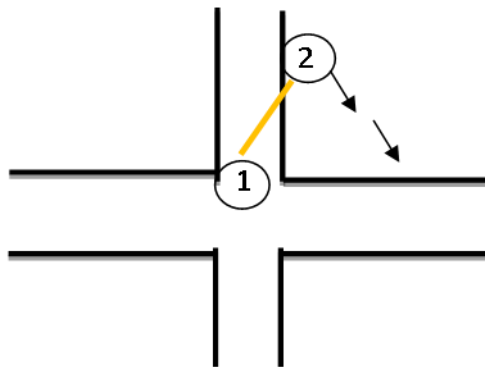
Numa primeira análise salienta-se o facto da estrada estar pintada de duas cores diferentes: cor-de-rosa e preto, sendo este facto representativo de dois percursos diferentes. A estrada cor-de-rosa representa o percurso escola-casa, por sua vez as estradas pintadas a preto são vias encontradas durante o percurso escola-casa, mas que não fazem parte do percurso principal.

Na estrada principal (Rua de Santa Marta) a aluna RM desenhou dois monumentos de grande importância, o cruzeiro (*Ponto 1*) e a Igreja de Santa Marta (*Ponto 2*), localizados no mapa cartográfico.



Mapa Cartográfico 9- Elaborado por RM

Tal como se verifica no mapa cartográfico a Igreja de Santa Marta não se encontra na mesma rua que a aluna desenhou, no entanto podemos analisar segundo outro prisma. Ao traçar uma linha a unir os pontos 1 (Cruzeiro) e 2 (Igreja de Santa Marta), como se pode ver no respetivo esquema, a linha traçada fica “reta”, podendo encontrar a Igreja logo atrás do cruzeiro. Por outro lado, se localizássemos a Igreja onde as setas indicam e girássemos o desenho veríamos que a Igreja continuaria atrás do cruzeiro.



Posteriormente observamos um “5) Parque infantil” sendo que a desenhou com uma grande curva. Isso verifica-se no contexto real, sendo possível visualizarmos com o mapa perto do “ponto 29”, em que vemos uma mancha preta com a seguinte legenda: “Souto de Santa Marta” essa mancha é onde se localiza o parque, conseqüentemente cheio de árvores. A aluna desenhou assim essa rua, esquecendo-se de fazer a ligação da rua principal como vemos no mapa. Isto é, a aluna desenhou a curva no seu desenho, mas no trajeto apenas passa pela rua principal.

Ao seguir este trajeto verificamos que a aluna passa pela Escola Fonte Grossa (Ponto 29), mas que não a desenhou como a aluna SA.

Seguidamente encontramos no seu desenho a estátua da Senhora da Silva, mas que não esta demarcado no mapa. A razão pela qual é que a estátua foi construída a sensivelmente pouco tempo e o mapa cartográfico foi impresso, bem antes de esta ser construída. Esta construção deveu-se a que a capela da Senhora da Silva (Ponto 25) pertence a privados, o que dificulta o acesso aos fiéis para orarem a Nossa Senhora, bem como festejar em sua honra em dia de festa.

Todos os pormenores desde a “6) Estátua da Senhora da Silva”, “8) Parque de basket” em que desenha as balizas, bem como o ano de construção e a sua casa estão bastante detalhados e aprofundados.

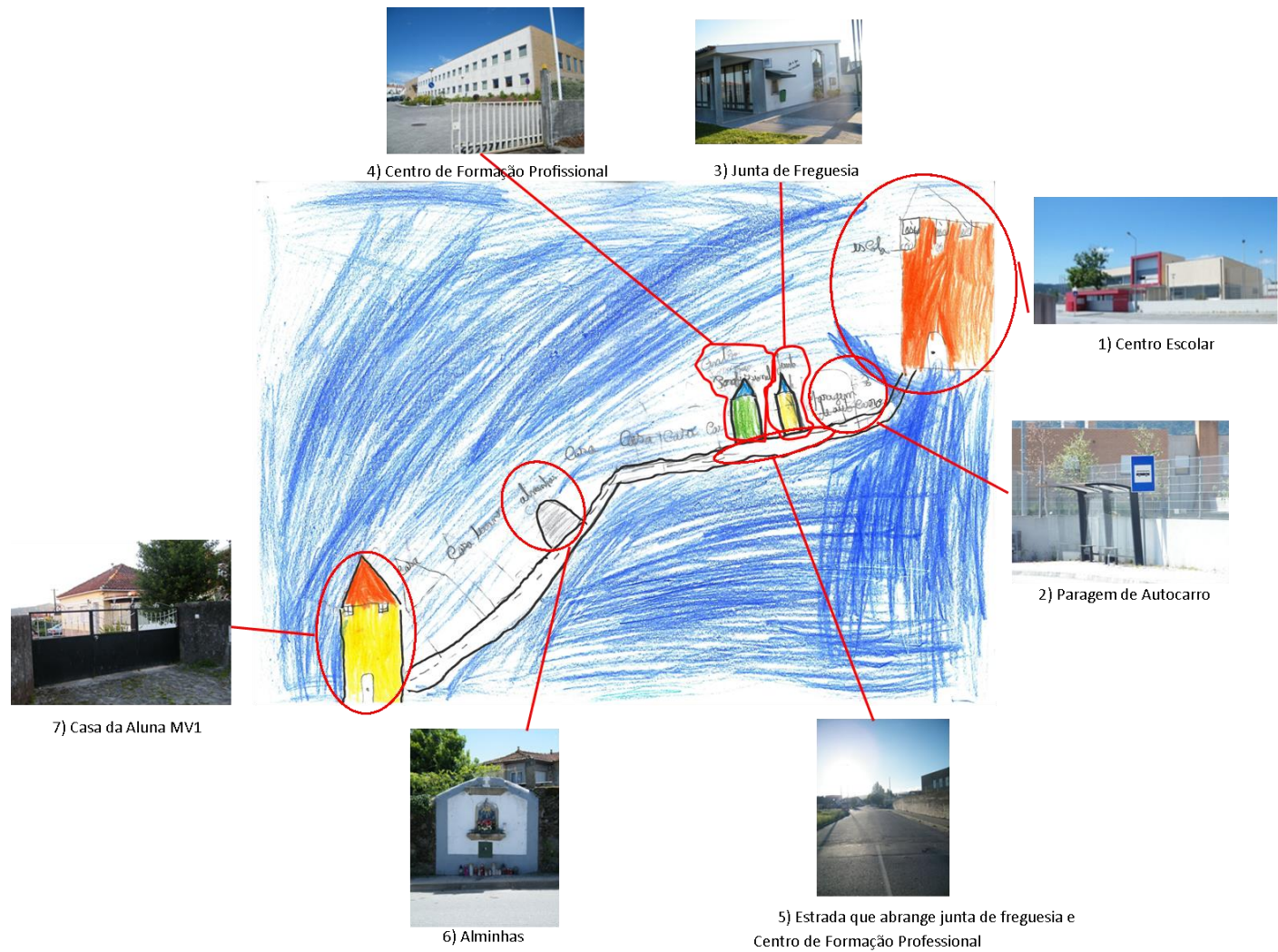
Ao nível da sua casa (imagem 7) visualizamos que a cor do desenho não é a mesma que é apresentada na realidade. Sendo que no desenho é apresentada a cor amarela e na imagem real uma mistura de cores, devido aos diversos azulejos.

Uma outra curiosidade é que na atividade de construção da casa a partir da modelagem como poderemos ver na “3) Casa da RM em pasta de moldar” é de cor azul, sendo a cor predominante na sua casa.



Casa em pasta de moldar 3- RM

Para esta diversidade de cores a aluna RM justificou-se: *Pintei a minha casa de amarelo, porque é a cor que eu queria que a minha casa fosse. Porque a minha casa tem muitas cores. É feia.*



Registo itinerário Santamartense 11- Elaborado MV1

Referentemente as “6) *Alminhas*” podemos verificar a localização no mapa cartográfico que se localizam no ponto cor de rosa do mapa, sendo verificável que habita perto da zona, bem como passa diariamente nesta património.



5) Casa do aluno GV



4) "restaurante Vianinha"



1) Centro Escolar



2) Cabeleireira



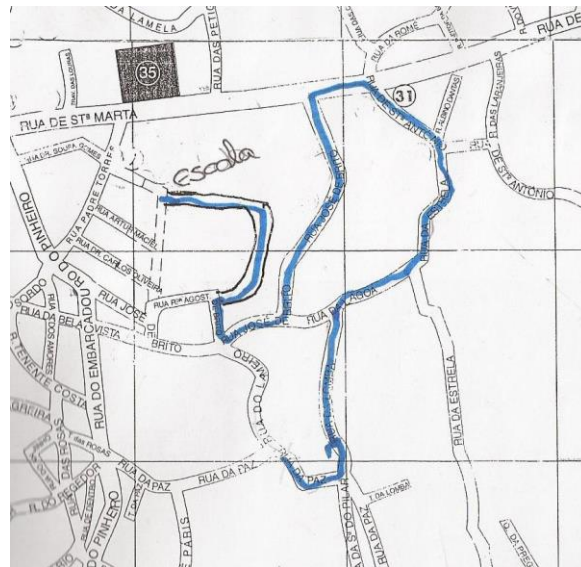
3) Estrada que dá acesso ao restaurante: "Vianinha"

Registo itinerário Santamartense 12- Elaborado por GV

Este aluno delineou poucos elementos para compreendermos o trajeto escola-casa.

Ao nível do desenho e pelos elementos apresentados compreende-se que o aluno mora perto da escola. Por outro lado, o mapa cartográfico, que nos é apresentado, verificamos, um longo trajeto.

Assim ao traçar o mapa o aluno afirmou que a maior parte dos dias, no final das suas aulas iria buscar com os pais a sua irmã, aos avós o que levava a traçar esse mesmo percurso.



Mapa Cartográfico 11- Elaborado por GV

Voltando à análise do desenho, poderemos ver que a curva acentuada perto do “4) restaurante vianinha” existe, sendo assim comprovado pela imagem 3, em que é visível a estrada que dá acesso ao restaurante.

Ao nível da sua casa, comprova-se que ao nível da estrutura e cor, encontram-se de acordo com o desenho, imagem real e construção através da moldagem.



Casa em pasta de moldar 4- GV



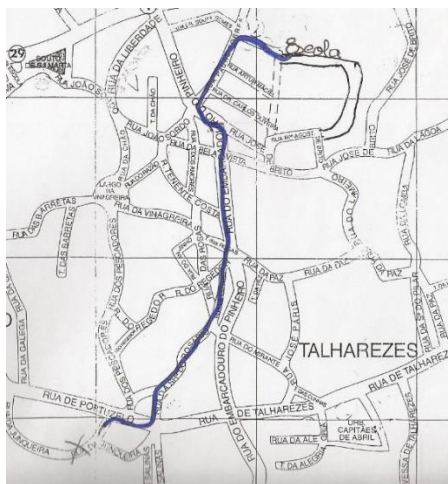
2) Casa do aluno TA



1) Centro Escolar

Registo itinerário Santamartense 13- Elaborado por TA

Embora o desenho do aluno GV apresentasse poucos elementos, verificamos que o presente desenho do aluno TA apresenta ainda menos elementos, não sendo possível uma correta orientação até sua casa. Tal como se vê no desenho o aluno colocou a palavra “casa” em vez de desenhar as casas existentes ao longo do percurso, sendo possível identificar, apenas, o “1) Centro Escolar” e a sua casa (Imagem 2).



Mapa Cartográfico 12- Elaborado por TA

Tal como se verificou com a aluna MV1, o aluno TA apresenta uma certa desorientação no que se refere ao percurso efetuado da escola para casa. Ao considerar o “1) Centro Escolar” como ponto de partida, através do desenho do aluno dá-nos a indicação que se deveria seguir no sentido Norte para chegar a casa (Imagem 2). No entanto, ao analisar o mapa cartográfico verifica-se que a realidade é diferente, isto é, para chegar a sua casa o aluno dirige-se para Sul.

No que se refere à cor da sua casa, não há coesão em nenhum dos elementos em análise, ou seja, no desenho o aluno representa a sua casa de cor verde, na construção por modelagem representa-a de cor preta, contudo na realidade verifica-se que nenhuma destas representações é a correta.



Casa em pasta de moldar 5- TA



1) Centro Escolar



3) Casa do aluno DA



2) Restaurante Camelo

Registo itinerário Santamartense 14- Elaborado por DA

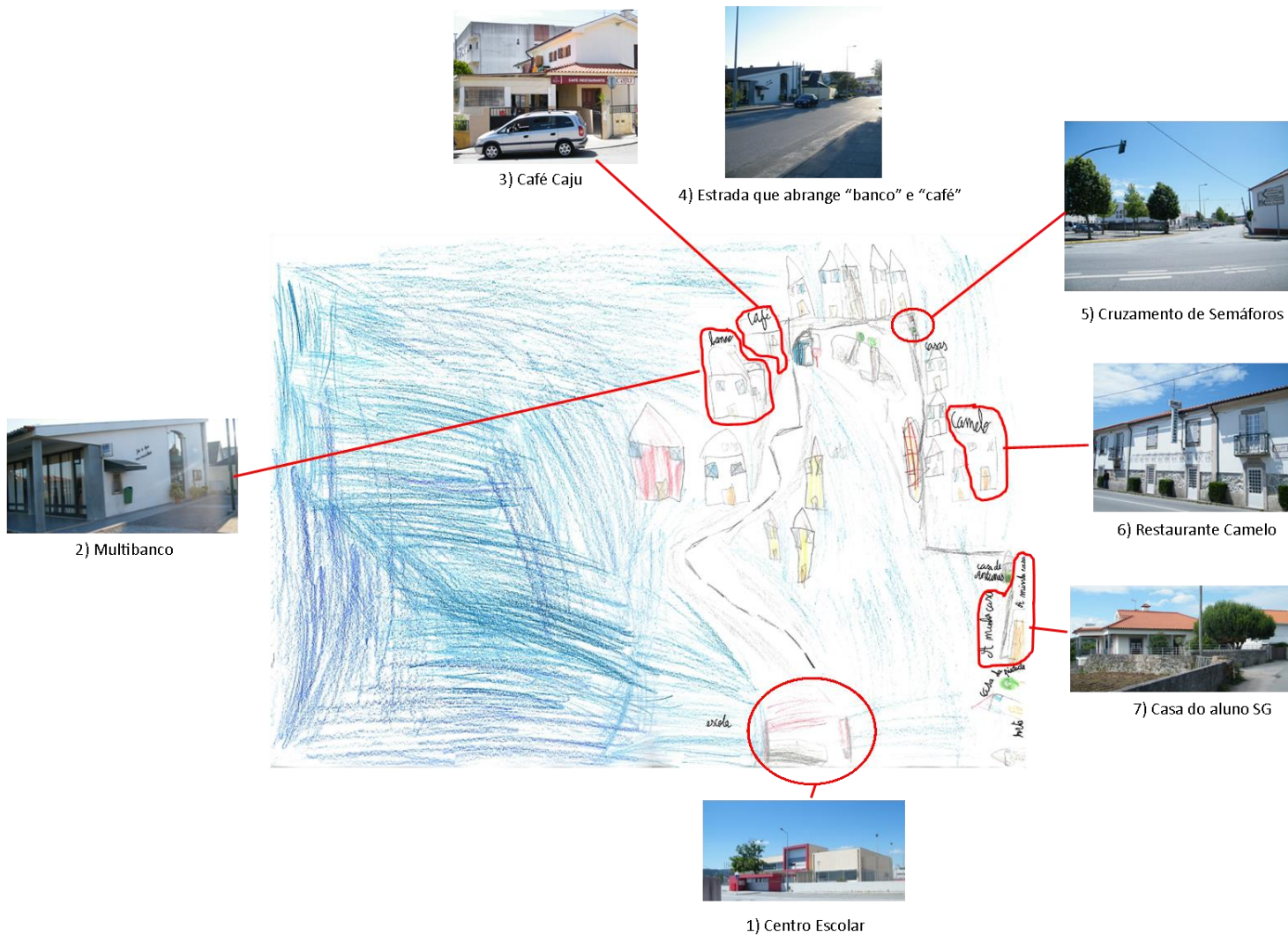
Através de uma análise inicial verifica-se que o desenho do aluno DA contém pouca informação relativamente ao trajeto escola-casa.

Não foi possível tirar fotografia à casa deste aluno uma vez que não foi possível obter a morada correta. O processo escolar continha a morada representada no seguinte mapa cartográfico, contudo o desenho do aluno representa outra residência. Esta incoerência de moradas surgiu devido à localização do “3) *Restaurante Camelo*”, representado no mapa cartográfico pelo “ponto 35”, sendo este um trajeto oposto ao indicado.



Mapa Cartográfico 13- Elaborado por DA

Uma possível justificação desta incoerência de moradas refere-se à atual situação dos progenitores do aluno DA. Os pais deste aluno encontram-se, de momento, divorciados, tendo a guarda conjunta do mesmo, o que faz com que o aluno tenha duas casas e duas moradas, pelo que deverá ter optado pelo trajeto de uma delas.

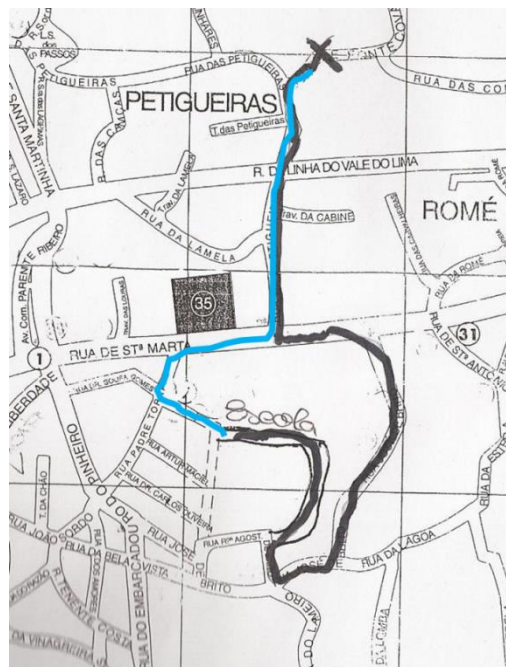


Registo itinerário Santamartense 15- Elaborado por SG

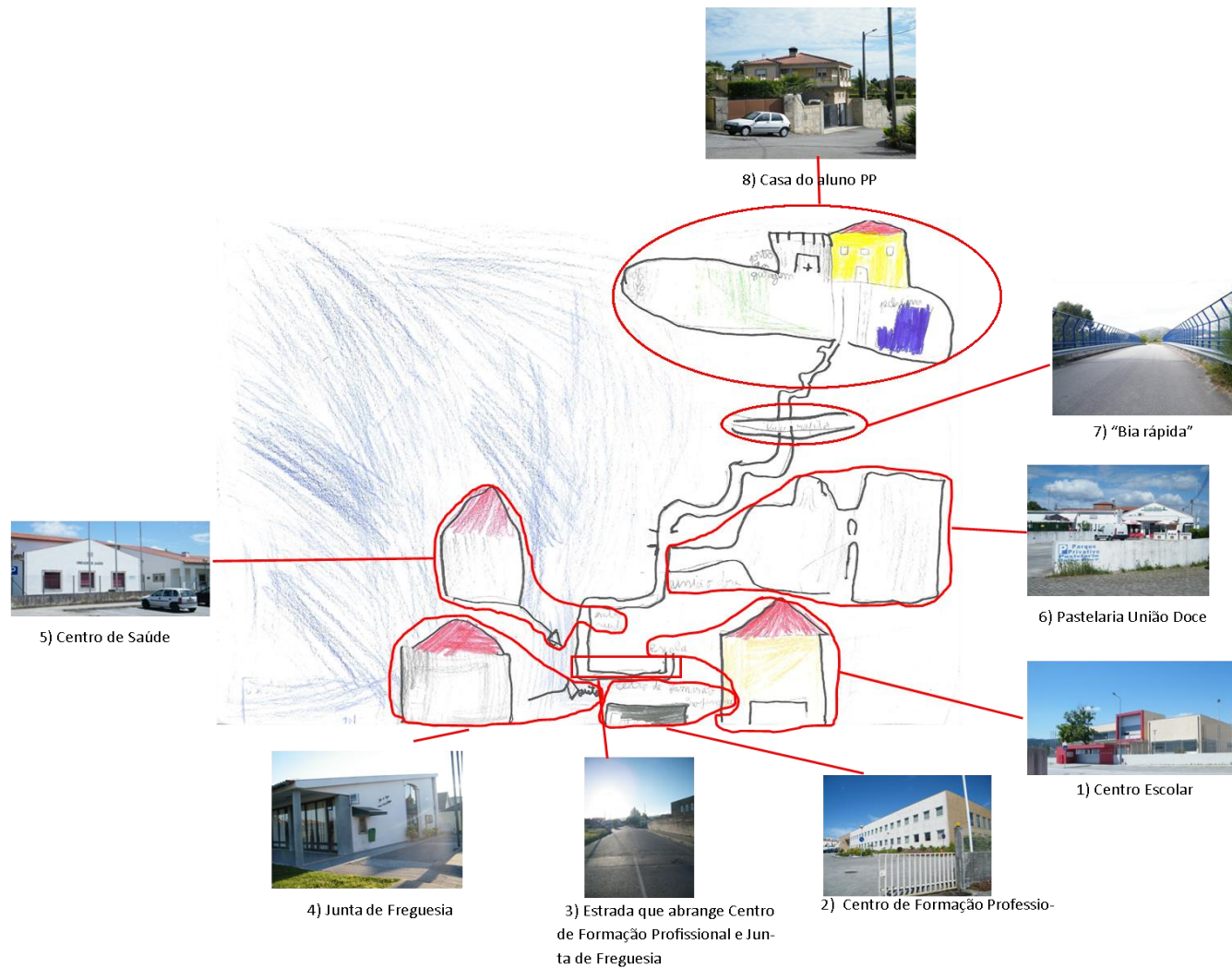
Neste desenho além de se encontrar elementos importantes também se encontram pormenores tais como os “5) Semáforos” e parque de estacionamento com árvores. É importante referir que o local assinalado como “2) Banco” é na realidade um sistema Multibanco colocado na Junta de Freguesia.

Ao longo do seu percurso escola-casa dá-se realce a alguns elementos pontuais muito próprios da sua identidade, tais como a casa dos vizinhos que identifica como “Casa da Piedade” e “Casa do Antunes”. Dá-se grande realce a esta sinalização uma vez que no mundo atual o contacto com os vizinhos é reduzido ou mesmo escasso, e no entanto através deste desenho percebe-se que o aluno considera importante esta ligação.

Fazendo agora o contraste entre o desenho e a realidade apresentada pelo mapa cartográfico verifica-se que, apenas, a “Casa do Antunes” (localizada na rua das Petigueiras) faz realmente parte do trajeto. De forma a incluir todos os elementos representados no desenho teríamos que efetuar o trajeto assinalado a azul no mapa cartográfico, obtendo assim um trajeto diferente. Se o aluno transpusesse para o mapa cartográfico a verdadeira trajetória, se virássemos o desenho para o lado esquerdo e comparássemos os dois materiais ficaríamos com uma representação exata.

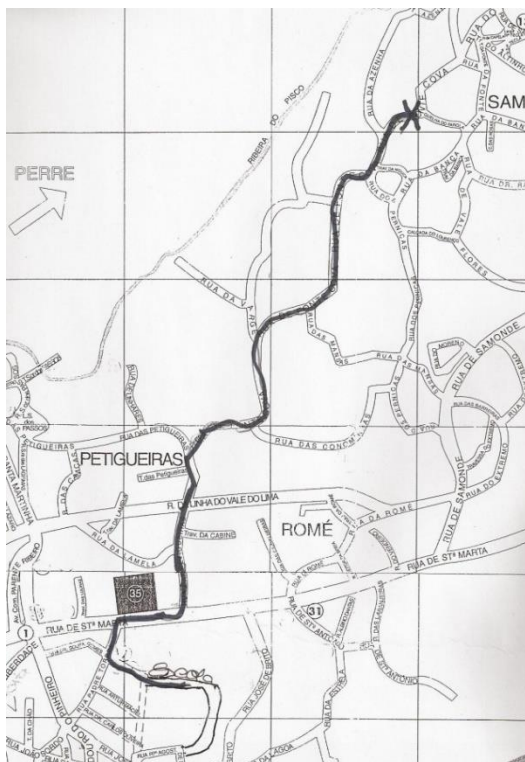


Mapa Cartográfico 14- Elaborado por SG



Registo itinerário Santamartense 16- Elaborado por PP

Analisando o desenho do aluno PP verifica-se que este está muito bem concebido ao nível de elementos representados e da via. Tal como a aluna MV, fazendo uma sobreposição do desenho no mapa cartográfico iríamos deparar-nos com um trajeto exatamente idêntico, tal como se pode comparar com o mapa cartográfico seguinte:



Mapa Cartográfico 15- Elaborado por PP

Observado a um nível mais particular, verifica-se que este desenho contem vários elementos presentes no percurso diário do aluno. Após a saída do “1) Centro Escolar” encontra-se a representação de vários elementos, tais como: “2) Centro de Formação Profissional”, “3) Estrada que abrange o Centro de Formação Profissional e a Junta de Freguesia”, “4) Junta de Freguesia” e “5) Centro de Saúde”. Na representação da “6) Pastelaria União Doce” o desenho que faz a lápis é de um escorrega, elemento que é visível em contexto real. De seguida encontra-se a “7) Bia rápida”, sendo importante referir que o aluno desenhou a via rápida que passa por baixo da ponte que está representada na fotografia.



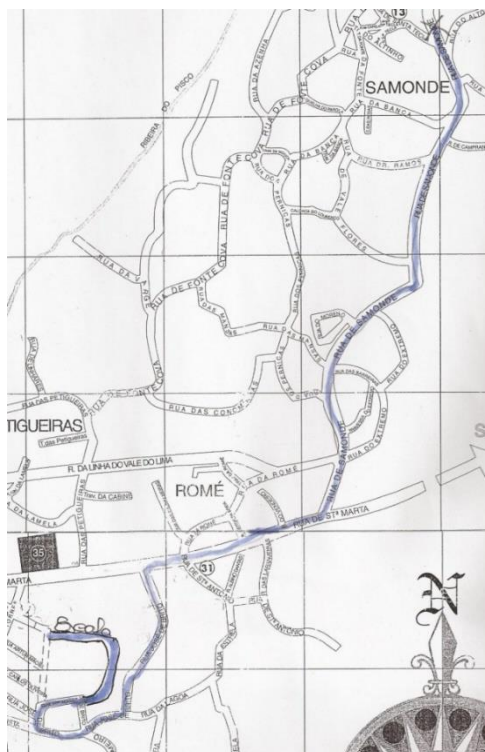
2) Casa do aluno GM



1) Centro Escolar

Registo itinerário Santamartense 17- Elaborado por GM

Observando este desenho não é possível fazer uma comparação com o restante material (mapa cartográfico). Fazendo uma comparação com os restantes desenhos analisados, verifica-se que este é muito confuso. O aluno GM utiliza excessivamente variadas cores, representando o “1) Centro Escolar” no centro da folha dando a sensação que tudo gira em torno da vida escolar. Esta afirmação encontra-se justificada pelo facto de ter representado várias setas servindo de “guia” ao longo do percurso.



Mapa Cartográfico 16- Elaborado por GM

Só através do mapa cartográfico se consegue obter um esclarecimento relativo ao percurso, devido às declarações do aluno “*passo pela casa do Luís e bar dos amigos*”. Assim sendo, este aluno vive relativamente perto do aluno PP, e este não localiza a casa da mesma forma, “num alto”.



1) Centro de Formação Profissional



3) Restaurante Camelo



5) Café Bar dos Amigos



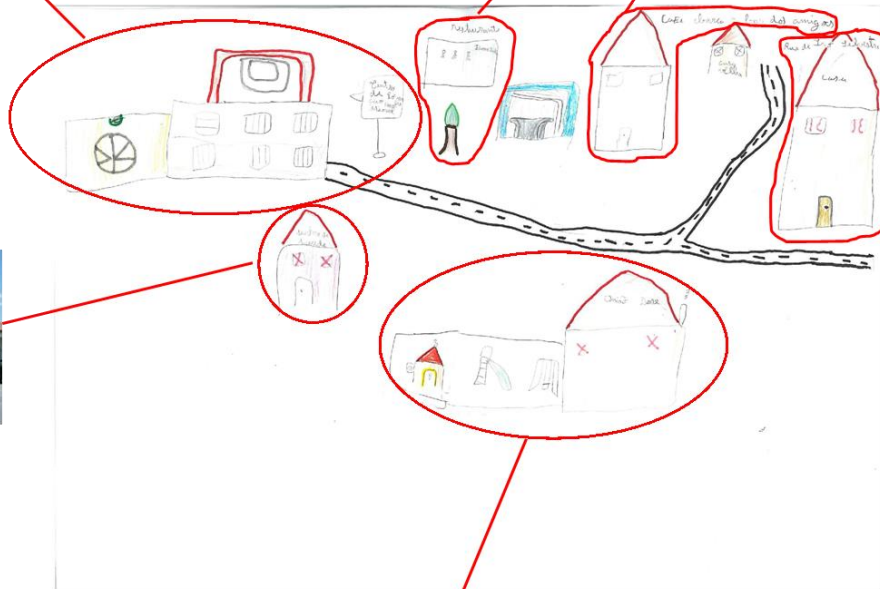
6) Casa da aluna CC



2) Centro de Saúde

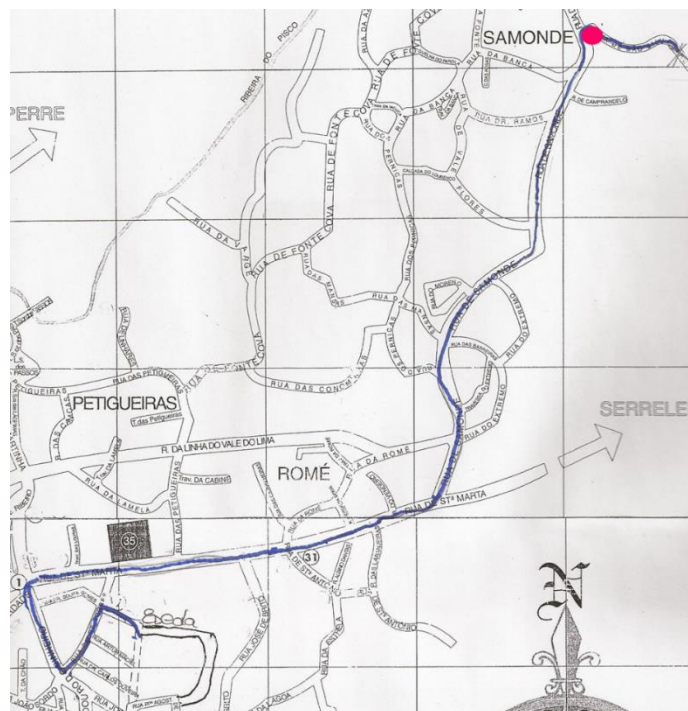


4) Pastelaria União Doce



Registo itinerário Santamartense 18- Elaborado por CC

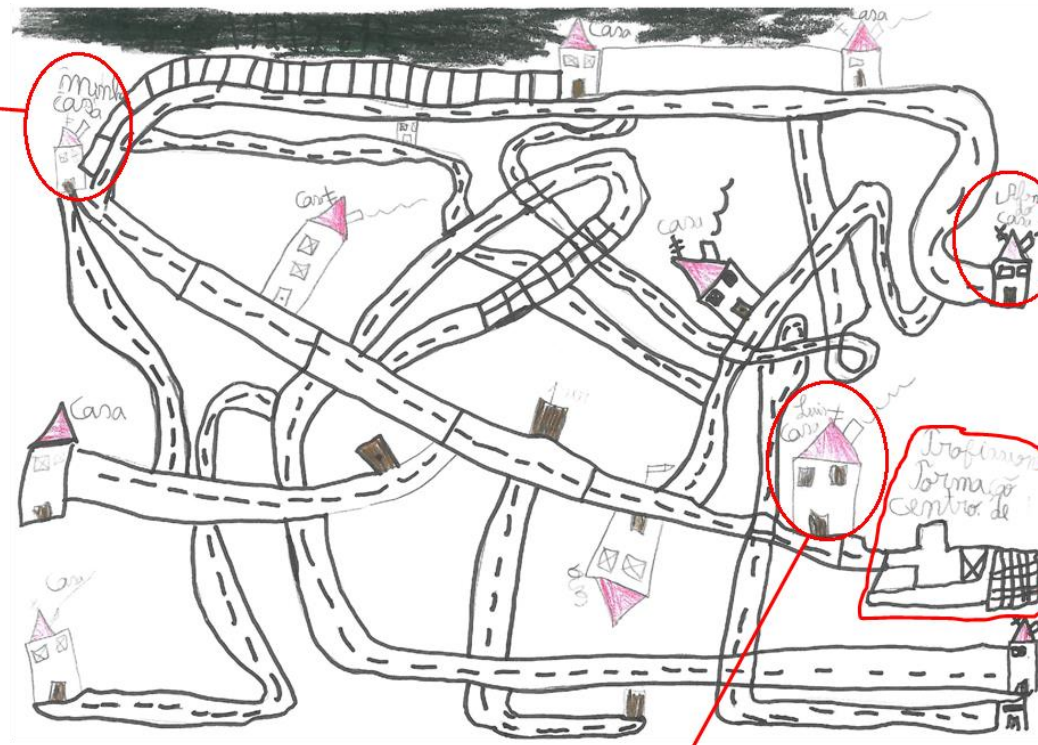
A aluna CC representou vários elementos ao longo do percurso escola-casa, no entanto a maior parte destes estão dispersos na página ou encontram-se todos representados na mesma rua, pelo que se torna impossível perceber a sua verdadeira localização. Pela primeira vez surge um desenho em que o ponto de partida não é a escola mas o “1) Centro de Formação Profissional”, que está localizado na mesma rua que a escola. Tal como o aluno PP, esta aluna também desenhou a “4) Pastelaria União Doce” e baloiços, sugerindo que a aluna tem esses mesmos elementos muito presentes no seu dia-a-dia. Relativamente ao café “6) Bar dos amigos” (ponto cor de rosa, do mapa cartográfico), este fica perto da casa da aluna, sendo também um ponto fulcral para o aluno GM, tal como referido anteriormente. Através da análise do mapa cartográfico é possível verificar essa mesma distância.



Mapa Cartográfico 17- Elaborado por CC



4) Casa do aluno DL



3) Casa do aluno AA



1) Centro de Formação Profissional



2) Casa do aluno LN

Registo itinerário Santamartense 19- Elaborado por DL

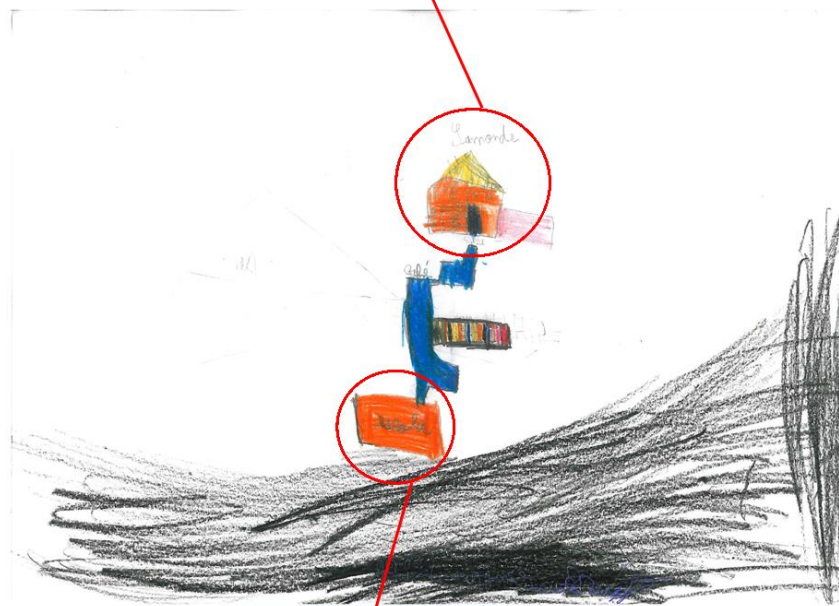
O desenho do aluno DL é muito desordenado, não é coerente e não tem ligação entre os vários elementos. Representou várias ruas sem uma ordem lógica, não sendo possível encontrar um ponto de partida e um ponto de chegada. Tal como a aluna CC, este aluno não representou a escola em nenhuma parte do desenho, representando apenas o “1) Centro de Formação Profissional” de uma forma distinta dos restantes elementos do desenho. Como se verifica no desenho a “2) Casa do Luís” aparece representada, no entanto ao analisar o mapa cartográfico percebe-se que o desenho não representa a realidade. Assim sendo, ao dar real atenção aos elementos “1) Centro de Formação Profissional”, “2) Casa do Luís” e “3) Casa do Afonso” verifica-se que estes elementos estariam presentes no percurso assinalado a azul no mapa cartográfico, contudo percebe-se que o percurso delineado pelo aluno não contém nenhum desses elementos.



Mapa Cartográfico 18- Elaborado por DL



2) Casa do aluno AA

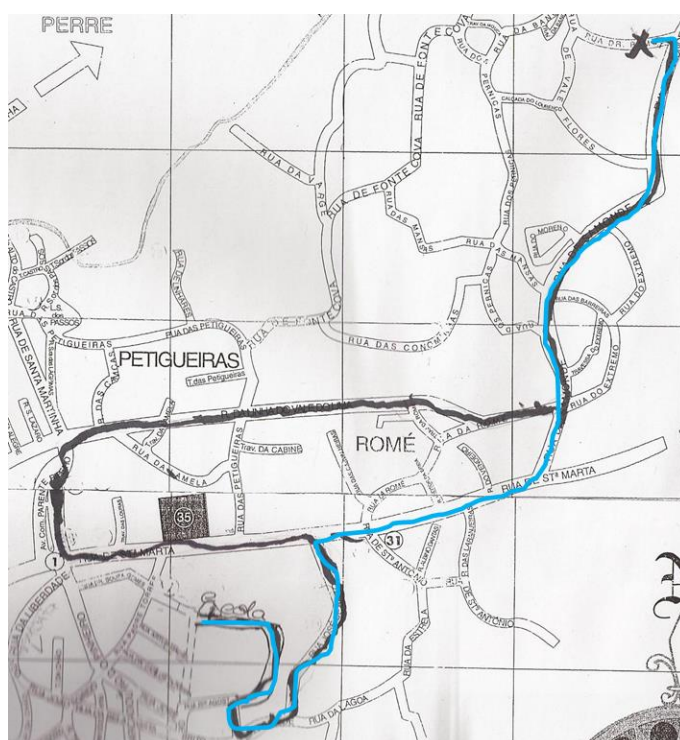


1) Centro Escolar

Registo itinerário Santamartense 20- Elaborado por AA

Tal como se verificou com o aluno TA, o presente desenho do aluno AA não contém elementos suficientes para que seja possível traçar o seu percurso escola-casa.

Torna-se importante referir que o percurso traçado para sua casa não condiz com a informação dada pelo aluno ao afirmar que “*passo pela casa do Luís*”, fazendo suspeitar que o verdadeiro percurso efetuada é o assinalado a azul claro no mapa cartográfico. Assim, verifica-se um pormenor relevante à semelhança do anulo PP. Ao analisar o desenho percebemos que o aluno tem uma boa perceção ao nível da orientação espacial, representando a sua casa num “alto”, situação passível de verificar pelo mapa cartográfico.



Mapa Cartográfico 19- Elaborado por AA



2) "Sentro saúde"



3) Cruzamento de Semáforos



8) casa do aluno LN



4) Restaurante Camelo



5) "Necas"



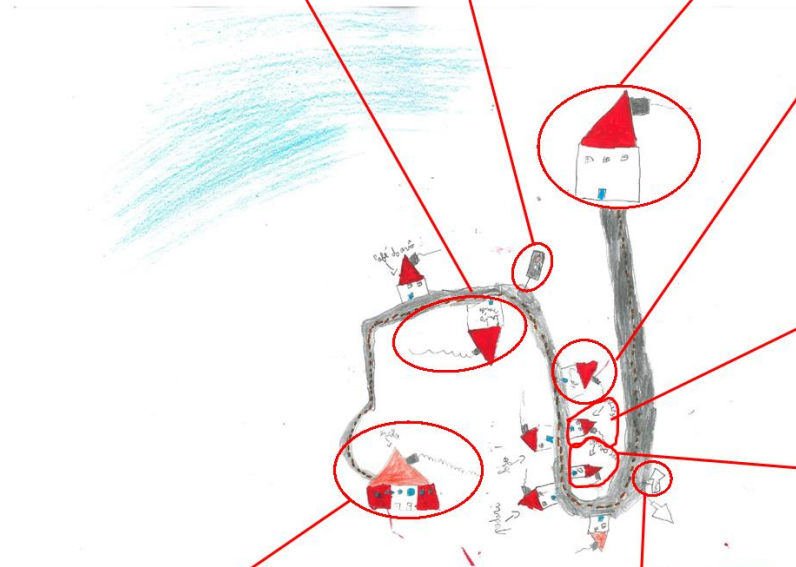
6) Pastelaria União Doce



1) Centro Escolar



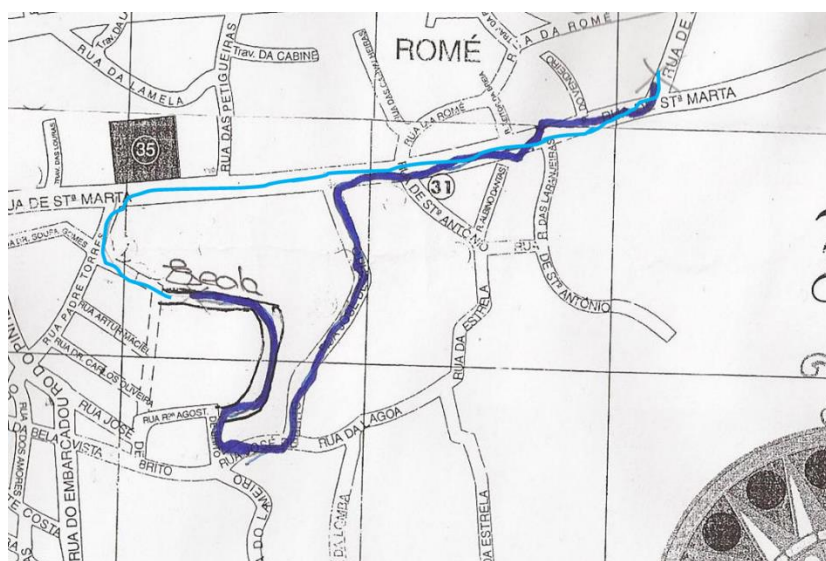
7) Placa a indicar o lugar de Samonde



Registo itinerário Santamartense 21- Elaborado por LN

O desenho do aluno LN é um dos desenhos mais completos a nível de representação de pontos urbanísticos. Observando atentamente o desenho verifica-se que desde a saída da escola até à chegada a casa o aluno representa todos os pormenores urbanísticos existentes, errando, apenas, na localização da “6) Pastelaria União Doce” e do “5) Necas” uma vez que seguindo o seu percurso encontramos em primeiro lugar a pastelaria e posteriormente o café “5) Necas”. Tal como o desenho da aluna RM, o desenho e o trajeto do aluno LN aproxima-se muito da realidade.

Tal como a aluna MV desenhou um semáforo e para indicar a direção de sua casa desenhou uma placa que a dizer “7) Samonde”, verificando que corresponde à realidade. Ao nível da representação dos vários edifícios verifica-se uma constante repetição das características: telhado vermelho de formato triangular com chaminés, e portas de cor azul. Outra curiosidade verificada refere-se ao realce que o aluno dá apenas a dois elementos do desenho, a escola e a casa, relativamente ao tamanho.



Mapa Cartográfico 20- Elaborado por LN

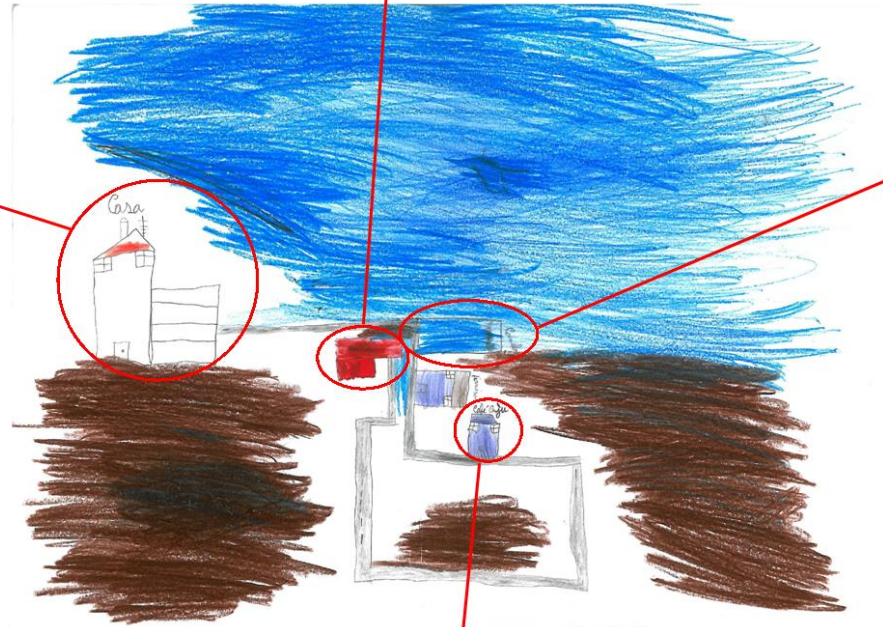
Comparando o mapa cartográfico e o respetivo desenho encontram-se semelhanças, apenas, a partir da imagem 4, correspondente ao Restaurante Camelo, situação explicada pelo aluno “a minha mãe antes ia por aqui, por a C+S. Mas agora vai pelo centro de saúde porque teve um acidente perto da C+S e assustou-se e eu agora vou por aqui”.



1) Centro Escolar



4) Casa do aluno RD



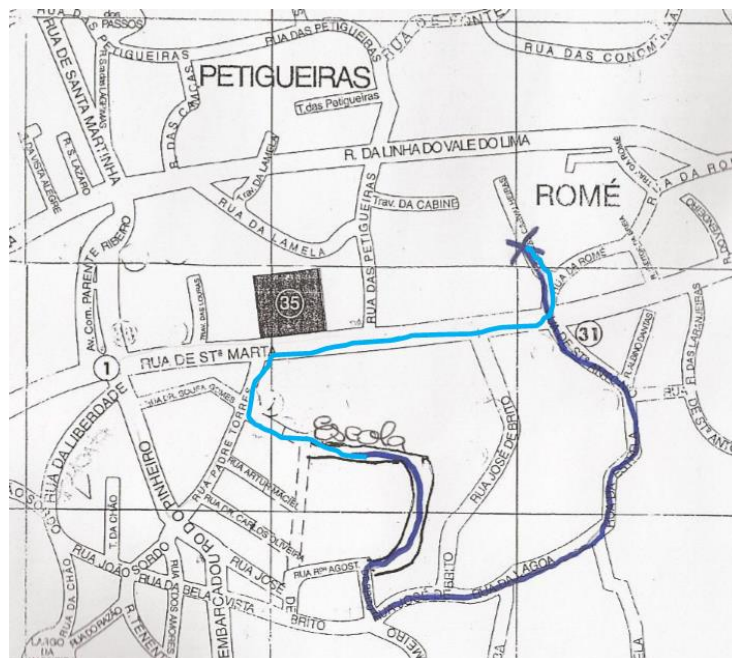
3) Restaurante Camelo



2) Café Caju

Registo itinerário Santamartense 22- Elaborado por RD

Primeiramente é necessário referir que a ordem das respetivas imagens do mapa itinerário do aluno RD estão ordenadas segundo as características urbanísticas reais, como podemos verificar no seguinte mapa cartográfico:



Mapa Cartográfico 21- Elaborado por RD

Assim sendo, a cor azul claro, representa o trajeto real, segundo os elementos urbanísticos fornecidos no seu desenho.

De todos os desenhos aqui analisados, demonstrou-se que a maioria dos alunos traçou o seu trajeto, utilizando como ponto de partida a escola. Contrariamente denota-se que o aluno RD, fez o oposto, começando pela sua casa e terminando no “1) Centro Escolar”. Mesmo utilizando esta teoria casa-escola, o aluno não desenhou pela ordem correta, sendo por isso necessário recorrer a ordem real das imagens para se compreender o verdadeiro trajeto.

Outra particularidade é que o aluno não desenhou o património local, que se cruza diariamente, a capela de Santo António, em que esta representado no “ponto 29” do mapa cartográfico.



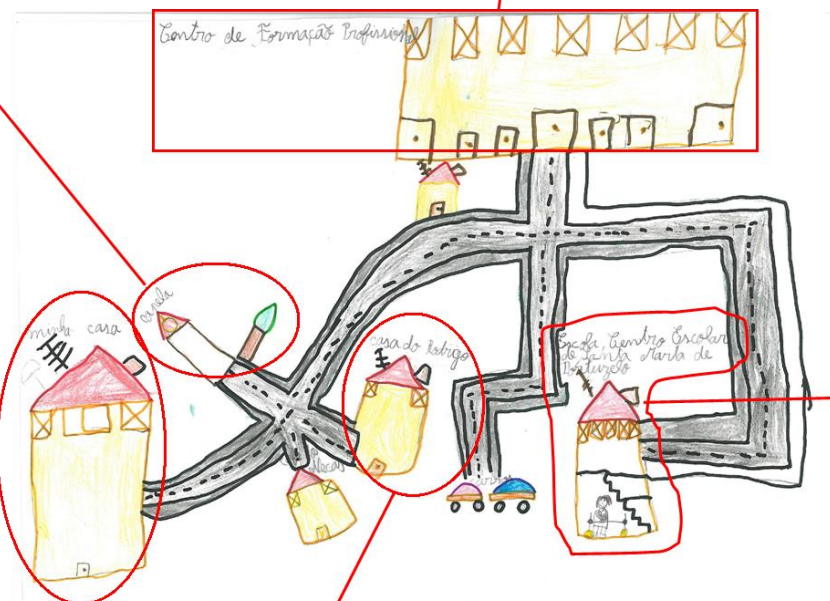
3) Capela Santo António



2) Centro de Formação Profissional



5) Casa da aluna MA



1) Interior do Centro Escolar



4) Casa do aluno RD

Registo itinerário Santamartense 23- Elaborado por MA

Antes da análise do respetivo mapa itinerário é importante salientar que a presente aluna MA, não habita nesta localidade, mas sim na extremidade vizinha. Contrariamente ao que aconteceu ao aluno GT, que representou maioritariamente elementos pertencentes á sua própria localidade, a aluna RM, apenas desenhou a sua casa. Sendo, que todos os outros elementos são respetivos a localidade em estudo, o que sem dúvida enriquece toda a análise.

Começando assim a análise, a aluna desenha o “1) Interior do Centro Escolar”, dando assim uma visão totalmente diferente do que foi observado até aqui. Desenha assim as presentes estacas e as escadas. Durante o recreio foi observado que a aluna MA passa muito tempo nestas escadas a ler, sendo talvez esse fator que a influenciou a desenhar o interior e não o exterior como os restantes colegas de turma.

Relativamente ao “2) Centro de Formação Profissional”, é de dimensões enormes comparado ao próprio Centro Escolar e até mesmo à sua própria casa (imagem 5).

Como poderemos ver a aluna MA, também localiza a casa de um colega seu de turma, tal como os alunos DL, AA, LN. Esta respetiva parte entre a “3) Capela de Santo António” e a “4) Casa do Rodrigo” esta perfeitamente bem situado. Ao lado da capela desenhou uma árvore, o que é contrastada com a realidade da imagem apresentada.

É necessário salientar que além da aluna desenhar a casa do seu colega, RD, desenhou o património local, que se localiza no “ponto 31”, do mapa cartográfico abaixo representado. Este tem grande significância, pois como verificamos anteriormente este aluno não desenhou este património, sendo interessante observar as duas conjunções.



Mapa Cartográfico 22- Elaborado por MA

O percurso que traçou no mapa cartográfico (cor preta) está errado, pois pelo elemento “2) *Centro de Formação Profissional*” tem que fazer obrigatoriamente o percurso de cor azul claro.

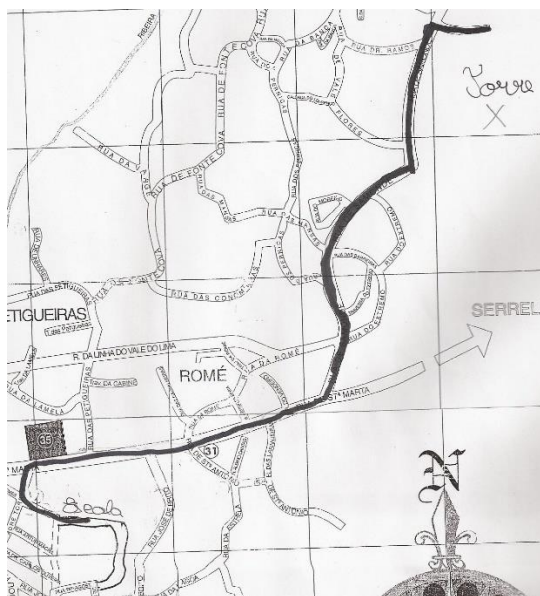


Registo itinerário Santamartense 24- Elaborado por IA

Tal como a aluna anterior, a IA, também não é da presente localidade em estudo.

O desenho apresenta também a sensação permanente de continuidade como as alunas: LF, RC e MF.

Apenas compreende-se até à “6) Pastelaria União Doce”, o seu trajeto, após esse mesmo elemento a aluna apenas dá dois elementos, que ficam mesmo ao lado de sua casa. Sendo que é de difícil compreensão se o percurso efetuado pelo mapa cartográfico esteja correto até ao ponto de chegada, isto é, a “9) Casa da aluna IA”.



Mapa Cartográfico 23- Elaborado por IA

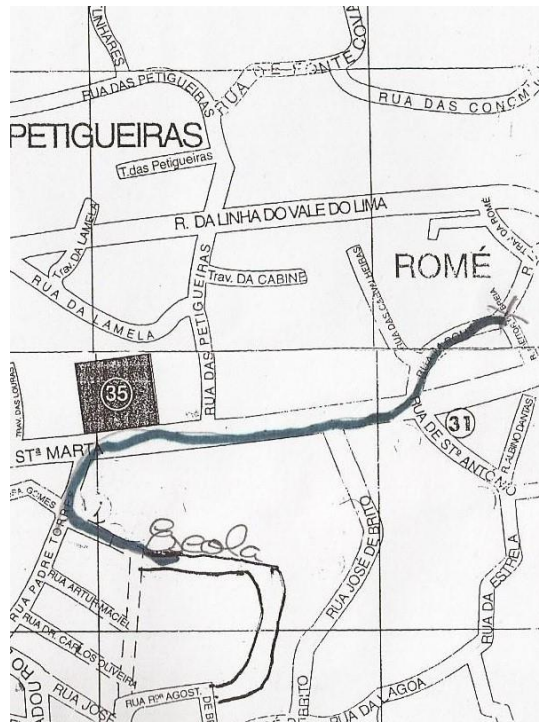
Pelo trajeto apresentado pelo mapa cartográfico, a aluna também se cruza com o património local (*ponto 31*), mas esta não a desenhou no seu mapa.

É importante referir que o desenho está pintado com diversas cores, dando bastante destaque ao olhar, mas nenhum dos edifícios pintados corresponde a realidade. Apenas na atividade da pasta de moldar, a aluna pinta com a cor correspondente à realidade.



Registo itinerário Santamartense 25- Elaborado por MR

É de forma impossível fazer a análise deste desenho, pois a aluna no mapa itinerário representa o trajeto escola-casa, mas o mapa cartográfico está delineado até a casa da sua avó. Esta razão tem uma justificação compreensível, os dados de morada que a escola continha e que nos foram prestamente fornecidos, continha a morada da casa dos avós e não da aluna. Ao que instantaneamente todas as atividades fossem dirigidas nesse sentido. Sendo que apenas temos a realidade no mapa itinerário acima traçado, mas que não nos dá os elementos necessários para se proceder a uma análise rigorosa, como dos desenhos anteriores.



Mapa Cartográfico 24- Elaborado por MR

De forma a uma melhor compreensão sobre os dados analisados, foi necessário proceder à construção de um quadro. Este quadro está organizado segundo quatro características: mais elementar, elementar, intermédio e detalhado, de forma a uma melhor categorização dos mapas itinerários, para conseguirmos compreender as conceções dos alunos. Sendo assim disposta o seguinte quadro:

Mais elementar	Elementar	Intermédio	Detalhado
TA DA GM AA	GT VC MV IS EM GV SG PP CC LN RD IA	LF RC MV1 MA	SA MF RM
<u>Caracterização:</u> -Casa-Escola -Sem referências ao património da freguesia e ao património cultural -Simplista -Imediatista	<u>Caracterização:</u> -Algumas referências da freguesia	<u>Caracterização:</u> -Referências da freguesia e algumas referências patrimoniais - Ultrapassa a vertente Escola-Casa	<u>Caracterização:</u> -Grau de pormenor elevado - Esmerada representação

Quadro 7- Características dos mapas itinerários Santamartenses

Como podemos verificar pelo quadro acima representado, a maioria dos alunos no seu mapa itinerário Santamartense, invoca apenas referências da freguesia.

Enquanto, que existem oito alunos que desenharam o património local, sendo que três deles tiveram a preocupação reforçada e um grau elevado de aperfeiçoamento representativo patrimonial.

Não obstante é necessário afirmar que apenas cinco alunos tiveram carácter bastante simplista, sendo que inicialmente ao planificar esta atividade pedagógica pensamos, que estes números fossem bastante elevados, do que realmente se verificou

posteriormente na análise de dados. É importante referir, que estes cinco alunos são os que apresentam maiores dificuldades a nível de aprendizagem.

Relativamente aos alunos com maior detalhe e aperfeiçoamento no seu mapa itinerário residem muito perto uns dos outros, considerando-se um fator bastante curioso.

“Apresentação do cartaz: “O nosso património” e Mapa Toponímico da freguesia

A atividade foi apresentada no dia 27 de janeiro de 2014 e reforçou-se no reconhecimento do vasto património da presente localidade.

“Mapa Toponímico”

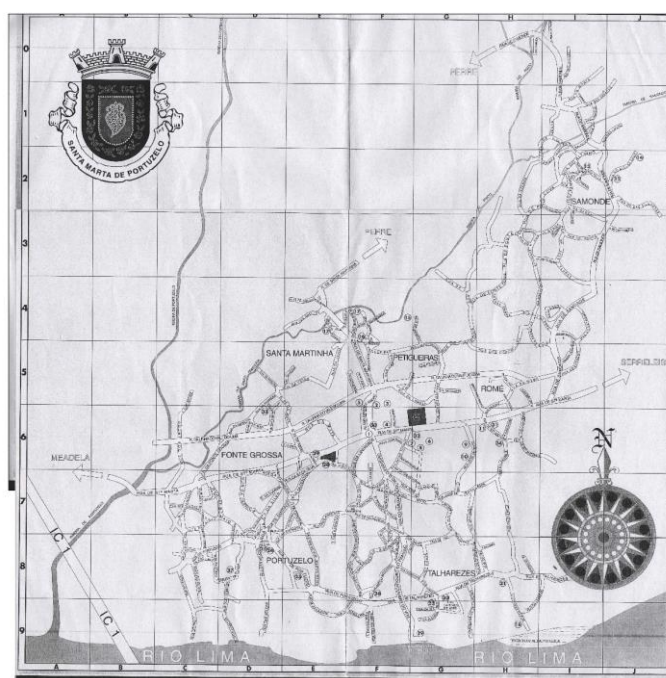


Figura 6 -Mapa Toponímico da freguesia

De seguida, a professora estagiária afixou no quadro um mapa toponímico de grandes dimensões, em que cada aluno com um marcador marcava um trajeto escola-casa. Esta atividade teve como intuito os alunos perceberem-se da distância escola-casa; casa-património.

Toda esta parte da atividade foi bem recebida pelos alunos, ao longo das várias enunciações dos monumentos, os alunos ficavam cada vez mais surpreendidos, pelo facto de haver um vasto património que desconheciam. Em alguns casos, muito do património desconhecido localizava-se bastante perto das casas dos alunos, o que os surpreendia ainda mais.

Análise dos dados da atividade

A aula iniciou-se com um cartaz onde estava escrito: “O nosso Património”.

A professora estagiária começa a questionar os alunos se reconhecem a palavra: “Património”.

- **PE:** *“Quem é que sabe o significa a palavra: “Património”?*
- **Aluno GV:** *Podemos ver no dicionário ou internet.*

Assim sendo, os alunos começaram à procurar individualmente no seu respetivo dicionário. Sendo que a procura resultou no seguinte desvendamento:

“Património- nome masculino; 1. Herança paterna; 2. Bens que se herdaram dos pais ou avós; bens da família; 3. Zonas, edifícios e outros bens naturais ou materiais de determinado país que são protegidos e valorizados pela importância cultural; 4. RELIGIÃO dote necessário para a ordenação de um eclesiástico; 5. Figura de riqueza (Do latim *património-*, «idem»)” (Dicionário Escolar- Porto Editora)

Como a palavra mesmo no dicionário torna-se pouco clara, a professora estagiária esmiuçou-a de forma esclarecer de forma adequada todos os alunos. Assim começou por referenciar que a nossa casa é o património da nossa família e posteriormente a diferenciar o património cultural.

Definida a palavra convenientemente a professora estagiária lembrou os alunos: *“Nas entrevistas e nos mapas referiram vários monumentos, que fazem parte integrante da história da nossa freguesia.”*, questionando de seguida: *“Podem-me lembrar quais foram esses monumentos?”*.

Os alunos levantaram os braços no ar.

- **Aluno MV1:** *Capela de Santa Tecla*
- **Aluno RD:** *A capela de Santa Marta*
- **PE:** *Capela não existe. Onde tu achas que fica?*
- **Aluno MA:** *Á frente da casa dele.*
- **Aluno RD:** *Sim.*
- **Professor Cooperante:** *Onde moras?*
- **Aluno RD:** *Nas Carvalheiras.*
- **Professor Cooperante:** *Aqui em cima da Romé. Não é a capela de Santa Marta. É a capela de Santo António. Agora a igreja é que é a igreja Paroquial de Santa Marta de Portuzelo.*
- **Aluno MV:** *Era isso que eu ia dizer.*

Os alunos dispararam o dedo, quando lançada a questão. Queriam todos falar ao mesmo tempo, sentindo-se desiludidos aquando que a resposta era dada por outro colega. O entusiasmo dos alunos era verificável através da atenção despendida ao que era dito, para saber o nome correto do património e onde este se localizava. Caso disso foi a aluna MA, que ajuda a identificar um património que o aluno RD enuncia, mas é totalmente desconhecido para nós. Esta aluna também na construção do seu mapa itinerário escola-casa, como já foi referido, salientou a casa deste mesmo aluno, RD, e desenhou a capela em questão.

- **Aluno SA:** *Capela da Senhora da Silva.*
- **Aluno MA:** *Era a que eu ia dizer.*
- **PE:** *Existem aqui meninos que moram perto de mais património. A Sofia, por exemplo.*
- **Aluno SA:** *É o castelo.*
- **Aluno MF:** *Eu também moro perto.*
- **Aluno SA:** *A Rita fica mais perto que a Matilde. Tem outra. Estátua da Senhora da Silva.*

Neste excerto verificamos que a mesma aluna SA refere três patrimónios, num curto espaço de tempo. Além disso, informa-nos sobre quais as alunas residem perto deste monumento, comparando as distâncias entre estas. Tendo assim uma auto consciencialização do espaço entre o património e as diversas habitações.

- **Professor Cooperante:** *Algum menino sabe onde fica a casa do Pintor José de Brito?*
- **Todos:** *Não.*
- **Aluno RM:** *A escola.*
- **PE:** *Querias dizer a casa do pintor José de Brito?*
- **Aluno RM:** *Não. A escola.*
- **Professor Cooperante:** *Escola de Fonte Grossa?*
- **Aluno RM:** *Sim.*
- **Aluno GV:** *Cruzeiro*
- **Aluno MR:** *Aquela estrada que há uma missa, em frente à escola, ali em cima.*
- **Professor Cooperante:** *Não é uma missa. A missa é o ato de celebrar, mas tu queres dizer que temos uma capela, temos a capela da quinta da Estrela, que está muito abandonada. A Quinta da Estrela está praticamente em ruínas. Mas a capela ainda existe sim, a capela da Quinta da Estrela. (...) é uma capela que não está aberta ao público.*
- **PE:** *Essa capela é privada. Em Santa Marta temos muito património, só que bem parte dele está em mau estado.*

Neste presente dialogo, verificamos dois alunos que embora saibam algum património da freguesia, tem dificuldade em expressar-se sobre o seu nome correto.

Assim sendo, como poderemos verificar os alunos memorizaram algum património que foram descobrindo e discutindo ao longo das atividades anteriormente realizadas com os seus colegas.

É importante referir que os alunos que enunciaram os diversos monumentos escreviam num cartão fornecido pela professora estagiária para colocar em redor do cartaz afixado, com o objetivo de os alunos terem a consciencialização do vasto património da sua localidade. Quando o cartaz ficou completo a professora estagiária circundou apenas alguns dos monumentos a cor azul: **Capela de Stº António, Igreja Paroquial de Santa Marta, Cruzeiro de Santa Marta e duas alminhas**. Após circundados, a professora estagiária rodeou os seguintes monumentos a cor preta: **Escola primária de Fonte Grossa, Castelo de Portuzelo, Santa Tecla, Senhora da Silva Escura**.

Posteriormente, a professora estagiária apresentou um powerpoint com fotografias dos monumentos referidos para que todos os alunos pudessem visualizar e reconhecer

cada um deles. Este tinha informação sobre cada um dos monumentos, onde foi sobretudo destacado o património nacional.

O powerpoint foi deveras importante pois os alunos associaram o nome do património referido pelos colegas com a fotografia apresentada, sendo que depois alguns reconheciam o património e até admitiam que esse património fazia parte do seu percurso escola-casa, mas que no momento não se tinham lembrado. Uma parte significativa de alunos conheceu pela primeira vez o património local da sua própria freguesia, ficando curiosos em conhecer diretamente o património até ali desconhecido.

Ao longo desta apresentação, o professor cooperante, Manuel Lima, completava as informações do powerpoint, dando um contributo enorme ao trabalho.

Práticas pedagógicas não planificadas

Visualização de uma curta-metragem/Fotografias sobre a igreja de Santa Marta de Portuzelo

Descrição da atividade

A presente atividade foi realizada fora da prática profissional, devido a ser considerada uma mais-valia e em substituição da atividade: “Visita de estudo”, devido à falta de recursos humanos para assegurar a segurança de todos os alunos durante os diversos trajetos.

Assim sendo, no dia 1 de Abril, a professora estagiária trouxe para a sala de aula uma curta-metragem, sobre a igreja de Santa Marta de Portuzelo, com o objetivo de visualizarem a igreja, nos mais diversos ângulos e de outra forma considerada “diferente” pelos alunos, mas que ao mesmo tempo fosse uma substituição de uma visita de estudo presencial para o digital.

Os alunos nesta atividade encontravam-se atentos, devido a ser uma atividade “nova”, de um lugar em que a maior parte dos alunos reconhece. Permitiu-lhes visualizar

com “outros olhos”, devido a ampliação feita durante a filmagem, o que foram surgindo comentários e perguntas de imediato, uns aos outros.

Depois da visualização da curta-metragem, foram distribuídas quinze fotografias, dos mais diversos ângulos da igreja. Isto é, desde uma visualização da igreja a um foco específico sobre o altar-mor e as diversas imagens, bem como as pinturas sobre o longo teto da igreja.

Nesta particular atividade o objetivo fundamental era os alunos visualizarem mais pormenores, com uma melhor qualidade que nos proporciona a fotografia, sendo assim um complementar do vídeo apresentado.

Questões

Para um complementar da atividade anterior, a professora estagiária seguiu um guião de perguntas de Pinto, 2012, como poderemos visualizar no quadro abaixo:

*-Qual é o estado de conservação? Que sinais de restauro ou de decadência há?
-Qual é a função do edifício? Essa função terá sido sempre a mesma? Justifica.
-Que importância teria para os que o fizeram? E para ti, tem algum valor especial? Porquê?
-Que importância teria para os antigos habitantes? E para os atuais?
-Que questões colocarias para tentares saber mais sobre este local?
-Se tivesses que decidir apenas por um de entre todos construções observados, qual deles preservarias em caso de risco de desaparecimento? Justifica a tua resposta.*

(retirado de PINTO, 2012)

Quadro 8- Questões de PINTO, 2012

As perguntas foram realizadas em grupo, em que a professora estagiária colocava uma das questões e os alunos um a um, responderiam e davam a sua opinião, consoante a pergunta colocada.

Assim sendo, estas perguntas foram essenciais para: compreender se os alunos ficaram interessados em descobrir para a preservação do seu património local e quais as suas dúvidas e curiosidades sobre dois dos monumentos constantemente referenciados ao longo das aulas.

Análise dos dados das atividades

1) Qual é o estado de conservação? Que sinais de restauro ou de decadência há?

- **Aluno LN:** *Não precisa de ser restaurada.*
- **PE:** *Não? Porque achas isso?*
- **Aluno LN:** *Porque não tem nada destruído e porque não tem nada de mal.*
- **Aluno MV1:** *Não precisa porque esta novinha ainda.*
- **PE:** *Porque vocês dizem que ainda esta “novinha”?*
- **Aluno MV1:** *Porque não esta estragada. Não tem nada partido.*
- **PP:** *Eu acho que sim. Porque a parte de fora tem lá já as pedras muito pretas, cheias de musgo.*
- **Aluno VC:** *Eu acho que já foi restaurada porque está muito organizada e o teto não está com aqueles fios pretinhos, que quer dizer que estão as pedras a caírem.*
- **Aluno GV:** *Eu acho que já foi restaurada e que não precisa de ser restaurada, mas tem que lá haver uma limpeza. Nas paredes por fora.*

Como poderemos verificar alguns alunos referem que no presente não necessita de ser restaurada, no entanto os restantes alunos completam justificando que não é necessário no presente, pois tem a convicção que já foi restaurada no passado. Sendo apenas necessário, uma limpeza mais profunda no exterior da igreja.

Nestas transcrições verificamos as conceções dos alunos: *não tem nada destruído; não tem nada partido; o teto não está com aqueles fios pretinhos*, que fundamentam que o presente património, não se encontra em estado de degradação, o que leva também a concluir que existe uma preocupação e uma auto consciencialização para a preservação da igreja.

2) Qual a função do edifício? Essa função terá sido sempre a mesma? Justifica.

- **Aluno LN:** *Eu acho que, eu acho que a igreja já foi outra coisa.*
- **PE:** *Naquele sítio?*
- **Aluno LN:** *Sim. Acho que foi duas: acho que já foi uma casa e uma escola.*
- **Aluno IA:** *Eu acho que não foi nada.*

- **PE:** *Não? Sempre esteve lá a igreja?*
- **Aluno IA:** *Sim.*
- **Aluno MV1:** *Acho que na sacristia já foi uma capela. E que na igreja... já foi, já foi uma igreja.*
- **PE:** *Uma igreja mais pequena?*
- **Aluno MV1:** *Sim (acena com a cabeça)*
- **Aluno GT:** *Foi um cemitério.*
- **Aluno RM:** *Eu acho que já foi uma igreja mais pequena e depois construíram uma grande e esqueci-me o que ia dizer... ah e serve para as pessoas quando as pessoas estiverem tristes para pedir ajuda a Jesus.*
- **PE:** *Para que serve a Igreja?*
- **Aluno SA:** *Para pedir desculpas a Jesus.*
- **Aluno SG:** *Para sabermos mais sobre Jesus.*
- **Aluno LF:** *Para falarmos com Jesus.*
- **Aluno LN:** *Para sabermos mais de Jesus e também acho que serve para dizermos adeus às pessoas que morrem e assim.*
- **Aluno VC:** *Acho que é para rezar.*
- **Aluno RM:** *Eu acho que também serve para, quando estivermos tristes para pedir a Jesus que nos dê apoio.*

No presente diálogo, apenas a aluna IA é de opinião que a igreja desde a sua construção se manteve sem alterações até aos dias de hoje.

No entanto, os restantes alunos são de opiniões diversas. A aluna MV1 apresenta duas justificações coerentes que, apesar de não se verificar no presente momento, foram patenteadas posteriormente. Assim sendo, e baseada na quantidade de santos expostos e no seu tamanho pequeno, afirmou que a sacristia havia sido uma capela, isto num passado longínquo. Se refletirmos sobre estes parâmetros a conceção da aluna está correta. Normalmente a sacristia é considerado um “outro” espaço, mas que dela origina o todo. Desta forma, pode-se visualizar no seu exterior, que a parte da sacristia sobressai relativamente ao resto da igreja.

Pela mesma foi salientado o facto de que a igreja foi aumentada ao longo do tempo. Ou seja, esta inicialmente era bem mais pequena e com o passar do tempo sofreu acréscimos.

Verificando as fotografias, concluiu-se que a aluna baseou a fundamentação desta teoria com o facto de que a igreja está dividida em duas partes: “composta por nave e capela-mor, mais baixa e estreita”. Por conseguinte, no passado existiria a capela-mor e posteriormente a nave.

Relativamente à opinião do aluno, GT, acha que foi um cemitério. A razão lógica para esta opinião é devido a que atrás da igreja, se encontra o cemitério desta freguesia. Relativamente à função do edifício verifica-se a transmissão de conhecimentos por parte da família e das pessoas em redor, que contribuem para a educação dos alunos. O que se salienta nesta faixa etária é, exatamente essa realidade, para explicar a presença da religião católica e na fé transmitida para as crianças. Uma das informações em destaque é do aluno LN, que é possível já ter experienciado o falecimento de alguém, pois a carga é bastante emotiva quando deu essa mesma justificação.

3) Que importância teria para os que fizeram? E para ti, tem algum valor especial? Porquê?

As respostas a esta questão foram categorizadas segundo cinco parâmetros, como poderemos verificar no gráfico abaixo representado:

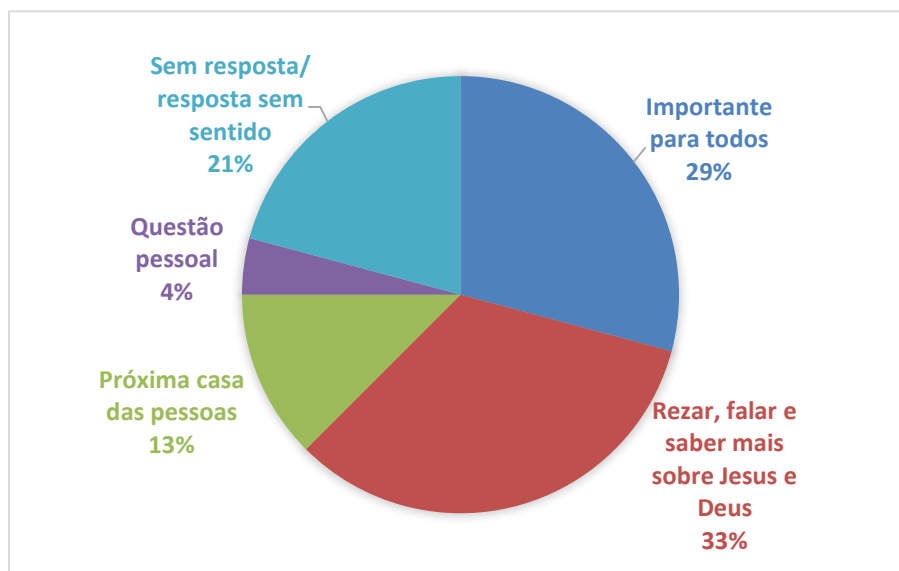


Gráfico 9- Que importância teria para os que fizeram? E para ti, tem algum valor especial? Porquê?

De seguida justificamos cada parâmetro com as transcrições dos alunos. É necessário salientar que por vezes um mesmo aluno referenciou mais do que um parâmetro.

Assim sendo a percentagem de valor acentuado situa-se no parâmetro: Rezar, falar e saber mais sobre Jesus e Deus, com 33%. Para justificar os dados temos as transcrições dos alunos:

Handwritten text on lined paper: "1- Para todas as pessoas saberem o que significa Deus, Jesus e muitas mais coisas, todos os Santos."

(MA)

Handwritten text on lined paper: "1- É uma importância para os que a fizeram porque podiam saber mais sobre Jesus. Sim, para mim tem importância porque posso aprender sobre Jesus e Deus."

(SG)

Handwritten text on lined paper: "1- É que a construíram porque gostaram de rezar com Jesus. Sim porque um quando peço a Jesus perdão ele desculpa-me a mim."

(MV1)

Selecionamos estes alunos, mas estas respostas, como podemos constatar no gráfico são a base de quase todas as respostas a esta mesma questão.

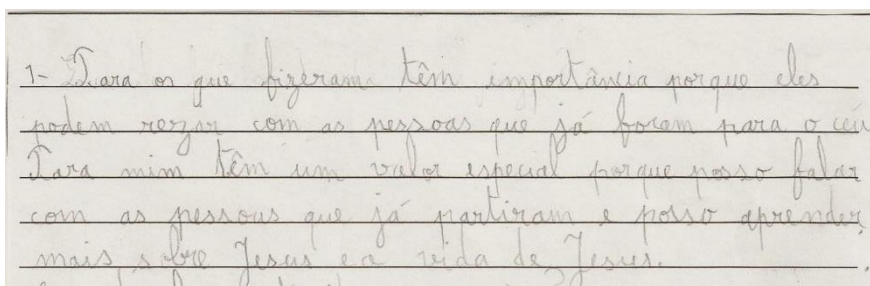
Os alunos a nível geral fundamentam quer para a população quer para si mesmos, que a igreja é importante pois é um lugar onde pode-se rezar, falar e saber mais sobre Jesus e Deus. Onde se reflete sobre as ações do dia-a-dia, e se procura paz e ajuda nas horas mais difíceis. Como também é verificável que as respostas são sempre direcionadas para o carácter religioso.

Handwritten text on lined paper: "1- Eu acho que para os que a fizeram é muito importante porque se eles não gostarem da igreja não a constroem, mas como eles gostam da igreja constroem-na, e para mim é mesmo porque para todos é importante para Deus, para as católicas e todos do mundo. Porque foi Jesus que nos salvou. E se ele não gosta de nós, nós não existamos. E se Deus também não gosta de nós não deixava Jesus morrer."

(LN)

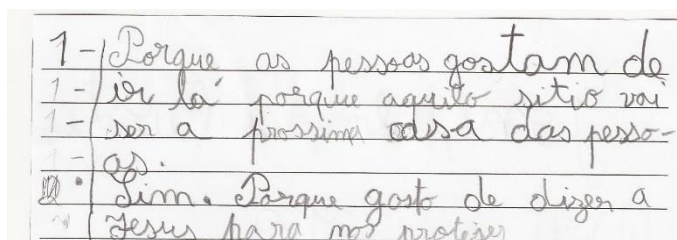
O aluno LN reforça a ideia de que a igreja é um lugar importante para todos, fazendo alusão a uma passagem da bíblia, afirmando que Jesus morreu por nós e que a igreja é um local para o homenagearmos. O mesmo aluno reforça a sua ideia afirmando que não existiríamos sem ele, o que deixa transparecer algum interesse sobre este tema e sobre a informação que lhe é transmitida, tanto pela família, como pela catequese.

Nesta mesma pergunta verificou-se que alguns alunos deram outro sentido à questão, além das ideias referentes acima enunciadas:



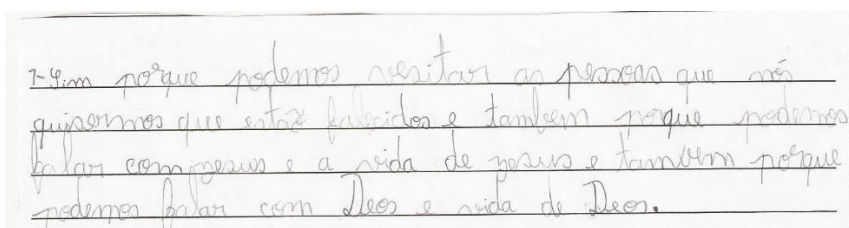
1- Para os que fizeram têm importância porque eles podem rezar com as pessoas que já foram para o céu. Para mim têm um valor especial porque posso falar com as pessoas que já partiram e posso aprender mais sobre Jesus e a vida de Jesus.

(LF)



1- Porque as pessoas gostam de ir lá porque aquilo sítio vai ser a próxima casa das pessoas.
1- Sim. Porque gosto de dizer a Jesus para nos proteger

(GV)



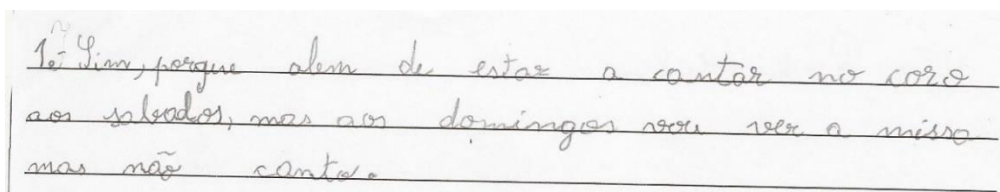
1- Sim porque podemos visitar as pessoas que nós quisermos que estão falecidos e também porque podemos falar com pessoas e a vida de Jesus e também porque podemos falar com Deus e vida de Deus.

(IA)

Como podemos verificar, os alunos além de relatarem o que foi enunciado acima, falam rezar com as pessoas que já foram para o céu; próxima casa das pessoas e visitar as pessoas que nós quisermos que estão falecidos. Estes alunos, principalmente os dois últimos associam a morte à igreja. Essa associação deriva muitas vezes do local onde os nossos entes queridos se encontram, ou seja, o cemitério. Contudo estes alunos associam e reportam-nos para a igreja. Uma das razões de tal acontecer deve-se ao facto de que, em conversa

na aula foi referido antigamente as pessoas eram sepultadas na igreja. Outra hipótese recai sobre a conceção que os alunos têm sobre a morte, ligando através de um fio condutor à igreja, pelas cerimónias fúnebres. Pois para a religião existe essa mesma ligação.

De seguida, encontramos uma versão um pouco diferente das transcrições anteriores:



1º Sim, porque além de estar a cantar no coro aos sábados, mas aos domingos vou ver a missa mas não canto.

(IS)

Neste excerto observamos que o aluno IS, faz parte integrante de um grupo de pessoas que estão diretamente envolvidas na igreja, isto é, acompanham o desdobrar da consagração eucarística, através da sua voz. Assim sendo, o aluno demonstra uma ligação diferente dos restantes alunos.

4) Que importância teria para os antigos habitantes? E para os actuais?

- **Aluno LN:** *Eu acho que a Igreja é importante porque se não existisse não podemos fazer funerais, não podemos dizer olá a Jesus, não podemos dizer olá às pessoas que morreram e já foram da nossa família e também não podemos, também não podemos rezar para Jesus nos ajudar a fazer qualquer coisa.*
- **PE:** *E para as pessoas que vivem cá? Achas que é importante para elas?*
- **Aluno LN:** *Sim.*
- **Aluno LF:** *Acho que a igreja é importante, é porque é para nós aprendermos mais coisas sobre Jesus.*
- **Aluno IA:** *Sim, porque podemos visitar as pessoas que quisermos, podemos ver Jesus e podemos falar com Jesus. Porque podem ver a sua família morta... a família que morreu, se alguém morreu.*
- **Aluno MV1:** *Acho que é muito importante para os habitantes que já morreram porque, porque eles já não estão aqui connosco, mas estão no céu e as vezes falam com Jesus.*
- **Aluno RD:** *Quando as pessoas estão no céu devemos, podemos falar com eles.*

- **PE:** *Acham que as pessoas que viram a sua construção e as de agora ligam mais à igreja ou as pessoas agora não ligam tanto á igreja? Não querem saber. Acham que as pessoas mais antigas gostam mais de ir à igreja? ou por exemplo vocês?*
- **Aluno RM:** *Os antigos.*
- **PE:** *Os antigos gostam mais de ir à igreja?*
- **Aluno RM:** *Porque era uma coisa nova para eles.*
- **Aluno GM:** *Gostamos os dois. Os velhinhos e os novos.*
- **PE:** *Porque? Porque acham que os velhinhos e os novos gostam de ir igual á igreja?*
- **Aluno LN:** *Eu acho que os antigos gostam de ir à igreja mais do que nós porque para eles agora, eles pensam que agora é como uma casa, porque eles agora vivem lá... alguns que já morreram.*

Para estes alunos esta bem saliente que a igreja é uma ligação entre as pessoas vivas às pessoas que já faleceram. Sem a igreja consideram impossível haver essa conexão. Como já referi anteriormente consideram a próxima casa de alguém que falece. Sendo assim é mais importante para os “velhinhos” essa ligação do que para os “novos”, pois na nossa mente passamos pelas seguintes etapas: infância, juventude, fase adulta e velhice. Concluindo-se assim que nesta última fase da vida, contemplemos mais idosos. Não só por isso, mas também pelas épocas vividas e experienciadas.

A transcrição da aluna RM é bastante curiosa, podendo remeter-nos para duas vias: que para a aluna a religião e tudo o que ela envolve no tempo dos “velhinhos” era algo considerado novidade, ou que para os antigos era mais importante porque era algo “novo” na sua localidade.

5) Que questões colocarias para tentares saber mais sobre este local?

Questões sobre a Igreja	Questões sobre o Cruzeiro
<p>"Quem construiu a igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"A quantos anos foi feita a igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que Jesus está na cruz?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Cando a igreja foi construída?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que na igreja à os santos?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que os santos estão no vidro?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Naquele lugar já foi alguma coisa?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque eles queriam construir a igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porquê têm pinturas?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porquê que perto da igreja têm a sacrestia?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que alguns santos estão no teto?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Qual é a história da igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Como é que fizeram os vidros?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que no altar tenham de estar os padres e não as pessoas?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que os padres tenham de estar no altar e não no chão?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque os santos estão na sacristia?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque a cortina muda de cor?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque tem belas na igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque a igreja tem quadros nas paredes?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Se a igreja já foi restaorada?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque foi inventada a sacristia?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Como conseguiram fazer os desenhos no teto?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque que poseram os quadros na parede?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque temos de deixar a bíblia na igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Quantos santos à na igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque os relógios antigos estão lá?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porquê têm santos?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"O que tinha de bixo da igreja?" 😊😊😊😊😊😊</p>	<p>"Quem construiu o cruzeiro?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Quantos anos tem o cruzeiro?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque o cruzeiro é redondo?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porquê que o cruzeiro foi feito?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque foi inventado o cruzeiro?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que no cruzeiro à aqueles senhores nós?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Em que ano foi construído o cruzeiro?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque no cruzeiro à cruz?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque tem um cruzeiro lá á frente e não lá traz" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porque é que o cruzeiro tem flores desenhadas?" 😊😊😊😊😊😊</p> <p>"Porquê que no cruzeiro à nas festas muitos infeitos?" 😊😊😊😊😊😊</p>
😊 - Equivale a um aluno	

Quadro 9- Que questões colocarias para tentares saber mais sobre este local?

É importante salientar, que as questões elaboradas pelos alunos serão colocadas ao pároco da freguesia, numa visita à sala de aula dos alunos.

Como poderemos verificar temos uma panóplia de questões, sendo que foi necessário agrupar devidamente as perguntas numa tabela, para que a informação fosse clara e objetiva. Assim como poderemos verificar temos questões sobre dois monumentos do património local: a igreja paroquial e o cruzeiro.

Denota-se visivelmente que a curiosidade dos alunos focou-se essencialmente na elaboração de questões sobre a igreja paroquial. Aquando transcritas as perguntas para o suporte digital, verificou-se que algumas questões eram repetidas, sendo importante

categorizar e assim quantificar quantos alunos deram a mesma resposta. Para sintetizar o esquema utilizou-se uma figura (um rosto), a que equivale a um aluno.

Desta forma, verificamos quais as questões que suscitaram maior curiosidade por parte dos alunos. Contudo, existiram perguntas como: “Porque é que Jesus está na cruz” que apesar de quatro alunos fazerem esta mesma pergunta, não se considerou importante para incorporar na entrevista a ser feito ao pároco da freguesia.

Numa análise mais aprofundada verificamos que existem perguntas mais gerais e não tanto surpreendentes, mas outras particularmente inesperadas e pertinentes. Sendo assim, dividimos essas questões na seguinte tabela:

Questões gerais	Questões específicas
“Quem construiu a igreja?”	“Porque é que os santos estão no vidro?”
“À quantos anos foi feita a igreja?”	“Naquele lugar já foi alguma coisa?”
“Porque é que Jesus está na cruz?”	“Porquê têm pinturas?”
“Cando a igreja foi construída?”	“Porque é que alguns santos estão no teto?”
“Porque é que na igreja à os santos?”	“Porque é que no altar tenham de estar os padres e não as pessoas?”
“Porque eles queriam construir a igreja?”	“Porque é que os padres tenham de estar no altar e não no chão?”
“Porquê que perto da igreja têm a sacristia?”	“Porque os santos estão na sacristia?”
“Qual é a história da igreja?”	“Porque a cortina muda de cor?”
“Como é que fizeram os vidros?”	“Porque a igreja tem quadros nas paredes?”
“Porque tem belas na igreja?”	“Se a igreja já foi restaurada?”
“Porque foi inventada a sacristia?”	“Como conseguiram fazer os desenhos no teto?”
“Porque temos de deixar a bíblia na igreja?”	“Porque os relógios antigos estão lá?”
“Quantos santos à na igreja?”	“O que tinha de bixo da igreja?”
“Porquê têm santos?”	“Porque é que no cruzeiro à aqueles senhores nós?”
“Quem construiu o cruzeiro?”	“Porque no cruzeiro à cruz?”
“Quantos anos tem o cruzeiro?”	“Porque tem um cruzeiro lá à frente e não lá traz?”
“Porque o cruzeiro é redondo?”	“Porque é que o cruzeiro tem flores desenhadas?”
“Porquê que o cruzeiro foi feito?”	“Porquê que no cruzeiro à nas festas muitos infeitos?”
“Porque foi inventado o cruzeiro”	

Quadro 10- Questões gerais versus questões específicas

Como poderemos ver existe elevado número de questões gerais como específicas.

Assim sendo, depois de analisar todas as perguntas, juntamente com os alunos elaboramos perguntas mais claras, objetivas e completas, com o intuito de esclarecer todos os alunos e despertar assim ainda mais o seu interesse para esta temática.

- Apresentamos assim as questões que orientaram a entrevista ao pároco Valdemiro:

- Em que ano foi construída a igreja?
- Qual o valor das pinturas no teto? Como conseguiram-nas fazer?
- No local onde foi construída a igreja, já teve outra construção?
- Porque existem na sacristia santos guardados nos armários?
- Porque existe um relógio antigo na sacristia?
- Qual o significado dos quadros expostos ao longo da igreja?
- Porque a padroeira da nossa aldeia é Santa Marta?
- Em que ano foi construído o cruzeiro?
- Qual a razão da construção do cruzeiro? Porque tem tantos enfeites?
- Porque no topo do cruzeiro tem anjos?
- Porque o cruzeiro não foi construído à beira da igreja?

Como podemos verificar algumas questões, tem incorporadas duas questões, em apenas uma. Para assim como preferimos anteriormente retirar o máximo de informação possível. Se verificarmos encontramos uma questão sublinhada. Esta questão não esta apresentada no quadro acima transcrito, devido a uma razão. A aluna que fez esta questão elaborou-a no dia entrevista e achamos bastante curiosa e pertinente a pergunta, sendo inserida no mesmo momento.

6) Se tivesses que decidir apenas por um de entre todos construções observados, qual deles preservarias em caso de risco de desaparecimento? Justifica a tua resposta.

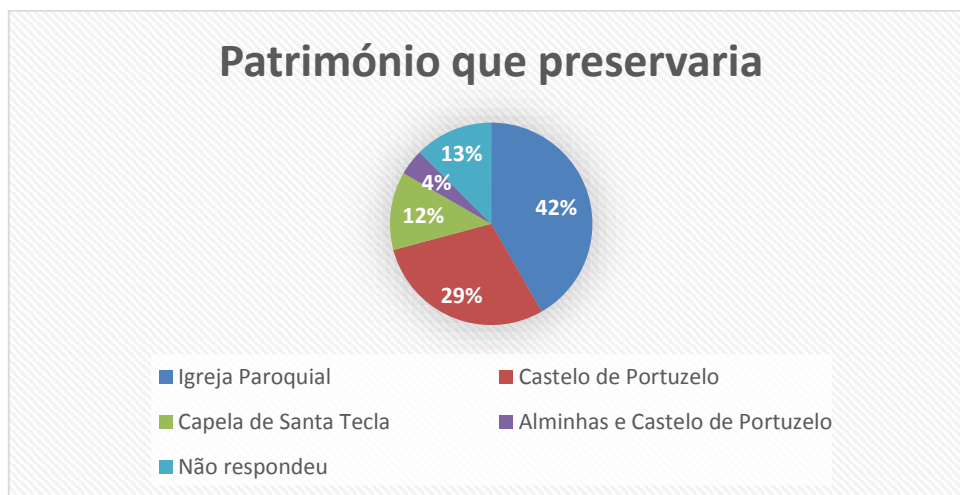


Gráfico 10- Qual o património que preservarias?

Como podemos verificar pelos resultados acima no gráfico a maior percentagem recai sem dúvida para a Igreja Paroquial, com uma percentagem bastante acentuada de 42%.

Nas transcrições abaixo verificamos às razões para este resultado:

Eu gostava de preservar a igreja porque sem ela não podia falar com Jesus nem rezitar as pessoas falecidas da família não podia rezar orações sobre vida de Jesus nem de Deus o que se passa com Jesus e Deus se eles são bem.

(IA)

3- Eu preservaria a igreja porque eu aprendo mais sobre Jesus e Deus porque posso saber mais sobre Cristo e a sua vida, saber quem matou Jesus quando em que lugar e a ser bem educado.

(SG)

3- A igreja é importante para não pararmos de rezar até sermos belhinhos.

(MV)

Ao observarmos cada uma das justificações destes três alunos verificam-se que as respostas são idênticas às respostas fornecidas da pergunta: “Que importância teria para os antigos habitantes? E para os atuais?”. Assim sendo, o caráter religioso está bem patente na vida destes alunos.

Seguidamente, observando novamente o gráfico, com uma percentagem de 29% reincide para o Castelo de Portuzelo.

3- Eu gostava de preservar o castelo. Porque lembra-me uma história que era muito bonita e relacionada com o castelo. Que era assim diziam que um cavaleiro veio buscar uma bela princesa... etc...

(RM)

3- Eu gostava de preservar o Castelo. Porque eu moro à beira do Castelo.

(SA)

3- Eu escolhi o castelo porque podia ser uma rainha, podia mandar e também podia fazer o que quizesse. Também podia comprar muitas coisas e também ajudar os idosos.

(MR)

Ao interpretarmos estas três transcrições denotamos que referente ao Castelo de Portuzelo, abrange um leque com mais justificações do que a Igreja Paroquial.

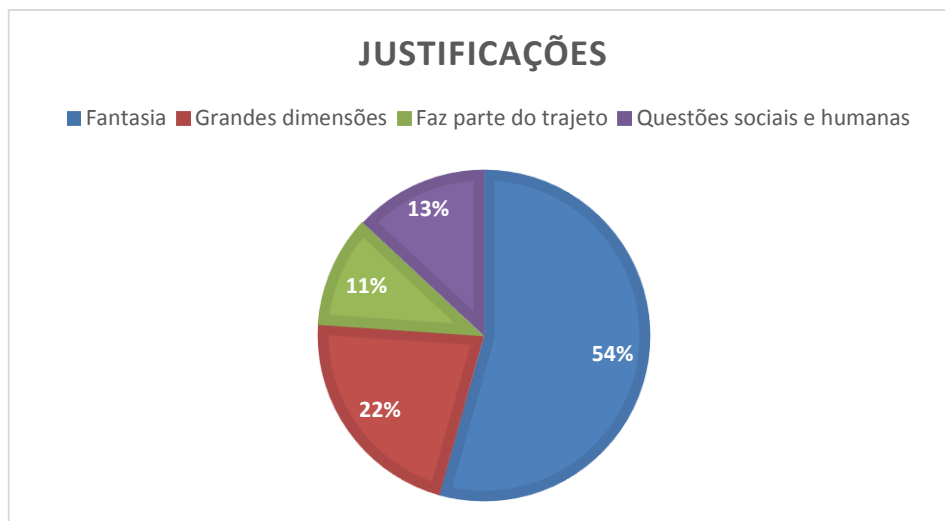


Gráfico 11- Justificações

Assim como podemos constatar a maioria remete para a fantasia, como a aluna RM, que fala de príncipes, princesas e de contos infantis, que elevam o imaginário dos alunos nesta faixa etária. É importante referir que nesta percentagem esta incorporado tanto alunas como alunos.

Outra justificação plausível é porque faz parte diariamente da vida da aluna, pois “mora perto” deste património nacional e local.

Uma justificação que não estávamos à espera é sem dúvida, da aluna MR, em que transporta a fantasia para a verdadeira realidade da vida, oferecendo um significado esplêndido. Este mesmo é de carácter social e humano, que deseja ajudar o próximo, ou seja, com isto verifica-se que a aluna presta muita atenção no desenvolvimento destas questões, interessando-se e colocando-se na perspetiva do outro.

Seguidamente 13% dos alunos não responderam à questão colocada. Consequentemente 12 % dos alunos responderam que gostariam de preservar a capela de Santa Tecla.

3- Escolhia a capela de Santa Tecla porque é o meu sitio preferido porque eu sou a professora.

(MV1)

30. igreja de santa tecla
pequena igreja de azulejos coloridos

(PP)

É curioso que a aluna MV1 habita um pouco longe desta capela, mas como referiu: *vou muitas vezes à festa da senhora da Tecla, gosto muito*, sendo uma característica importante para este estudo. Pois faz parte dos atos religiosos desta capela.

Enquanto que o aluno PP, compreende-se que também gosta desta capela, pelas mesmas razões que a aluna anterior, ou seja, pertence às festividades durante a comemoração.

Entrevista ao pároco de Santa Marta de Portuzelo

Descrição da atividade

No dia cinco de maio, o pároco dirigiu-se ao Centro Escolar para responder às diversas questões dos alunos.

Os alunos encontravam-se em êxtase, por receber uma visita do “Sr. Padre” e colocaram as questões de forma ordeira, sempre dialogando com o pároco durante toda a entrevista.

Durante todo o tempo, foi mantida a curiosidade e atenção, sobre toda a explicação que ia sendo fornecida.

O objetivo das perguntas era transportar novas informações sobre o património local, completando as informações que foram vindo fornecidas ao longo das atividades pedagógicas. Assim sendo, é uma forma de consolidar todas as atividades pedagógicas.

Análise dos dados da atividade

- **Aluno MV1- Porque existe um relógio antigo na sacristia?**

Pároco: *“Acho que é 1928 ou 29. 1928! Os vossos avós nem sequer tinham nascido...Aquele relógio quando se fez a igreja, aquele relógio, que a igreja tinha mais de cem anos, pois então trataram de fazer um relógio que é muito grande, muito pesado. Foi colocado na torre, mas para ele funcionar tinha os pesos de aço de ferro, que era preciso todas as semanas dois homens a quase a dar a manivela para o peso subir. Que depois ai descer devagarinho, para marcar as horas. Quando, poucos anos que eu vim para cá, aquele relógio estava meio avariado, as vezes não marcava as horas direito e então nós aproveitamos os ponteiros de fora, compramos um relógio eletrónico e aquele que era manual enorme ficou lá no sítio onde estava. E um dia pensamos assim, ninguém sabe que esta aqui esta obra de arte, tão bonita. O que é que nós vamos fazer? E resolvemos pegar naquela peça enorme, que pesa muitos quilos, desce-la da torre, com umas cordas, vários homens para descer devagarinho e conseguimos desce-la. E então, um carpinteiro de Santa Marta fez um móvel, pôs na sacristia, para toda a gente saber que aquilo é uma obra de arte. Não funciona, é só*

para a história vistas? (...) Daqui a uns tempos, os meninos não sabem que haviam relógios desses e quando a professora vos mostrar fotografias ou vos levar lá, vocês idem ver: “ai no tempo dos meus bisavôs os relógios eram assim?”

Como podemos verificar pelo excerto do discurso acima transcrito, observamos que o pároco remete para a história, sublinhando e intensificando a importância para a conservação. Não só, pela igreja paroquial ser já por si, designada como monumento nacional, mas por o que ela contém que a levaram assim a ser distinguida. Além da sua capacidade de comunicar com os alunos, remete numa brevidade simples e objetiva a história se foi construindo ao longo do tempo, como podemos ver pelo excerto seguinte:

Pároco: *Na sacristia há assim uma caixinha, mas esta semana aquela caixinha virou doida, a caixinha de sábado para domingo virou doida. Estragou-nos tudo. Relógio que tocava as duas da manhã voltava outra vez, mas agora já se consertou. Agora já ganhou juízo. Porque aquilo, essa caixinha tão pequenina funciona com ligação a um relógio. O próprio relógio automaticamente muda a hora e o sacristão que já tem quase oitenta e quatro anos, não percebe. E mesmo eu, não percebo quase nada, só sei que assim é. Mas o antigo então, para responder à MV1, nós consertamo-lo para ser memória, história, porque as coisas antigas... Há pessoas que gostam de deitar fora, eu gosto de recolher.*

Assim sendo, remete para dois mundos paralelos: o passado e presente. Em que o antes era caracterizado pelo *muito grande, muito pesado* e o agora *caixinha tão pequenina*. Este contraste de tempos levou a que os alunos compreendessem que o tempo vem evoluindo e os objetos se vão tornando cada vez mais “fáceis” para a vida humana, retirando talvez um pouco a simbologia do passado. Isto faz-nos lembrar sobre os nossos avós utilizarem excessivamente a seguinte expressão: “No meu tempo...”. Devemos portanto dar asas à imaginação desse tempo aos nossos alunos para que verifiquem que existe uma sequência temporal sobre os materiais ao nosso redor. Sendo que devemos respeitá-la atribuindo o real valor, como salienta o pároco: *aqui esta obra de arte, tão bonita, como também deve estar exposta para todo o público, pois faz parte inerente também da nossa própria história. Para toda a gente saber que aquilo é uma obra de arte. Não funciona, é só para a história vistas?*

- **Aluno IS- Porque existe na sacristia santos guardados nos armários?**

Pároco: *Ai que pergunta muita boa. Sabeis que aquelas imagens dos santos que estão guardados na sacristia, guardados e mais ou menos e com vidros assim bem grossos... tem umas imagens em madeira que parecem todas picadinhas por o bicho da madeira, com furinhos, estão todas assim. As imagens foram da primeira igreja que existiu aqui em Santa Marta. Sabeis onde é que era essa igreja?*

Todos: Não.

Pároco: *Uma igreja pequenina que cabia dentro da nossa igreja de hoje. No mesmo local só que era muito pequenina. A população aumentou muito (...) Então, as imagens da igreja são mais pequeninas, que a igreja era pequenina e aquelas imagens tem muito valor, pela história. São lindas, lindas. As coisas antigas tem um grande valor, histórico, de arte. Os artistas de hoje não conseguem fazer coisas assim. Acho que a própria madeira e pintura era tão bem feita, tão bem feita que alguns pintores que vieram depois estragaram tudo pintando por cima. Sabeis como se hoje se faz? Paga-se um dinheirão para aquela tinta que estragou, a pintura tem de incorporar a antiga, isso é que tem valor. Só que há pessoas que pegam numa imagem antiga, acham que é preciso restaurar e pintam com qualquer tinta, estragam tudo. Nunca deixais, repara bem, eu peço-vos, nunca deixais ninguém, pegue numa coisa antiga vossa, da vossa família e que diga assim. “Ai eu vou por muito bonito, vou pintar” não, as coisas antigas tem que se conservar. Portanto tem valor de arte, conforme estão, assim que tem valor... Por isso nessas imagens manda-mos fazer uma vitrine, nós, quer dizer conselho económico, os responsáveis para conservá-la.*

Se relembremos a análise da atividade, “5.5) Visualização de uma curta-metragem/Fotografias sobre a igreja de Santa Marta de Portuzelo”, na análise à questão: Qual a função do edifício? Essa função terá sido sempre a mesma? Justifica”.

A aluno MV1 respondeu:

- **Aluno MV1:** *Acho que na sacristia já foi uma capela.*
- **PE:** *Na sacristia já foi uma capela?*
- **Aluno MV1:** *E que na igreja... já foi, já foi uma igreja.*
- **PE:** *Uma igreja mais pequena?*
- **Aluno MV1:** *Sim (acena com a cabeça)*

Em comparação com o excerto do pároco e da aluna, o pároco respondeu indiretamente a uma concepção da aluna, sobre o passado e o presente da construção da igreja. É assim importante salientar que para além de o pároco da freguesia responder às perguntas filtradas para esta entrevista, esta a responder às concepções que os alunos tiveram quando colocadas as questões da Doutora Helena Pinto. Essas informações ajudam a completar ou a modificar as suas concepções, segundo a realidade.

Neste ponto, verifica-se assim a veracidade sobre a concepção da aluna, o que foi surpreendentemente gratificante ver o seu rosto de contentamento quando o pároco estava a transmitir essa mesma informação.

Mais uma vez, verificamos no excerto do pároco, proeminente a transmissão da mensagem para a conservação. Sendo que reforça que quando temos uma peça original que necessita ser restaurada, deve ser executado por um especialista que compreende esta arte e não por qualquer pessoa, pois pode danificar a peça e retirar-lhe o valor histórico e cultural. Mais uma vez, num completar de informação responde indiretamente à questão colocada, na análise de dados: *Qual é o estado de conservação? Que sinais de restauro ou de decadência há?*.

- **Aluno RC- Qual o significado dos quadros expostos ao longo da igreja?**

Pároco: *Os quadros? É assim, olha sexta-feira estava a conversar com várias pessoas e falei-lhes da antiga escola de Santa Marta, a Fonte Grossa. Falei-lhes da escola e falei-lhes quem passa pela estrada, do lado de fora tem dois painéis de azulejo. Verdade ou mentira?*

Todos: *Verdade.*

Pároco: *Só que muita gente grande, passa lá e nunca reparou nos painéis, que são tão bonitos. Quem passa na estrada, gente de Santa Marta, nunca reparou na beleza daqueles painéis, na nossa igreja também há quadros, enormes, a gente olha para eles e parecem pequeninhos nas paredes. Quando foi para pintar as paredes dentro da igreja, tiraram-se os quadros. Em cada lado da igreja tem bancos largos não tem? Cabe oito pessoas... A gente olha para eles e não parece. Então aqueles quadros lembram, histórias da bíblia. Uma delas quando Deus entregou os mandamentos da lei de*

Deus a Moisés... Aqueles quadros é para recordar a história nossa de cristãos. A história da bíblia... Estão na igreja há mais de cem anos. Já há muito mais de cem anos, por isso é que estão lá.

Neste excerto verificamos o incluir de um património que foi bastante destacado e discutido ao longo das atividades, a Escola de Fonte Grossa, pela beleza enaltecida da fachada, com azulejos soberbos. Mas este também destaca um ponto importante, que faz parte de uma das questões orientadoras deste estudo, ou seja: “Os encarregados de educação conhecem o património que os rodeia na sua área de residência e transmitem esse saber aos seus educados?”. Pelo que se retira do excerto, a opinião relativamente e especificamente a esta pergunta é que os próprios Santamartenses, pelo menos neste particular património refere que *gente de Santa Marta, nunca reparou na beleza daqueles painéis*. Numa breve introspeção sobre as respostas dos encarregados de educação no inquérito realizado e analisado anteriormente, verifica-se que estes reforçam a sua importância na transmissão de conhecimento, sugerindo algumas propostas de atividades.

Nesta verificação denotou-se que é referido a palavra património, mas de forma geral, isto é, património cultural e não património monumental.

Relativamente à análise da resposta à questão do aluno, o pároco quando afirmou que os quadros eram do tamanho a oito pessoas, os alunos automaticamente contaram os seus colegas e olharam atentamente, fazendo um ar surpreso com a dimensão dos painéis. Quando foi referido o tema pintado, não suscitou qualquer reação dos alunos, concluindo que não foi uma surpresa.

- **Aluno LN- Qual o valor das pinturas no teto? Como conseguiram-nas fazer?**

Pároco: *Ah... Oh LN, eu quando vim para Santa Marta, vinte e três anos e meio, aquelas pinturas estão lá desde sempre. Só que, depois o teto foi pintado há uns trinta e cinco anos, estava a ficar assim coisa e foram pintaram-nas de novo. Vós sabeis que daqui até aqui a cima, com um escadotezinho a gente chega. Mas, do chão da nossa igreja até lá a cima ao teto onde tem essas pinturas que o LN perguntou, aí Jesus que aquilo, quer dizer andaimes, aqueles andaimes dos construtores, tem que por tábuas em cima dos ferros e depois escadas... LN, a pintura que está no centro é a pintura da lenda de Santa Marta. Santa Marta com uma cordinha, com o dragão...*

Esta foi uma questão, que até nós nos questionamos, quando visitamos a igreja. Sabíamos a resposta, mas as imagens tinham um esplendor e uma grandiosidade, que quando as observamos e admiramos, foi a primeira questão que sobrevoou o nosso pensamento. Além da precisão, do trabalho e afincos sobre esta obra de arte, remete para a história da freguesia, e essa informação é valiosa para compreendermos a imagem deparada. Portanto, quando vimos esta pergunta colocada inúmeras vezes pelos alunos, ficamos de uma certa maneira surpreendidas, por dar o impacto que deu aos alunos.

Os alunos ficaram curiosos e questionaram o pároco sobre a lenda, mas como o tempo era escasso para serem respondidas todas as questões, ficou o convite para que num futuro próximo dirigir-se ao Centro Escolar e falar sobre a lenda, com mais tempo e disponibilidade.

Também com esta resposta sabemos que existe uma preocupação para a preservação deste património e assim sendo, para a sua conservação. Ao que, mais uma vez responde à questão anteriormente colocada: Qual é o estado de conservação? Que sinais de restauro ou de decadência há?.

- **Aluno VC- Porque a padroeira da nossa aldeia é Santa Marta?**

Pároco: *Porque é que a padroeira da nossa aldeia é Santa Marta? Olha, boa pergunta, porque não sei, só sei eu, foi escolhida há mais de oitocentos anos para ser a padroeira. Quer dizer cada terra, cada terra, as pessoas quando começavam a ver uma igreja, isto escolhiam um santo para os proteger... A gente daquele tempo talvez com um padre que estava, que vinha aqui devia ter pensado assim: "Quem vamos escolher para ser, aquele que diante de Deus nos vai proteger?". Então eles escolheram, uma pessoa do tempo de Jesus... Cuidado, atenção, quem não é daqui, vamos respeitar muito bem, mas quem é daqui deve ter muito orgulho. Ser a Santa Marta, ser a nossa padroeira... Aqui a gente desta terra, antes, Santa Marta, escolheu Marta da bíblia, para ser a padroeira, amiga do tempo de Jesus...E tem outra coisa, é que a maior parte das terras, a começar por a minha, onde sou nascido, conhece a terra só pelo nome da terra, não pelo nome do santo patrono, daquela terra. Aqui nós conhecemos a nossa terra, pelo nome da nossa padroeira. Por exemplo, vocês sabem qual é a padroeira da Meadela? Não, pois não? Santa Cristina. Ninguém diz, Santa Cristina, toda a gente diz só Meadela, e aqui o nome, o nome oficial agora, desde 2001, fui lá*

a Lisboa também. Foi-se a assembleia da república, decretou que agora o nome oficial é Santa Marta de Portuzelo.

Esta questão da aluna VC, foi uma das que mais nos surpreendeu e que nunca refletimos, mesmo pelo santo da nossa própria paróquia. Achamos bastante curiosa e bastante pertinente. Esta pergunta pode indiretamente estar a “fugir” ao tema principal, ou seja, ao património monumental, mas, se refletirmos um pouco, a base da religião são os santos. *Quem vamos escolher para ser, aquele que diante de Deus nos vai proteger?* Sendo por vezes a igreja é edificada naquele preciso local, porque existe uma lenda como base.

Outra questão importante que foi reforçada é o próprio nome da localidade, pois é o nome da padroeira. Aqui vemos a significância e o orgulho dos Santamartenses serem conhecidos por esse mesmo nome. Ocorrendo que na atividade pedagógica dos mapas cartográficos, o antes e presente, os alunos observaram a mudança do nome ao longo do tempo, sendo para eles um facto curioso e talvez a base da pergunta da aluna.

- **Aluno SG- No local onde foi construída a igreja, já teve outra construção?**

Pároco: *Já, conforme eu vos disse, antes de construir esta. Agora eu não tenho a certeza, mas eu imagino que sim. A igreja era pequenina, que se tinha feito a igreja por fora da pequenina. Eu já vi a fazer numa terra. As pessoas iam à igreja, à pequenina que estava lá dentro, quando ficou pronta a outra, devem ter alargado a pequenina. Mas existiu no mesmo lugar. Agora temos esta, a outra estava mesmo no mesmo lugar... Só recolheram as imagens e tudo, e destruíram. Não a vestígios nem documentos. A inauguração foi em 1883, o início foi em 1871.*

Relativamente a esta questão foi muito debatida por parte dos alunos, como podemos verificar pela análise da atividade: Questões- *“Qual a função do edifício? Essa função terá sido sempre a mesma?. Justifica”*. Alguns dos alunos criaram à volta desta pergunta muitas conceções, desde: cemitério, escola, capela... sendo que abriu asas à sua imaginação, provocando uma forte curiosidade na descoberta a esta questão.

- **Aluno CC- Em que ano foi construído o cruzeiro?**

Pároco: *Há exatamente mil setecentos e qualquer coisa, não sei bem, 1792?*

Professor cooperante: 1754

Pároco: *Ora...*

Professor cooperante: *Foi benzido...*

Pároco: *Foi benzido, mas deve ter começado antes...*

Professor cooperante: *Exatamente, a 13 de novembro...*

Pároco: *Em 1754 estava pronto, mas é uma obra de arte. Aquilo tem muitos dias de trabalho, muitos dias, já reparastes que o nosso cruzeiro tem de um lado imagens e do outro também? Há uns cruzeiros que é a cruz e só tem imagens na frente, o nosso tem pela frente e por trás. E todo em pedra. Todo trabalhado a mão, todo colado à pedra. Aquele cruzeiro tem valor histórico, cultural e nem a junta se quisesse podia tirá-lo de lá. Nem eu, nem ninguém. Porque é monumento nacional e não se pode, nem mexer, nem nada, nem modificar. As coisas históricas não se podem e não se devem modificar. Ah mas coitadinha as vezes esta tão sujo, devia-se pegar numa mangueira, numa máquina e lavá-lo todo e tira-lhe aquele... não senhor, isso é estragar a história, ouvistes? Já se fez isso em tempos em Santa Marta, mas as vezes as pessoas não pensam e pronto, e com boa intenção... deixá-los estar! Quando vós fores velhinhos, se virdes o cruzeiro, está cheio de musgo, deixai-o estar. Não faz mal nenhum. Faz parte da história. Deixá-lo todo branquinho, tirar aquilo tudo, tira-se o valor da história, está bem?*

Para além de o pároco além de não ter uma base, ou seja, uma documentação para constituir veracidade no que refere no excerto, pronuncia-se decerta maneira de forma construtiva, conduzindo a uma possível história sobre a construção do cruzeiro.

Mais uma vez, verificamos a pertinência e a consolidação das suas palavras dando o seu contributo para alcançar uma das questões orientadoras deste estudo: *Existe a preocupação de preservar esse património?*

Principalmente quando destaca: *Aquele cruzeiro tem valor histórico, cultural e nem a junta se quisesse podia tirá-lo de lá. Nem eu, nem ninguém. Porque é monumento nacional e não se pode, nem mexer, nem nada, nem modificar.* Neste pequeno trecho verificamos o valor da palavra «património nacional». Os alunos neste ponto ficaram muito surpresos,

sobre a forma e a força destas palavras quando lhes dirigida. Começando visivelmente os burburinhos na sala, sobre o poder que acarreta a sua preservação. Outro facto que se distinguiu deste discurso foi visivelmente *as coisas históricas não se podem e não se devem modificar. Ah mas coitadinha as vezes esta tão sujo, devia-se pegar numa mangueira, numa máquina e lavá-lo todo e tira-lhe aquele... não senhor, isso é estragar a história, ouvistes?*. Quando referiu, deparei-me com a maioria dos alunos com a boca boquiaberta, sendo visível uma verdadeira distinção de reações entre a pintura das imagens e o “lavar o cruzeiro”.

- **Aluno MF- Qual a razão da construção do cruzeiro?**

Pároco: *Todas as igrejas e capelas que eu conheça, todas as igrejas e capelas tem enaltecido perto um cruzeiro, sabeis para quê? Quando havia uma procissão, a procissão ia dar volta ao cruzeiro. E cada terra procurava ter um cruzeiro mais bonito do que outro. Portanto aquele cruzeiro que está ali, porque é sinal onde as procissões davam a volta. (...) Portanto, o cruzeiro sempre simbolizava que havia ali uma procissão. Que se fazia ao dar a volta ao cruzeiro.*

Esta questão foi recebida pelos alunos como: “Pois, realmente... tem sentido”, não suscitando muita surpresa, mas como resposta a uma pequena curiosidade.

- **Aluno MF- Porque é que tem tantos enfeites?**

Pároco: *Aqui esta. Aquele cruzeiro. Eu não sei, não sei se o vosso professor sabe. Haverá qualquer coisa escrita. Aquele cruzeiro deve ter sido oferecido, deve ter sido pago, por uma pessoa com muito dinheiro. Porque se fosse a própria igreja a fazer, fazia, não tinham dinheiro não é, e faziam um mais simples. Mas deve ter havido ali uma pessoa muito rica, uma família, que eu não descobri nada disso (...) mas deve ter sido uma família rica de Santa Marta, que as vezes oferecem coisas assim, não oferecem dinheiro, mas oferecem verdadeiras obras de arte.*

Esta resposta foi apenas um complementar de discurso quando feita a pergunta: “Em que ano foi construído o cruzeiro?”. É impossível não colocar esta questão quando olhamos com atenção sobre os ínfimos pormenores que constituem todo o cruzeiro. Todo ele é surpreendentemente decorado e trabalhado, sendo que por pensamento deve ter um valor incalculável não só em termos monetários, mas para o valor histórico-cultural da presente localidade e mesmo nacional. Nós mesmas, nunca vimos um cruzeiro deste

género, e quando nos deparamos ficamos abismadas, reforçando a nossa atenção para a visualizar cada pormenor desse grandíssimo trabalho.

- **Aluno MA- Porque no topo do cruzeiro tem anjos?**

Pároco: *Olha eu vou completar a resposta que a Matilde fez. Quer dizer, cada artista, põe... Dizia assim “pronto, o que é que vou colocar aqui?”. Tem uns que as vezes colocavam só espadas no cruzeiro, noutros colocavam os anjos enviados dos céus, os mensageiros de Deus, são também os protetores das pessoas. Portanto cada artista optava fazer de acordo com a sua crença. (...) Portanto é uma questão de decoração.*

Achamos bastante pertinente esta questão, inicialmente foi colocada da seguinte forma: “porque tem senhores nós no topo do cruzeiro?”. Achamos curioso o aluno remeter principalmente para “homens nós”. Esta questão também foi encarada como uma pequena curiosidade sobre este monumento nacional.

De forma a dar resposta às questões inicialmente colocadas no capítulo: Trabalho de investigação abordaremos de seguida, as respetivas conclusões do estudo de caso: Consciência patrimonial de um grupo de crianças do concelho de Viana do Castelo.

Conclusão

As conclusões deste estudo de caso, desenvolvido no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada (PES II), tem como base apresentar e discutir os resultados obtidos através da análise de dados das atividades implementadas, procurando obter respostas às questões inicialmente propostas.

Esta investigação teve como caso de estudo uma turma de 2ºano, do 1º ciclo do ensino básico, composta por vinte e cinco alunos, tendo como objetivo a consciencialização para a preservação do património local. Este estudo foi realizado em profundidade durante os meses de PES II e posteriormente nos meses seguintes, devido a extensão do estudo.

A primeira etapa a ser definida foi equacionar o problema que iria compor esta investigação. Esta opção surgiu por verificar diariamente que a população sentia um enorme orgulho por ser Santamartense e o vínculo criado sobre a sua terra e as suas raízes. Tudo isto levou a que se tornasse oportuno verificar se os alunos compreendiam o significado de “património” e “preservação” bem como, se os encarregados de educação transmitiam esses conhecimentos. Delineado o problema foi importante definir as questões orientadoras, sendo estas a base fundamental para estabelecer um fio condutor sobre todo o trabalho de investigação, no qual pretendesse dar resposta como forma de refletir os nossos resultados. Posteriormente foi necessário fazer uma pesquisa inicial aprofundada sobre a revisão de literatura, explorando os temas em questão para fundamentar toda a pesquisa, servindo esta como base.

Pesquisar, Conhecer, Compreender, foram as três palavras-chave essenciais para alargar os conhecimentos que se adquiriu sobre o tema, que inicialmente eram escassos e pouco aprofundados. Trentini e Paim (1999, p.68 cit in Echer, 2001, p.6) afirmam que *a selecção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado.*

A revisão da literatura constituiu-se um ponto fundamental para estabelecer uma ponte sobre os dados recolhidos durante as semanas de observação, de modo a delinear um esboço sobre as atividades que poderiam ser implementadas. Inicialmente, em conjunto, com o professor coordenador e professor orientador, procedemos às entrevistas

individuais. Estas entrevistas tinham como ponto de partida uma única pergunta base: “Qual o teu percurso escola-casa?”, tendo como principal objetivo verificar se os alunos referenciavam algum património monumental local.

Assim sendo, com esta atividade respondemos à seguinte questão orientadora: **“Conhecem o património local e o trajeto existente escola-casa?”**. Contrariamente às hipóteses que se imaginou, a nível de reações e respostas, muitas delas foram inesperadas. Os alunos quando foi levantada a pergunta tiveram reações mistas, isto é, alguns alunos ficaram desorientados e perplexos com a pergunta, respondendo sobretudo: “Não passo por nada, só casas”, enquanto que houve alunos que sentiram a necessidade de responder e de ajudar. É necessário ter atenção que esta pergunta remete para o contexto familiar do aluno, pois nesta idade (sete e oito anos), o aluno é ainda uma criança, que gosta e sente necessidade de falar sobre si. Embora, o objetivo pretendido não seja esse, o aluno e esta pergunta remete-nos, de forma indireta, um pouco para o seu espaço familiar, sendo que alguns dos alunos pensaram automaticamente que nós os queríamos visitar, o que levou a que refletissem e fizessem um esforço para conseguir dizer pontos importantes, cuja finalidade era conseguir chegar às suas casas.

Com isto foi derrubada a minha conceção que quase todos os alunos não iriam conseguir indicar pontos referenciais e principalmente património monumental. Desta forma, 16% dos alunos indicaram pontos referenciais da freguesia e património local, sendo também de igual percentagem os alunos que indicaram pontos referenciais, direções e património.

Estes resultados foram fundamentais, para compreender se estávamos a traçar o caminho certo para desenvolver as atividades seguintes. Como esta atividade gerou uma pequena discussão saudável entre os alunos, no final de todas as entrevistas, os alunos foram perguntar sobre o que responderam, sobretudo sobre os seus colegas vizinhos. Esta interação levou a que recolhessem mais informação e por consequência corressem apressadamente até nós para acrescentarem mais dados sobre os pontos que passavam diariamente, completando assim as informações que nos tinham transmitido e a mesma curiosidade que foi levada até junto dos encarregados de educação. Por conseguinte, os alunos de forma a complementar ainda mais a informação questionaram os encarregados de educação, parecendo estes confusos sobre a questão colocada.

Esta discussão entre aluno/aluno e aluno/encarregado de educação trouxe a necessidade de implementar uma nova atividade: responderem a mesma questão só que desenhando. Ao planificar e implementar esta atividade gerou em nós, um pouco de controvérsia, apesar de ser uma atividade “diferente”, estava a ter o mesmo objetivo da entrevista, mas decidimos arriscar. No final de recolher os desenhos constatamos que os alunos tinham colocado novas informações nos seus desenhos. Com esta observação, deparamo-nos com novas informações sobre o património monumental, mas também verificamos a forma como olham para sua terra. O cuidado, sobre as cores escolhidas; o repensarem mil e uma vezes sobre o seu percurso feito escola-casa e de colocarem esses mesmos pontos por ordem; delineando as ruas (desenhavam o trajeto de duas cores, uma cor com o percurso escola-casa e uma segunda cor com outras vias que vão sendo encontradas, mas que não fazem parte do trajeto principal; desenhavam o percurso escola-casa e um percurso pessoal que faziam com os familiares noutros dias da semana; se ao longo do percurso iam encontrando várias ruas paralelas ou apenas traçavam uma única rua; se a presente rua tem uma descida acentuada ou uma curva); o olhar sobre o centro escolar (o paralelismo sobre o exterior e interior da escola). Em conclusão, os desenhos eram bastante pormenorizados, muito mais do que poderíamos esperar, pensando de novo que os estávamos a subestimar. Com o facto de desenharem os alunos tomaram consciência que diariamente passavam por algum património, o que levou imediatamente à curiosidade de saberem mais sobre ele. De modo a analisar de forma correta os desenhos e retirar o máximo de informação possível, foi necessário ir a todos os locais, que os alunos desenharam e contrastar com a realidade, fazendo um registo fotográfico pormenorizado. Este paralelismo provocou uma contraposição sobre as evidências dos alunos com a realidade. Este foi um trabalho moroso, mas essencial, pois não sendo habitantes desta freguesia, através do caminhar, da máquina fotográfica e dos desenhos dos alunos foi mais fácil conhecermos o espaço local. Com esta experiência abriu-nos novos horizontes sobre a importância para a preservação, de entender os diversos e distintos olhares de cada aluno, sobre a sua terra. Descobrimos, novos monumentos que até os próprios Santamartenses desconheciam, aprendemos a valorizar ainda mais os desenhos de cada criança. Em tom de curiosidade, na primeira vez que nos aventuramos nesta busca, nos

perdemos ao tentar descobrir a estátua da Nossa Senhora da Silva e o Castelo de Portuzelo, mas com ajuda do mapa itinerário da aluna RM, conseguimos voltar à rua principal. Cada desenho tem uma enorme riqueza.

Outra perspetiva de dar a conhecer a sua freguesia foi através de mapas. O contraste de um mapa antigo, com o mapa atual, suscitou diversas admirações por parte dos alunos. Através desta aprendizagem retiraram que ao longo do tempo, que o país também cresce e se modifica, uma das modificações além dos contornos e tamanhos, dos dois mapas apresentados, foi o facto de a sua freguesia ter um nome diferente em cada mapa apresentado e atualmente ter outro nome. Seguidamente na apresentação do mapa cartográfico da freguesia e o delinear do trajeto, também neste mapa, conseguimos compreender: o sítio onde viviam, se diariamente passavam por mais algum património monumental que não colocaram nos seus desenhos, quais os patrimónios locais que não passavam diariamente, mas se encontravam a uma curta distância, quais os colegas de turma que tinham maior número de património perto da sua habitação. Esta atividade foi uma forma de consolidar e dar um pouco a conhecer o vasto património da freguesia.

Estas atividades proporcionaram a ligação para a seguinte questão orientadora: **“Os alunos tem consciência sobre o que é património?”** os mesmos reconheceram que a palavra património, eram um conceito totalmente desconhecido no seu vocabulário e até de certa forma desconfortável, o que levou a que se fizesse um enorme silêncio, quando apresentada a palavra. Após lerem o seu significado no dicionário, foi necessário explorar o seu significado em várias vertentes para a sua devida compreensão, constatando que mesmo assim houve uma certa confusão entre património pessoal versus património histórico/cultural.

Quando mencionado “Património monumental”, e dando alguns exemplos já apresentados nas atividades anteriores, os alunos adotaram uma atitude mais calma e clara, enumerando todo o património que conheciam da freguesia.

Para os alunos conhecerem o património enumerado, foi apresentado um powerpoint com os seguintes monumentos: Capela St^o António, Igreja Paroquial de Santa Marta, Cruzeiro de Santa Marta, Escola Primária de Fonte Grossa, Castelo de Portuzelo, St^a

Tecla, Senhora da Silva Escura e duas alminhas, este tinha como o objetivo principal apresentar as diversas características sobre o património arquitetónico.

Para a base do powerpoint foi selecionada informação no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), em que se verificou que a Igreja Paroquial, Escola Primária de Fonte Grossa, Castelo de Portuzelo e Cruzeiro, faziam parte do património nacional. A restante informação sobre o património local foi pesquisado através do site da junta de freguesia de Santa Marta de Portuzelo. Assim sendo, utilizamos informação verídica e coesa, obtida por dois sites governamentais, em que adaptamos segundo o ano de escolaridade dos alunos, bem como a faixa etária em que se encontravam. É necessário salientar que todas as descrições tinham como apoio registos fotográficos, dos determinados monumentos. Esta apresentação com conjunto com o registo fotográfico foi uma mais valia para os alunos conseguirem localizar todo o património, pois é difícil enumerar nomes e transmitir ao aluno que mora relativamente perto de certo monumento e não o dar a conhecer pelo menos através de registo fotográfico. No decorrer da passagem das informações, de cada vez que aparecia um slide novo, os alunos reagiam de formas diferentes: a alguns alunos possibilitou reconhecerem mais património, outros a verem património que conheciam, mas que não se lembraram aquando efetuaram nas atividades anteriores.

Relativamente à terceira questão:- ***Os encarregados de educação conhecem o património que os rodeia na sua área de residência e transmitem esse saber aos seus educandos?***- a partir da análise dos dados alcançados pudemos concluir, juntamente com as referências bibliográficas, que o papel da família juntamente com a comunidade escolar tem obrigatoriedade e responsabilidade de dar a conhecer o vasto património da sua freguesia. Esta temática faz parte da cultura do aluno, sendo necessário para que evolua como um ser humano auto consciente dos seus direitos e deveres para a preservação e conservação do vasto património.

Apesar da maioria dos encarregados de educação não serem naturais da localidade em estudo, reforçaram e justificaram de forma mais específica a importância de os seus educandos conhecerem o património do ponto de vista cultural, contribuindo com exemplos de como explorar esta temática em contexto sala de aula. Nesta vertente a presença mais

referida foi o rancho folclórico, sendo considerado como um dos maiores pontos de riqueza da freguesia.

Respondendo à última questão: - ***Existe a preocupação de preservar esse património?*** e com o objetivo de consolidar todos os conhecimentos convidamos os alunos a visitarem as evidências históricas que ao longo deste tempo fomos apresentando. A iniciativa foi planeada, ao pormenor, circundando o património arquitetónico mais perto do centro escolar, pois teríamos de ir a pé. Planeamos juntamente com o professor coordenador o dia exato, mas nesse dia as condições atmosféricas não permitiram realizar a visita. Os dias seguintes, em que poderíamos realizar a visita surgiu esse mesmo contratempo. Ao longo do tempo, e quando se perspetivava a saída, fomos condicionados desta vez pela falta de recursos humanos. Uma vez que a segurança das crianças está em primeiro lugar, o professor cooperante aconselhou-me a desistir das visitas. Assim, adoptei outro método. Escolhi apenas dois patrimónios locais (Igreja Paroquial e cruzeiro) e registá-los através de uma pequena filmagem e de registos fotográficos, levei para a sala de aula estes instrumentos para serem analisados pelos alunos através das questões orientadas pela Doutora Helena Pinto.

Assim, verificamos na atividade das questões orientadoras da Doutora Helena Pinto, os alunos transportaram para as suas respostas uma importância mútua, ligando as suas conceções aos monumentos, de forma incrível. Caso que se destacou, foi a igreja paroquial havendo uma forte ligação para a preservação da mesma, sendo esta a “sua próxima casa” de tal facto, que refletem, que caso não seja preservado, deixa automaticamente de existir a figura de Deus e de “céu”, ficando totalmente desorientados, preocupados e nervosos. Esta mistura de emoções e da inter-relação conjunta da igreja com a morte foi surpreendente e inesperado, o que sem dúvida mostrou-nos outro olhar sobre o que pensam e a sua maturidade e sabedoria de crianças que são.

As respostas à questão: “Se tivesses de decidir apenas por um de entre todas as construções observadas, qual deles preservarias em caso de risco de desaparecimento?”, a maioria dos alunos respondeu a igreja, por motivos anteriormente referidos, seguidamente referiram o castelo, com uma percentagem significativa de 29%. Uma das alunas destacou-se no seu motivo, devido ao facto que ser proprietário de um castelo

significava ter muito dinheiro e por esta razão poderia ajudar os idosos. Esta maturação de raciocínio, nesta faixa etária é pouco comum, tornando-se bastante surpreendente a sua resposta. Segundo Ashby (2006, p. 156) reforça que a

investigação histórica deve permanecer como um aspecto importante da História escolar, e então desenvolver o conceito de evidência histórica nos alunos (pela exploração da natureza das questões históricas e a forma pela qual eles organizam os parâmetros para o tipo de evidência nas quais as respostas a essas questões possam estar baseadas, e na habilidade da evidência em sustentar o peso de qualquer afirmação que seja feita), deve ser o objectivo para o trabalho com fontes em sala de aula.

Assim sendo, estes dois patrimónios não foram escolhidos ao acaso. Como uma das perguntas a ser trabalhada foi: *“Que questões colocarias para tentares saber mais sobre este local”*, achei pertinente falar da igreja paroquial e do cruzeiro, para que elaboradas as questões, o pároco da presente localidade, pudesse vir responder de forma a consolidar todos os conteúdos. Esta entrevista resultou de fornecimento de conhecimentos, adequados à faixa etária dos alunos, salientando e reforçando o porque da importância de preservar o património monumental, dando exemplos simples, para proteger e evitar a degradar.

Desde do início das atividades implementadas foi importante compreender os saberes que o aluno tem sobre a educação histórica, sendo realizadas as entrevistas e os mapas itinerários. Após esta primeira realidade planificamos atividades pedagógicas para contrastar a concepção com a veracidade dos dados. Este método permitiu desenvolver: conhecimentos, saberes, identidade local e sobretudo o sentido telúrico, de uma forma simples e coesa. Esta ideia é reforçada por Barca (2001, p.15) que afirma *conceitos de significância histórica, mudança, evidência e narrativa têm sido centrais nestas pesquisas. A partir delas, concluiu-se que as crianças têm um conjunto de ideias relacionadas com a História, quando chegam à escola. O meio familiar, a comunidade local, os media, especialmente a tv, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. É a partir da detecção destas ideias – que se manifestam ao nível do senso comum, e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada – que o professor poderá contribuir para as modificar e tornar mais elaborada.* Assim sendo, é importante numa primeira fase retirar as

concepções dos alunos e posteriormente mostrar-lhes a veracidade ou não sobre as suas concepções.

Concluindo assim, verificamos sobretudo nesta atividade pedagógica que os alunos relacionam o património monumental com as suas vivências: igreja/morte, castelo/riqueza. Sendo um pouco difícil inicialmente, esclarecer ao aluno, a importância do valor e da preservação. Com todas as atividades implementadas e as análises feitas, afirmo que objetivos foram alcançados, devido ao investimento que me impos desde o seu início deste estudo e a curiosidade afincada num conhecimento aprofundado sobre o contexto local para conseguir despertar a curiosidade em conhecer e transmitir esse conhecimento aos seus familiares e amigos.

Relativamente às **dificuldades encontradas** ao longo deste estudo foi essencialmente o tempo para conjugar a prática pedagógica com a planificação semanal, construção dos materiais e recolha de dados para a dissertação. Todos estes elementos são essenciais para desenvolver um professor consciente sobre as suas práticas, mas o tempo é bastante curto, o que leva por vezes a uma tarefa difícil de desempenhar.

Reconhecemos que o trabalho poderia ser mais completo e melhorado, e que talvez com outras atividades retirasse mais informação do que aquela que recolhemos. Esta afirmação é feita devido às entrevistas individuais ao professor cooperante e pároco da igreja, no final do trabalho de investigação. Se as tivesse realizado inicialmente, antes de todo o estudo de caso talvez tivesse outro olhar sobre o trabalho, pois as informações recolhidas ajudar-me-iam a perspetivar sobre outros caminhos que não tomei, como por exemplo descobrir a história de cada nome de rua, ou seja, toponímia. A impossibilidade de visitar todo o património selecionado no início do estudo, fez com que não atingíssemos as metas propostas no início do estudo. Embora construíssemos uma solução para levar até aos alunos, por outras vias, a curta-metragem, que resultou muito bem com os educandos, podemos constatar apenas com as respostas que com esta atividade pedagógica alcançamos a questão orientadora centra: ***“Os alunos têm consciência sobre o que é património?”***.

Assim, achamos pertinente apontar algumas propostas a nível de **trabalhos futuros**, esta dissertação. Na nossa opinião este estudo tem as bases essenciais para o seguimento

de um relatório de doutoramento. Esta turma forneceu bastantes dados, sendo que acreditamos que com um maior tempo e disponibilidade, fossem ainda maiores as surpresas sobre esta temática.

Em suma, este trabalho foi exigente a todos os níveis, mas compensou todo o esforço exigido e na entrega a que nos propusemos desde o início. Tentamos sempre adaptar as nossas estratégias ao longo da recolha de dados e respetivas implementações. Com isto esperamos e é nosso grande desejo que tenhamos contribuído para a consciencialização da preservação do património, não só nos alunos, como também nos respetivos encarregados de educação e comunidade escolar, através da exposição da maquete no átrio da escola.

Referências Bibliográficas

- Alberto, A. Lopes, J. Machado, J. Rodrigues, D. & Viana, J. (1990). *Santa Marta de Portuzelo- a Terra, as Gentes, o Grupo Folclórico*. Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo: Viana do Castelo
- Almeida, C. A. F. (1993). *Património Riegl e Hoje*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Acedido em Março, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2249.pdf>
- Alves, L. (s.d). *A História Local como estratégia para o ensino da história*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Acedido em março, 2014, <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8786/2/4880.pdf>
- Ashby, R. (2006) *Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares*. Acedido em março, 2014, de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/download/5542/4056>
- Assembleia da República (1986). Decreto lei nº 46/ 1986, Diário da República – I Série – A- N.º 237 de Outubro de 1986. Acedido em outubro, 2014, de <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/2A5E978A-0D63-4D4E-9812-46C28BA831BB/1126/L4686.pdf>
- Assembleia da República (2001). Decreto lei nº 107/ 2001, Diário da República – I Série – A- N.º 209- 8 de Setembro de 2001. Acedido em outubro, 2014, de http://www.icom-portugal.org/multimedia/documentos/Lei_bases_patrimonio.pdf
- Assis, F. Costa, F. Lima, F. *A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões*. Acedido em abril, 2014, <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/geografia/article/viewFile/7338/4377>
- Barca, I. (2001) *Educação Histórica: Uma nova área de investigação*. Acedido em março, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf>

- Barca, I. (org.) *Educação e Consciência Histórica na era da globalização*. Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho/ Associação de Professores de História
- Barca, I., & Gago, M. (2001). *Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade*. Universidade do Minho. Acedido em março, 2014, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/563>
- Biklen, S., Bogdan, R. (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Cortesão, A. (1960). *Cartografia portuguesa antiga*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário a morte do Infante D. Henrique.
- Clozier, R. (s.d). *História da Geografia*. Publicações Europa-América
- Cunha, D., Deus, A., Maciel, E. (s.d) *Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: Uma metodologia*. Acedido em setembro, 2014, de http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14.pdf
- Daveau, S., Lautensach, H., Ribeiro, O. (1987). *Geografia de Portugal: I. A Posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa
- De Ketele, J., Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget
- D’Antola, A. (1976). *A observação na avaliação escolar: um estudo experimental*. São Paulo: Edições Loyola
- Di Leo, J. H. (1983). *A interpretação do desenho infantil*. Trad. de Marlene Neves Strey, Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA.
- Echer, I. (2001). *A revisão de literatura na construção do trabalho científico*. Acedido em setembro, 2014, <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4365/2324>
- Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura. (Vols. 15 e 17). Lisboa: Verbo

- Francischett, M. (s.d) *A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia*. Acedido em março, 2014, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>
- Freitas, M., Solé, M. (2003). *O uso da narrativa nos estudos sociais*. Braga: Universidade do Minho- Instituto de Estudos da Criança. Acedido em março, 2014, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4239/1/Pages%20from%20OACTAS.pdf>
- Gomes, A. *Estudo de caso–Planejamento e métodos*. Acedido em setembro, 2014, <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/187/257>
- Goodnow, J. (1987). *Desenho de crianças*. Lisboa: Empresa Norte Editora
- Hohmann, M. Weikart, D. (1995) *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Lessard-Hébert, M., & Goyette, G., & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Prática*. Lisboa: Instituto Piaget
- Medeiros, C. (1987). *Introdução à geografia de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa
- Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais de Estudo do Meio*. Ministério da Educação
- Ministério da Educação. Organização Curricular e Programas. Lisboa: Ministério da Educação
- Feldman, R., Olds, S., Papalia, D. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGraw-Hill
- Pinto, H. (2011). *Educação Histórica e Patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação: Especialidade de Educação em História e Ciências Sociais. Braga: Universidade do Minho
- Rodrigo, J. (2008). *Estudo de caso: Fundamentação teórica*. Acedido em setembro, 2014, de <http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, P. B. (2006). *Análise dos Dados: Metodologia de Pesquisa* (3ª ed.). Brasil: MCGRAW-HILL INTERAMERICANA

- Schmidt, M., Garcia, T. (2008) *Aprendendo a ler, aprendendo a escrever história: O olhar das crianças na produção do conhecimento histórico*. Acedido em abril, 2014, de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11523>
- Seemann, J. (2005). *A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará*. Acedido em setembro, 2014, de http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/29/PDF%20para%20INTERNET_29/2_DOSSI%3%8A_o%20espa%3%A7o_parte%201/CAP%205_JORN%20SEEMANN.pdf
- Silva, A. (2007/2008) *Leitura e Interpretação de Mapas e Gráficos – uma estratégia na prática cartográfica*. Acedido em abril, 2014, de <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/546-4.pdf>
- Silva, F. (1998). *História Local: Objetivos, métodos e fontes*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Acedido em março, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>
- Tuckman, B. (1994). *Manual de investigação em educação: Como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Yin, R. (2009). *Case study research: Design and methods*. United States of America: Sage Publications

Anexos

Anexo 1: Exemplar do questionário realizado aos encarregados de

Educação

Questionário

Caro encarregado de educação encontro-me a desenvolver um projeto do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico relacionado com perceções e perspetivas acerca da relação existente entre o património local e as crianças.

Gostaria de contar com a sua colaboração para o efeito apresento-lhe o seguinte questionário, sendo este totalmente anónimo. Desde já agradeço a sua colaboração.

- 1. É natural de Santa Marta de Portuzelo?

 SIM NÃO

- 2. Considera a freguesia interessante do ponto de vista da sua riqueza cultural?

- 3. Acha que estes elementos da cultura e do património da freguesia devem ser trabalhos pela escola? Como?

Anexo 2: Exemplar do pedido de autorização aos encarregados de educação para a recolha de dados junto dos seus educandos

Exmo. Encarregado de Educação,

Estimado (a) Encarregado de Educação no âmbito da unidade curricular Métodos II do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Viana do Castelo pretendo desenvolver um projeto de investigação-ação que envolva a participação do seu/sua educando (a). É importante referir que serão utilizadas gravações e imagens, sendo estas utilizadas apenas neste estudo, estando garantido o anonimato dos participantes.

Neste sentido gostaria de solicitar a sua autorização para a participação da criança neste mesmo estudo.

Muito grata pela atenção dispensada, a Mestranda,

(Assinatura do Encarregado de Educação)

CAPÍTULO IV- REFLEXÃO FINAL

Desde que me lembro, que quero ser educadora de infância. Fascinava-me o facto de ensinar os “pequeninos”, de serem sempre verdadeiras sobre aquilo que pensam. Todas as fases da vida são importantes e cada uma caracterizada segundo vários elementos. Mas, na minha opinião, a infância além de ser a base de todas as fases, é precisamente nesta fase que se dá os primeiros passos para a construção de um ser humano verdadeiro, feliz e auto consciente sobre as suas atitudes.

Quando iniciei a minha jornada na licenciatura, apenas tive como perspectiva futura de ser educadora de infância, a sua entrada permitiu contactar com diferentes níveis de ensino: pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo, através de um estágio de curta duração. Após o estágio no 1º ciclo, o meu olhar sobre este nível de ensino alterou-se, sendo que decidi candidatar-me ao mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º ciclo do Ensino Básico. Assim a licenciatura forneceu-me as ferramentas essenciais para entrar em harmonia no Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. No Mestrado, verifiquei que o grau de exigência era muito superior do que a exigida na licenciatura. Esta exigência fez com que aprofundasse mais os meus conhecimentos e adquirisse uma melhor preparação para a prática pedagógica. Esse conhecimento e atenção despendida por cada professor de cada área, foi essencial para o meu desenvolvimento como futura profissional. Sendo a teoria uma base fundamental para a compreensão do contexto, mas a parte prática foi o complemento essencial, pois como sabemos é indispensável aplicarmos a teoria à realidade do contexto.

A minha prática pedagógica teve início no contexto pré-escolar. Desde o primeiro dia de estágio verifiquei que os meus anseios estavam corretos. Além de ter uma par pedagógica e de nos apoiarmos mutuamente uma a outra, ter ao encargo vinte e um crianças, uma delas com NEE, num espaço de pequenas dimensões iria provocar uma tarefa árdua.

Contudo iniciamos a prática não somente com observações, mas com interação, isto é, fomos inseridas nas atividades propostas pela educadora cooperante, o que nos

ajudou a criar laços com as crianças e a percebermos melhor as suas dificuldades, bem como as suas potencialidades em certas áreas e domínios.

Com todos estes dados recolhidos verificamos que apesar de ser uma sala estipulada como “Sala dos 4 anos”, na realidade algumas crianças tinham feito os quatro anos recentemente e outras já tinham cinco anos. Ao nível também do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social as crianças eram bem distanciadas umas das outras, isso verificou-se essencialmente através das atividades pedagógicas realizadas ao longo das implementações.

Assim, futuramente, cabe-me a mim adquirir diferentes estratégias ao longo das implementações, e adequar as respetivas atividades segundo o seu desenvolvimento, ou seja, obter os seus conhecimentos prévios, e a partir daí explorar para que cada criança despertasse a sua curiosidade, sem forçar nem contradizer.

Durante todas as implementações tive a preocupação de incluir a interdisciplinaridade, o que resultou bastante bem a junção entre as áreas e domínios, pois permitiu que as crianças adquirissem os conhecimentos de uma maneira bastante espontânea.

Relativamente às dificuldades sentidas, o facto de semanalmente planificar as atividades pedagógicas, constituiu inicialmente uma enorme dificuldade. Além de ser um instrumento essencial para a preparação de uma aula, no início tornou-se bastante difícil adequar as atividades pedagógicas com as orientações curriculares. Como refere Hohmann & Weikart (1995) *o planeamento é um processo no qual os objetivos internos dão forma a ações antecipadas*. Ao longo do tempo, a planificação tornou-se um instrumento essencial e indispensável, pois ao colocarmos as ideias no papel bem como planificar todos os passos, era possível extrapolar de que forma iria decorrer a sessão.

Estas semanas foram apoiadas quer pela educadora cooperante, quer pelos professores, que nos alertavam por vezes sobre a complexidade de cada atividade pedagógica, o que levava a uma discussão saudável e enriquecedora.

Um aspeto que na minha opinião, foi mais complicado e todas as semanas fui alertada para esse aspeto, foi relativamente ao tempo despendido para cada tarefa. Em cada semana tinha sempre em consideração esse aspeto, mas por vezes era difícil, pois os

alunos por vezes, não estavam tão recetivos a fazerem as atividades planeadas, devido a terem outras distrações aliciantes.

Como as crianças na sua maioria eram bastante ativas, o que as vezes ao nível de controlo da atenção do grupo as dificuldades assentam-se significativamente, sendo que tive de estipular a mim própria a criação de estratégias para cativar a atenção destas. A estratégia utilizada foi sem dúvida a intensidade da voz, em que o fato de começar a falar baixinho cativa rapidamente a curiosidade e o despertar da atenção.

Todas estas dificuldades que se transmitiram por vezes em tristeza e desanimo, apenas serviram o meu crescimento pessoal e profissional. Passado algum tempo as crianças estavam a desenvolver-se de forma harmoniosa, sendo que as que tinham bastantes dificuldades estavam em dar pequenos passos para a “vitória” e isso despertava-me em cada dia uma alegria. Em cada um deles que me vissem mais cansada, ficavam alertados e cuidadosos como interagir comigo, dando-me sorrisos e “miminhos”, como uma flor ou um desenho. Todos estes gestos simples que “os meus meninos” tinham para comigo, foi cada vez mais “simples” cativá-los e despertar a sua curiosidade para aprender e querer saber mais. Assim, em relação a interação com as crianças foi sem dúvida fascinante, ver o conhecimento não só que lhes posso transmitir, mas também aprender com elas. O saber ouvi-las o que elas tinham para dizer, foi fundamental para partir das suas ideias e guiar-me na construção das planificações para lhes fazer sentido e gosto, despertando assim a sua curiosidade.

A transição para o 1º ciclo, foi bastante suave, uma das causas foi que além de conhecer a instituição, era já ter sido estagiária do professor coordenador Manuel Lima, em época de licenciatura. Fiquei muito feliz com essa escolha, porque saberia que apesar de não saber o que me esperava ao nível da turma que iria encontrar, saberia que iria ter apoio nesta caminhada.

À chegada da escola, já alguns alunos comentavam “são as estagiárias novas”, aquando a chegada a sala, encontramos uma turma de 2º ano, composta por vinte e cinco olhares curiosos e cheios de perguntas. Fui bastante bem recebida por toda a comunidade escolar, especialmente pelo professor Manuel e os alunos.

De imediato o professor coordenador quis aproveitar uma reunião com os encarregados de educação para nos apresentar a estes. Esta reunião ajudou sem dúvida a criar uma forte relação com os encarregados de educação, onde aproveitamos para informar sobre a nossa futura dissertação e como era de enorme importância serem participantes ativos. Este facto comprovou-se na recolha de dados dos inquiridos, em que apenas um encarregado de educação, não quis fazer parte do estudo.

Ao nível das observações foi diferente relativamente ao pré-escolar, em que no pré-escolar tive participação inteiramente ativa, desde o início, enquanto neste nível de ensino focalizamos nesse tempo ajudar os alunos com mais dificuldades. Este método ajudou em duas formas: a observar distanciadamente de forma mais atenta e olhar de uma forma geral, mas especifica ao mesmo tempo. Com isto quero dizer, que quando estamos na prática pedagógica direcionamos um olhar e as vezes escapa-nos situações. Enquanto na visão de observador, durante algum tempo deu para compreender certos gestos, como expressões faciais que tinham quando não percebiam algum tema ou tinha alguma dúvida, mas por vergonha não a esclareciam. Consegui com a observação compreender os alunos mais distraídos e os mais atentos, embora que por vezes os alunos mais “caladinhos”, eram os que estavam mais desatentos. Assim, a compreender quais as áreas em que os alunos detinham mais dificuldades e facilidades. Tudo isto ajudou a refletir quais as práticas que deveria tomar perante a turma, quando as implementações comesçassem a surgir.

Apenas senti que conheci a turma na sua essência quando estava a finalizar a prática pedagógica.

Nesta mesma fase, as regras que tentei que fossem incutidas inicialmente, estavam finalmente a dar os seus frutos. Uma das regras que tive bastantes dificuldades em atingir foi que aprendessem a trabalhar em grupo em harmonia. Inicialmente os alunos aquando formados os grupos, trabalhavam individualmente. Nas últimas semanas verifiquei que já tinham discussões saudáveis, cooperando conjuntamente para atingir objetivo/tarefa.

Chegado o momento de despedida tornou-se um pouco difícil não só para mim, como para os alunos. Na última semana recebi ramos de flores, papéis com mensagens, desenhos. Neste tempo criamos laços além de aluno/professor, cria-se uma ligação de amizade, em que a base fundamental é a confiança. Estamos uma grande parte do tempo

com os alunos, vemo-los a evoluir, acompanhados das suas tristezas e alegrias, e isso também me preencheu a mim como pessoa que sou e futura profissional. Saber ouvir foi a base de toda a conquista, este simples gesto é algo que deveríamos fazer em qualquer situação do dia-a-dia. Tentei sempre ouvir as suas opiniões, conquistas e vitórias, e o facto de reconhecer não só as conquistas, mas sobretudo dar um reforço quando “erram”, levou a que certos comportamentos em sala de aula se modificassem pela positiva. Um dos comportamentos que me destacou inicialmente foi que muitos alunos não participavam ativamente durante as aulas, devido ao facto de pensarem que a sua resposta vai estar errada. Desta forma, tentei mudar as palavras de “erras-te”, “está mal”, para, “percebeste este exercício?”, tentando aplicar uma nova estratégia, levando o aluno a encontrar o seu próprio “erro”, transmitindo assim aos alunos que o conceito de errar é o primeiro caminho para aprender.

Com isto, aprendi a aplicar aquilo que aprendi na teoria e necessitei de estar em permanência atualização, o que levou que a componente teórica, fosse também sempre acompanhada para estabelecer uma ligação entre todos os conteúdos e disciplinas uma ligação coesa.

Assim sendo, evolui como pessoa e profissional e tenho certeza que todas as práticas pedagógicas que fui realizando ao longos destes anos académicos, me vão ajudar a iniciar a minha carreira como futura educadora e professora.